

MARIA HELENA KÜHNER

TEATRO PARA CRIANÇAS E JOVENS
(DE TODAS AS IDADES)

Ed. Vertente Cultural - RJ

Publicações da Autora (em livro)

- *Teatro em tempo de síntese* (ensaios) - Ed. Paz e Terra - 1971
 - *Foto de Crepúsculo* (peça teatral) - na Coleção Prêmios do Concurso Nacional de Dramaturgia do Serviço Nacional de Teatro - 1971
 - *Anchieta* (peça infantil) - Na Coleção Prêmios do Concurso Nacional de Peças Infantis do Serviço Nacional de Teatro - 1972
 - *Opções da esquerda* (co-autoria) - Ed. Paz e Terra – 1972
 - *Teatro Popular - Uma experiência* - Ed. Francisco Alves – 1974
 - *A Menina que buscava o Sol* (4 peças infanto-juvenis e um ensaio) - Ed. Cátedra - 1975
 - *O Desafio atual da Mulher* (ensaios) - Ed. Francisco Alves – 1977
 - *O Teatro de Revista e a Questão da Cultural Nacional e Popular* - Ed. FUNARTE - 1979
 - *Represa* (peça teatral) - Na Coleção Prêmios do Concurso Nacional de Dramaturgia do INACEN - 1980
 - *CPCs: momento ou modelo?* (monografia)- Na Coleção Prêmios do Concurso Nacional de Monografias, Ed. INACEN - 1981
 - *O-que-se-mostra e o-que-se-esconde* (literatura juvenil) - Cia. Editora Nacional -1986
 - *A Comunicação teatral: 1980-83* (pesquisa) - Ed. Europa - 1984
 - *Com o Suor de nosso rosto* (peça teatral) - Ed. Antares - 1985
 - *Será uma vez* (literatura infanto-juvenil) - Na Coleção “Os 10 Direitos da Criança e do Adolescente” (foi também a Coordenadora da Coleção E responsável pela seleção dos demais autores) – Ed. Antares - 1986
 - *A Linguagem do teatro hoje* (no Ciclo de Palestras do Teatro Brasileiro) - Ed. INACEN- 1987
 - *Teatro Amador-Radiografia de uma realidade* - Na Coleção Documentos, do Centro de Estudos de Artes Cênicas - Ed. FUNARTE - 1987
 - *É* (literatura infanto-juvenil) - Ed. Atual / Saraiva - 1988 (em 12ª edição)
 - *Teatro - Espelho e resposta* – (Pesquisa e texto) - Ed. Trampo - 1989
 - *A Transgressão do Feminino* - Ed. IDAC/ Depto. Letras da PUC-RJ - 1989
 - *VI Antologia de Contos* – na Coleção *Prêmio Alberto Renart* – Fundação Cultural Cassiano Ricardo - São José dos Campos - SP- 1993
 - *Homem / Mulher - Uma relação em mudança* (org, e co-autoria) – Ed. do Centro Cultural Banco do Brasil - 1994
 - *Geschlechter - Performance, Pathos, Politik* (co-autoria) – Ed. Vervuert – Alemanha - 1997
 - *O Fio de Ariadne* (trilogia teatral) – Prêmio Gov. Estado do Paraná - Imprinta Editorial - 1998
 - *Feminino-Masculino no imaginário de diferentes épocas* (org, e co-autoria) - Ed. Bertrand Brasil - 1998 – *Prêmio Oliveira Martins* - UBE - 2000
 - *A Menina que buscava o Sol* (nova edição) - Ed. Vertente - 2001
 - *Opinião* – Ed. Relume-Dumará - RJ-2001
 - *O Teatro dito Infantil*- (org, e co-autoria) - Ed. Cultura em Movimento – Blumenau/ SC-2003
 - *Cada canto tem um conto* (Antologia de contistas contemporâneos) - Ed. Sobreletras - 2004
 - *Album de Fotos* (Antologia de contistas femininas contemporâneas) - Ed. Lazuli-SESC / SP - 2005
 - *A Redescoberta da América*, no Ciclo de Peças do IICG – Ed. Ouvir e Ler - RJ-2009
- Por sair: - *SobresSaltos* (contos)
- *Teatro e Movimentos Sociais* (Um ensaio e 6 peças curtas)

- Lançou, em *site* na Internet (www.kuhner.com.br/catalogo) o *Catálogo da Dramaturgia Brasileira*, abrangente pesquisa com mais de 5.500 obras teatrais do Acre ao Rio Grande do Sul e de 1567 (José de Anchieta) a nossos dias. O Catálogo recebeu o Prêmio Shell - Categoria Especial / 2006. E a partir de 2008 passou a integrar *Rede da Memória Virtual da Biblioteca Nacional*: redememoria@bn.br

INDICE

Apresentação.....	
Joãozinho Peteleco.....	
Aventuras de um Diabo Malandro.....	
O Jogo da Caça ao Pássaro.....	
A Menina que buscava o Sol.....	
Anchieta.....	
É.....	
O- que-se-mostra e o-que-se-esconde.....	
De Histórias e Lendas.....	

Apresentação

Apresentação: tornar-se *presente*, *presença*. Mas *presença* não se faz com biografia exposta em números, nomes e dados. Uma biografia assim é tentativa inútil: a vida não se escreve, vive-se, con-vive-se, e o existir (ou não) tem uma carne e sangue que não cabem em uma cronologia vestida na seca linguagem dos números.

O que eu sou – ou estou sendo, buscando ser sempre mais;

O que eu faço – e, neste fazer, o trabalho do pensamento e das mãos tecendo com os fios dados figuras sempre novas, que são imagens do visto e vivido;

O que eu sinto – e neste sentir a permanente porosidade que traz para meu interior o mundo externo, criam a força e o impulso que levam à expressão.

Ex-pressão: *pressão* que devolve ao *ex-terior* aquele mundo, ainda molhado do mergulho interno. Pressão que não se satisfaz no impulso de externar, mas dirige esse impulso ao outro – aos companheiros que também caminham, para comunicar-lhes o experimentado.

Comunicar: buscar o que existe entre nós *em comum*, as vivências que são, não de um só, mas de muitos, ou de todos, quando se tornam o sonho de uma sociedade em que cada homem seja para o outro um *socius* ou aliado e a luta seja pela Vida, em nome da vida e não uma guerra de sobre (ou sub)vivência.

Sonho, hoje. Bússola e busca também.

Busca adubada por uma época em que a realidade deixou de ser para nós um limite e passa, por sua abertura em todas as direções, a desvendar-nos o infinito de suas possibilidades. Nessa realidade ampliada e aprofundada, a “fada” é a Ternura que começa súbito a se fazer presente em nossa visão e ação; o invisível passa a ser mais mágico porque mais verdadeiro; a natureza aparece com as marcas do homem que sobre ela age e a quem busca cada vez mais humanizar, contra tudo ou todos que o poderiam deformar, impondo-lhe comportamentos e atitudes que não correspondem a sua maneira de ser, ou fazendo da ciência e da técnica, que devem estar a seu serviço, uma arma para ambições e interesses de uns poucos, em vez de descoberta e caminho geral.

Busca que nos faz ver à distância, em perspectiva, nosso planeta e os seres que nele se movem; ou melhor, que são movidos, muitas vezes, por interesses e ambições a serviço dos quais põem tudo e todos. Deixando apenas, como sonho e estímulo à luta, a visão e

esperança de uma nova realidade e uma nova gente.

Busca que nos faz acariciar com mãos amorosas este pequeno pássaro que vive em cada criança – e também na criança que ainda existe em nós – para abrigá-lo de todas as caças, manter seu encanto e magia, contagiar com essa magia os que dele se aproximam e nele se redescobrem, maiores e mais vivos. E podem assim fazer, dessa redescoberta, empenho por aquela luta pela vida, em nome da Vida. Luta capaz de transformar as cartas ou figuras que ainda compõem o jogo social em seres vivos com um rosto humano.

Busca que nos leva a empreender a caminhada, a atravessar o ar, a terra, a água e o fogo, enfrentar as dolorosas mutações de um crescimento, sabedores, já, de que só assim surge o Encontro, conosco mesmos e com o outro, fazendo desaparecerem as fronteiras entre o sonho e a realidade. E lembrando, mais uma vez, que o Sol não amanhece sozinho, se é a união de todas as cores, ele só surge da união de muitos, ou de todos.

Busca que é, portanto, de todos os que sonham com um mundo em que a imaginação consiga romper os muros da lógica pobre dos chamados “adultos”; em que a criatividade possa fazer parte de nossos dia-a-dia; em que cada um se preocupe em saber e sentir as fantasias interiores, as tristezas e alegrias do outro. Que assim o mundo certamente será diferente, mais alegre, e mais cheio de *vida*.

Por isso o livro é dedicado a todos os que, em qualquer idade, sabem guardar dentro de si a criança, i.e., a capacidade de criar, de inventar, de imaginar, que faz Bachelard dizer que “a infância é o poço do ser”. E Guillebaud nos lembrar que “o planeta Terra do futuro não é algo a ser por nós descoberto: é um mundo a ser inventado, e construído, por nós”.

Maria Helena Kühner

JOÃOZINHO PETELECO

Prêmio no Concurso Nacional do CAD

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - 1965

É a 1ª peça escrita pela Autora.

1ª Montagem - Teatro São Pedro - Porto Alegre- Rio Grande do Sul — 1965

Direção: NAIR MIORIN PAIVA

“Mesmo em ação e movimentação cênica ainda convencional (bem e mal, cientistas, bandidos) há nítidas correlações com aspectos mais profundos do desenvolvimento infantil: Joãozinho, sentindo-se rejeitado, fica invisível, capaz de se criar pela própria fantasia e de enfrentar a realidade ameaçadora. Deixando o lado invisível da fantasia limitado em doze horas, a autora funde o externo e o interno em uma mesma busca. O poder da fantasia tem seu limite na própria realidade, precisa da realidade para existir, não é um moto contínuo, uma projeção inconsciente e eterna, que geraria a onipotência, a fantasia de poder inesgotável.

Avançando numa linguagem acessível ao mundo infantil e adolescente, à criança que permanece nos adultos, a peça consegue, sem tirar as crianças de seus brinquedos e fantasias, fazê-las sentir e pensar, sem modelos de fora para dentro, sobre problemas que adiante terão que enfrentar, e que poderão enfrentar se conseguirem guardar dentro de si mesmas seu espaço pessoal, tão vinculado, no início, ao poder de suas próprias fantasias.

Luiz Paiva de Castro

Escritor e Psicanalista

Cenário: Casinha (telhado, porta e janela visíveis), cerca lateral de madeira, tendo atrás, pintados sobre madeira recortada ou em fundo que possa ser retirado, girassóis de grande porte.

Helena e Joãozinho, de uniforme e pasta, voltando do colégio.

HELENA — E você nem assim toma jeito, não é? Onde é que já se viu? Um menino do seu tamanho, já não é nenhum bebezinho!...

JOÃOZINHO — *(Arremedando ...* “já não é nenhum bebezinho! E você, pensa que é a tal? Só porque tira medalha acha que pode mandar em mim, é?

HELENA — Só porque, tiro medalha, não! Você mesmo ouviu D. Eufrosina dizer na hora da distribuição de prêmios: "Você devia ser como sua irmã! Você tem a seu lado um modelo! Por que não o segue?"

JOÃOZINHO — Ah, é? Então vou começar... *(Observando e imitando)* Primeiro, por o nariz para o alto; depois fazer cara de convencida, de quem é a maior...

HELENA — Olha aqui, seu bobalhão! É melhor ser convencida do que ter o apelido ridículo de Joãozinho "Peteleco", porque não para de mexer com os outros!

MÃE — *(Pondo a cabeça pela janela)* Ih! Já chegaram brigando outra vez! Vocês não conseguem ficar juntos, como dois irmãos, sem discutir e brigar!

HELENA — É que esse menino, pra variar, ficou de castigo porque foi expulso da sala...

MÃE — Por que, Joãozinho?

HELENA — *(Respondendo por ele)* — Porque pegou um pedaço de giz...

JOÃOZINHO — Não era pedaço de giz! Era um foguete voador, com ponta bem fina, jato atrás...

HELENA — *(Como se ele não estivesse falando)*... e jogou na cabeça da professora que estava escrevendo no quadro...

JOÃOZINHO — Não foi na cabeça dela! Joguei no Gelatina, aquele gordo de minha classe, mas deu azar dele afastar pro lado pra ver o quadro bem na hora e o foguete... zuuummm... acertou direto na professora!

MÃE — Tem muita graça, não é? E ainda conta com essa cara! Devia ter vergonha, Joãozinho! Quando eu vou ao colégio só recebo queixas de você: que não pára quieto, que mexe com todo mundo, que fala a aula toda, que não dá sossego dois minutos! Já nem tenho mais cara de aparecer lá!...

HELENA — Pois eu, pra compensar, tirei 1º lugar de novo...

MÃE — Está vendo Joãozinho? Sua irmã só me dá prazer! Você devia seguir o exemplo dela! Mas você é o contrário! *(Helena faz um gesto de quem diz: viu?)* Só me traz aborrecimentos! Às vezes me dá vontade de mandar você ir morar com seu pai. Acho que vou falar com ele e ... *(Pára, cheirando o ar)* lh, minha carne está queimando! *(Entrando)* Vão trocando de roupa pra não sujar o uniforme! Joãozinho, quando seu pai vier, você vai ver!

Helena entra, vitoriosa. Joãozinho senta-se no batente da porta.

JOÃOZINHO *(Revoltado)* — Ahn... "Seguir o exemplo"... Eu não sou vagão de trem pra andar seguindo os outros!... Eu sou eu e ela é ela!... Mania de pensar que todo mundo é igual, que um tem de fazer as coisas que o outro faz! Agora deu pra dizer que vai me mandar embora, pra casa de meu pai. Então é que não gosta mais de mim *(Comovendo-se)*, que não se incomoda que eu vá pra longe! Dá vontade de sumir logo, ir pra um lugar em que ninguém fique me chamando de "Peteleco" e lá...

Interrrompe-o um grito.

— Ah! Deve ser aqui!

É o Doutor Micanço: maleta, guarda-pó branco, cabelos revoltos, óculos na ponta do nariz, ar de cientista que vive no mundo da Lua.

DOUTOR MICANÇO — Deve ser aqui mesmo! *(Caminhando e consultando bússola)* Vejamos: o ponto estaria a 5º de latitude e sobre o meridiano que passa pela cidade de Xiquexique. Se meus cálculos estão certos, estou apenas a alguns passos do local exato!

Passa, sem vê-lo, ao lado de Joãozinho, que se levantara com o grito e que, intrigado, começa a segui-lo na ponta dos pés.

JOÃOZINHO — Quem é esse cara?!...

Pára de repente e Joãozinho choca-se com ele.

DOUTOR MICANÇO — Oh! Perdão, caro jovem! É aqui que é aqui?

JOÃOZINHO — Ué, aqui só pode ser aqui! Queria que aqui fosse lá? *(De lado)* Esse sujeito é doido!

DOUTOR MICANÇO — Se aqui for aqui, então estou no lugar em que crescem os "Pilecantropus oleaginiticus" que coroarão de êxito minha experiência?

JOÃOZINHO — Hein?... É algum bicho que o senhor está procurando, é?

DOUTOR MICANÇO — Bicho? Oh, não!... *(De lado)* Esquecia-me que estava lidando com um ignorante!...

JOÃOZINHO — Pronto! Lá vem mais um pra me anarquizar!

DOUTOR MICANÇO ("*doutoral*") — "*Pilecantropus oleaginiticus*" é o nome de uma qualidade especial daquilo que o vulgo chama de "girassóis". Girassóis, sabe o que é?

JOÃOZINHO — Ah! Falando como gente é lógico que sei... Na minha casa mesmo tem uma porção!

DOUTOR MICANÇO — (*Ansioso*) — Na sua casa!... E onde é sua casa?

JOÃOZINHO — Ali.

DOUTOR MICANÇO — Maravilhoso!! E, diga-me, são amarelos, com miolo marron e bem graúdos, da altura média de uma pessoa?

JOÃOZINHO — São! E daí?

DOUTOR MICANÇO — (*Cai de joelhos*) Ma-ra-vi-lho-so! Eis compensado o árduo labor de toda uma existência consagrada à pesquisa científica! Serei famoso! Ficarei imortal! Os povos venerarão minha glória e os homens murmurarão meu nome com respeito e unção!

JOÃOZINHO — Ih!... Quer me dizer pra que esse escândalo todo por causa de uns girassóis que ninguém liga e que crescem atrás da cerca que nem mato? Minha mãe já pensou até em mandar cortar!

DR. MICANÇO — (*Erguendo-se e limpando o guarda-pó com ar de desprezo e indignação*) — Cortar!... Oh, ignorância vulgar!

JOÃOZINHO — Hei, vamos parar por aí! Me chamar de ignorante, vá lá! Mas minha mãe, não!

DR. MICANÇO — Perdão, jovem. Não quis ofender. Vou lhe explicar. É que o pólen dessa planta... Pólen é aquele pozinho que sai da flor...

JOÃOZINHO — Ora, isso eu sei... Fala logo!

DR. MICANÇO — ... o pólen dessa planta tem propriedades especiais e adicionado a um preparado por mim imaginado e que trago em minha maleta pode tornar qualquer coisa invisível!

JOÃOZINHO — O quê?! Tornar invisível? Mas invisível não quer dizer "que ninguém vê?"

DR. MICANÇO — Exatamente!

JOÃOZINHO — E como é que uma coisa pode ficar invisível, sumir assim da vista da gente?

DR. MICANÇO — Simples! Nós só vemos os objetos por causa de sua cor. A diluição instantânea da propriedade física que permite aos objetos absorverem determinadas tonalidades dos raios solares...

JOÃOZINHO — Ih, doutor, chega! Já vi que não vou entender nada mesmo... Me mostra como é.

DR. MICANÇO — Então vamos apanhar um pouco de pólen de "Pilecantropus oleaginaticus".

JOÃOZINHO — Tá ali, ó!

O Doutor procura e, vendo os girassóis, inclina-se sobre a cerca e apanha algo na flor. Ouve-se um gemido — Ai! — que nenhum dos dois parece perceber.

DR. MICANÇO — (Voltando) — Pronto! Aqui está!... Agora... (Abre a maleta e tira um vidro e um tubo de ensaio enquanto fala) É só misturar em pequena dose, umas 5 miligramas... (Coloca algo no tubo)... derramar o preparado em cima...(No vidro, algum reagente que desprenda vapores azulados) ... e pronto!

JOÃOZINHO — (Recuando, espantado) — Será que este homem é algum bruxo?

DR. MICANÇO — (Para si) — Quantos benefícios isto pode trazer! A polícia poderá prender bandidos sem que eles possam reagir! A maldade terá sempre medo de agir! É como se tornássemos viva e presente na mente dos homens a figura dos anjos da guarda que impedem as más ações! (Olhando o tubo contra a luz) Pronto, meu amiguinho! Vamos experimentar! Dê-me algo!

Joãozinho tira do bolso objetos os mais variados e inesperados, como costuma haver no bolso de menino desta idade. Escolhe um e entrega ao doutor.

DR. MICANÇO — (Tomando o objeto) — Derrama-se o líquido num recipiente... Você tem algum prato ou bacia?

JOÃOZINHO — Espera aí!

Entra em casa correndo. Ouve-se a voz da mãe.

MÃE — Menino! Você ainda está de uniforme! Vá trocar de roupa!

Ele volta com uma vasilha na mão.

DR. MICANÇO — (Que ficara a examinar a reação no tubo) — Ótimo! Como eu dizia, derrama-se o líquido num recipiente... Assim... Imerge-se o objeto e... (Ergue a mão como se segurasse algo no alto)

JOÃOZINHO — (Olhando, estático) — Ih! Sumiu!

DOUTOR MICANÇO — Viu agora?

JOÃOZINHO — Puxa! Sumiu, na minha frente! Ficou invisível, é?

DOUTOR MICANÇO — (Ainda com as mãos na mesma posição) — Toque-o! Está em minhas mãos! Sumiu para os olhos, mas você pode senti-lo com o tato.

Joãozinho faz gesto de quem apalpa o objeto e exclama:

JOÃOZINHO — É mesmo! Está aqui! Legal! Puxa!

Durante essas falas apareceram em outro ponto dois homens, que ficam

observando a cena.

DOUTOR MICANÇO — A inteligência do homem faz maravilhas, meu caro! Com vontade, esforço e estudo o homem inventou quase tudo que existe!

JOÃOZINHO — É... esse negócio de estudo é que atrapalha tudo... Mas até que eu gostaria de estudar se virasse cientista, nem que fosse maluco também!... Ih! Desculpe, falei sem querer...

DOUTOR MICANÇO — Não faz mal... Também não me apresentei antes: *(Curvando-se)*
Doutor Macário Micanço, às suas ordens.

JOÃOZINHO — *(Curvando-se também)* — Joãozinho Peteleco...

Os dois homens, de seu lugar.

1º HOMEM — Doutor Micanço! É ele mesmo!

2º HOMEM — Então aquilo que ele fez não foi mágica! Ele já descobriu mesmo a fórmula da invisibilidade! Vamos...

1º BANDIDO — Espere! Afobação pode por tudo a perder! Vamos esperar uma oportunidade e pegar o Doutor e a maleta!

DR. MICANÇO — *(Continuando o que dizia)*... e eu vou até lá comunicar minha descoberta.
Como seria perigoso ficar andando por aí com minha maleta, vou deixá-la com você.

JOÃOZINHO — Pode deixar. Eu tomo conta.

DOUTOR MICANÇO — Eu não demoro muito. *(Sai)*

Joãozinho senta-se, de costas para o lado em que estão os homens.

JOÃOZINHO — Puxa! Já pensou que gozado... Fazer sumir as coisas... *(Imaginando)*
Zuummmmm...! Sumiu! Queria só ver a cara de espanto dos outros... *(Pausa)* Será que serve para gente também?

Um dos homens, pé ante pé, aproxima-se por trás.

JOÃOZINHO — Ficar invisível! Seria ótimo, só para dar um susto nos colegas... na diretora... em Helena... Ela diz que não acredita em fantasmas... Hah!...

O homem espicha a mão para a maleta, Joãozinho se mexe e ele recua.

JOÃOZINHO — Puxa! Por falar em fantasmas tive até a impressão de ter um atrás de mim...
É melhor ir para dentro...

Apanha as coisas e fecha a maleta. O homem recua para junto do outro.

1º BANDIDO — Diabinho! Vai pra dentro de casa e lá vai ser mais difícil pegá-lo! *(Saem)*

Joãozinho parado, com o tubo de ensaio nas mãos.

JOÃOZINHO — E se eu bebesse isso e ficasse invisível?... Ninguém liga pra mim... É como se ninguém me visse, como se eu fosse invisível mesmo... Até mamãe quer me ver

longe... Então vou sumir! Pronto! Vou apanhar mais pólen e preparar um pouco desse líquido para mim...

Apanha o pólen (gemido, que ele não ouve. Fecha a maleta e entra.

Piscar da luz. Ao reacender agora se vê que os girassóis são figuras vivas: corpo e pernas vestidos de malha verde; folhas presas aos braços; rosto marrom claro e, em torno do rosto, as pétalas amarelas.

1º GIRASSOL — Ai! Até agora estou com o nariz doendo por causa daquele doutor maluco que veio raspá-lo! Tirou toda a minha maquilagem!

2º GIRASSOL — Hum! Quando é o beija-flor que fica te namorando nem te incomodas!

3º GIRASSOL — (*Espreguiçando-se*) Ahn... Estou tão cansada... Está um calor tão grande...

Será que o Senhor Vento não vai passar por aqui hoje? É tão gostoso quanto ele chega soprando, trazendo aquele fresquinho bom...

4º GIRASSOL — Eu prefiro Dona Chuva... Quando ela chega de mansinho e começa a jogar aquele chuveirinho na cabeça da gente, eu levanto assim os braços e deixo molhar o rosto até ele ficar cheio de gotinhas d'água...

2º GIRASSOL — É, mas às vezes ela vem furiosa e chega a dar cada lambada de água na gente!...

1º GIRASSOL — Ah, mas isso só quando Dona Ventania vem empurrando... D. Ventania é que é um bocado bruta! Não sei como pode ser mãe de uma menina tão gentil como a Brisa...

VOZ DE JOÃOZINHO — Caramba! Será que eu estou ficando maluco? Flores conversando!

Luz azul em ponto próximo a ele, no qual surge uma silhueta feminina:

SILHUETA (*Voz off*) – Mas você já tinha aprendido em suas aulas de Ciências que as plantas e os animais são seres vivos, que têm vida, respiram...

JOÃOZINHO – Bom, mas aí a gente só decora pra fazer prova e nem presta atenção direito...

3º GIRASSOL — Epa! Vocês ouviram alguma coisa?

Silhueta some.

4º GIRASSOL — Ouvi a voz de Joãozinho (*Procurando*) Mas ele não está aqui...

1º GIRASSOL — Eu já ia correndo para o meu lugar! Não gosto de gente. Batem em nós, por brincadeira...

2º GIRASSOL — Quando não nos arrancam do lugar para enfiar em algum jarro...

3º GIRASSOL — Puxa! Você está sempre de mau humor... Pois eu até que gostaria de ser uma florzinha pequena e ir enfeitar o jarro de alguma casa... Ficar lá dentro, vendo o que as pessoas fazem... As pessoas são tão engraçadas!

2º GIRASSOL — Hummm... É o mesmo que na rua... Só fazem bobagens...

Ouvem-se passos. As flores correm a imobilizar-se.

GIRASSÓIS — Vem gente!

Entra um sujeito de chapéu, assoviando. Ouve-se a voz de Joãozinho:

JOÃOZINHO — É agora que eu vou me divertir!

O chapéu do homem deve estar amarrado com um fio fino, que será puxado de trás. Quando o homem chegar ao meio da cena, puxá-lo para que caia e, à medida que ele quiser ir apanhá-lo, fazê-lo recuar de suas mãos. Jogo de cena, acompanhado sempre da gargalhada de Joãozinho... O homem olha para todos os lados, benze-se e sai correndo. As risadas permanecem. Os girassóis, sem sair do lugar, continuam a conversa.

1º GIRASSOL — Que será que foi?

2º GIRASSOL — Acho que já sei... Não se lembra que Joãozinho ia beber aquele líquido para ficar invisível? Deve ter bebido e agora que ninguém pode mais vê-lo está fazendo das suas...

Entra Helena com D. Eufrosina, senhora vestida à antiga, coque alto, óculos. A ponta de sua saia estará presa de modo a ser levantada ou puxada de trás.

VOZ DE JOÃOZINHO — Que sorte! Aí vem a Diretora do colégio e Helena. Agora é que essa velha ranzinza vai ver...

DONA EUFROSINA — Pois é, Helena, vou comunicar a sua mãe que se o João fizer mais uma, uma só, eu vou pedir a retirada dele do colégio!

VOZ DE JOÃOZINHO — Velha linguaruda! Cara de chuchu de feira!

DONA EUFROSINA — Helena! Que é isso? O que foi que você disse?!

HELENA — *(Assustada)* — Eu?! Eu não disse nada, D. Eufrosina...

Sua saia é levantada e puxada.

DONA EUFROSINA — Menina! Que é isto? Está ficando doida? Me largue!

HELENA — Mas eu... eu não fiz nada!

DONA EUFROSINA — Como não?... Pois se minha saia... Ai!

Como se lhe fizessem cócegas, querendo falar e ao mesmo tempo sacudindo-se comicamente e rindo sem parar.

DONA EUFROSINA — Ai!... Menina, pare, pare! Ai... Ai... Ai... Você vai ver! Ai...

HELENA — *(Recuando para longe)* — Mas não sou eu! Eu não sei o que está acontecendo!

VOZ DE JOÃOZINHO — Sou eu, bruxa velha!

DONA EUFROSINA — Helena, me ajude! Tem alguém... alguma coisa me fazendo

cócegas... Ai!...

Helena tenta segurá-la, mas ela continua a sacudir e pular.

HELENA — Não consigo, Dona Eufrosina!

DONA EUFROSINA — *(Endireitando o cabelo e os óculos, já quase caídos)* — Este lugar está mal assombrado!... Eu... Eu vou chamar a polícia!

Sai apressada, ainda sacudindo-se toda.

HELENA *(Sozinha, rindo)* — Até que foi engraçado ver como ela se sacudia toda... Bem feito! Expulsar Joãozinho do colégio... Ah, essa, não!

VOZ DE JOÃOZINHO — É...? E você, que só fica me chamando de *Peteleco*... E exibindo suas notas e suas medalhas...

HELENA — Mas não é melhor tirar medalha em vez de papai e mamãe brigarem com você por causa de suas notas? Já pensou se ela agora expulsar você do colégio? Meu Deus, aí mesmo é que eles... Ué, mas... Joãozinho, onde é que você está?

VOZ DE JOÃOZINHO — Aqui!

HELENA — Aqui, onde? Joãozinho, não vai dizer que foi você que se escondeu e fez a velha...

VOZ DE JOÃOZINHO — Não escondi nada! Estou aqui, a seu lado, sua boba!

HELENA — *(Pula como se tivesse sido tocada)* Ai!...Onde, Joãozinho?

VOZ DE JOÃOZINHO — Aqui, olha!

HELENA — *(novo pulo)* — Meu Deus! Joãozinho... Joãozinho virou fantasma! Mamãe! Mamãeae! *(Entra correndo)*

VOZ DE JOÃOZINHO — *(Risada)* — Ah, ah, vivia dizendo que não acreditava em fantasma!...

Mãe entra trazendo nas mãos um cobertor que sacode e joga sobre a cerca.

MÃE — Você está é sonhando...

HELENA — Não, mãe... Eu ouvi mesmo, tenho certeza: ele falou comigo!

MÃE — Impossível!

HELENA — E se ele... E se ele morreu, mãe! Você ontem disse que ele ir mandar ele embora, pra casa de papai! E depois disso ele sumiu, não apareceu mais!

MÃE — Deve ter ido pra casa de sua avó, como costuma. Hoje é sábado, não há aula. Ele sempre sai cedo pra brincar. *(Sai)*

HELENA — Pra casa da vovó... Sei não... Acho que não... Ai, meu Deus!

Novamente, de outro ponto, o foco de luz azulado com a silhueta e a voz:

VOZ FEMININA - Por que será que ela está tão nervosa, hein, Joãozinho?

VOZ DE JOÃOZINHO - Sei lá! Vive implicando comigo e agora... Eu, hein!

HELENA - Ih! A Diretora! (*entrando*) Mãe!...

Entram D. Eufrosina, o homem do chapéu, um detetive de paletó riscado, boné, lento, livro na mão e dois policiais.

DONA EUFROSINA — Foi aqui, Snr. Detetive... Aqui mesmo!

HOMEM — Comigo também... Arrancaram meu chapéu e davam risadas... Como lhe disse...

DETETIVE — Não se preocupem! Não se preocupem! Eu, Apolinário Teodolino Agamenides da Silva, jamais falhei! Deixem-me ver... (*Consulta o livro*) Primeiro: tirar impressões digitais... (*Os outros o observam*) Impressões digitais! Muito bem! Mas... (*Para, quase na boca da cena, indeciso*) Mas... impressões digitais de quem?

VOZ DE JOÃOZINHO — Minhas!

DETETIVE — (*Voltando-se para o homem*) — Suas? Mas, por que as suas?

HOMEM — Eu não disse nada!

DETETIVE — Aah! Vai querer que eu acredite que foi o tal "fantasma"...

Mal acaba de falar, sacode-se como se tivesse levado uma palmada. A figura mais próxima dele é D. Eufrosina, para quem ele se volta, irritado.

DETETIVE — Minha senhora, na sua idade essas brincadeiras não ficam bem! São inconcebíveis, mesmo!

DONA EUFROSINA — (*Chocada*) — Oh...! Mas o senhor pensa que ...! Fique sabendo que, apesar de não ter muita idade, jamais me permitiria tomar liberdades com um cavalheiro! (*Sacudidela.*) Oh!... Snr. Policial! (*Que é o mais próximo*) Eu não admito!

POLICIAL — Eu?!... Está maluca? Quem gosta de velho é reumatismo! (*É empurrado pra frente e vira-se para o homem, perto dele*). O senhor está preso por desrespeito à autoridade!

HOMEM — (*Assustado*) O fantasma...! Deve ser ele, o fantasma!

OUTRO POLICIAL — É melhor fugirmos!

DONA EUFROSINA — É melhor!

Saem todos correndo precipitadamente e esbarram-se, aturdidos. Helena e a mãe, que observavam a cena, intrigadas, tentam detê-los, mas são empurradas pelos outros. O detetive grita e pede calma, mas age como se estivesse sendo empurrado, até chocar-se com D. Eufrosina, abraçando-se a ela, que solta um "Oh", endireita os óculos, mas, ao virar-se para sair, choca-se novamente com o homem, etc. Enfim, cena movimentada, de confusão e correria.

DETETIVE — (*Esbaforido, já quase saindo de cena*) — Eu... eu... não estou com medo,

não!... Vou apenas... buscar reforços!

Os outros finalmente conseguem sair, afobados, atrás dele.

MÃE — O que será que está acontecendo?... Helena, vá procurar o Joãozinho! Vou ligar pra seu pai pra ver o que há!

Saem. Na cena, ora vazia, os girassóis retomam sua conversa.

1º GIRASSOL — Você viu?

3º GIRASSOL — Até que estava engraçado! A velha se sacudindo... *(Imita)* Ah, ah, ah...

4º GIRASSOL — Então é que o menino está invisível mesmo!

2º GIRASSOL — É... mas, já pensou se ele não ficar mais visível de novo? Se ele ficar assim, feito fantasma, pro resto da vida?

VOZ DE JOÃOZINHO — Ficar invisível pro resto da vida? Epa!

1º GIRASSOL — Seria horrível!

VOZ DE JOÃOZINHO — Será que...? Essa, não!

GIRASSÓIS — *(Endireitam-se)* — Olha, aí vêm os pais dele!

Pai e Mãe entram.

MÃE — E eu agora estou aflita mesmo! Será que aconteceu alguma coisa com esse menino? Vai ver Helena tem razão! Eu fico ameaçando mandá-lo embora, ele deve ter pensado que era verdade e fez alguma coisa!

PAI — Calma... calma... Joãozinho é levado, mas é um bom menino. Não faria nada de mal...

MÃE — Mas... e se aconteceu alguma coisa com ele?

PAI — Não aconteceu nada, não!

MÃE — Não sei... Tenho medo... Está tudo tão esquisito!

HELENA — *(Entrando, ofegante)* — Procurei por toda parte... Ninguém viu Joãozinho!... Fui até o rio... Falei com Bolão, Gelatina e com os meninos todos... Ninguém sabe dele!

MÃE — Meu Deus! Está vendo? Aconteceu alguma coisa com ele! Pra que é que eu fico brigando com ele, falando sem pensar!

PAI — *(Preocupado)* — Vou eu mesmo procurar. Fique calma, que nós vamos encontrá-lo...

HELENA — Posso ir com você, pai?

PAI — Venha!

Saem.

VOZ DE JOÃOZINHO — Mãe, não chore...

MÃE — Se eu perder meu filho... eu fico louca!

VOZ DE JOÃOZINHO — Mas eu estou aqui... a seu lado...

MÃE — Fico até escutado a voz dele... *(Chorando)* — Minha Nossa Senhora! Fazer que eu

ache meu filho! Eu prometo que não brigo mais com ele! Prometo ter paciência!...
Prometo...

VOZ DE JOÃOZINHO — *(Comovido)* Mãe!...

MÃE — Não paro de ouvir a voz dele me chamando... É melhor ir tomar um calmante enquanto espero a polícia e João chegar da cidade com Helena... *(Sai)*.

VOZ DE JOÃOZINHO — E agora...! Pra que é que eu fui inventar de ficar invisível? E se não conseguir mais ficar visível de novo? E se ficar a vida toda sem meu pai e minha mãe! Ih! O que é que eu vou fazer?

Breve corte de luz. Ao reacender, os girassóis são novamente cenário. Cobertor sobre a cerca, ainda. Joãozinho deve estar atrás dele para preparar o que se segue. Os dois homens de antes, que agora veremos serem bandidos, em cena.

1º BANDIDO — Já procurei por toda parte! O menino deve ter escondido a maleta em algum canto!

2º BANDIDO — Não podemos ficar muito tempo lá dentro! A mãe dele já está dormindo por causa do calmante que tomou, mas pode acordar e chamar alguém.

1º BANDIDO — Onde será que aquele diabinho meteu a maleta?

VOZ DE JOÃOZINHO — Diabinho, é? Já estou danado da vida e agora você vai ver!

2º BANDIDO — Ai!

1º BANDIDO — Que foi?

2º BANDIDO — Levei um tapa!

1º BANDIDO — Ai! *(Pulo)* Então me dando caneladas!

2º BANDIDO — Deve ser o menino! Vamos pegá-lo!

Fazem gestos de quem quer agarrar algo em torno, mas só se esbarram e pulam, como que agredidos.

VOZ DE JOÃOZINHO — Meu pai já deve estar chegando com a polícia e aí vocês vão ver!

Entra o Doutor, distraído, falando sozinho. Os bandidos se lançam sobre ele.

DOUTOR — Ahn...? Quem são vocês?

1º BANDIDO — Somos da quadrinha de Al Capote e queremos seu segredo!...

DOUTOR — Meu segredo? Por que?

2º BANDIDO — Sendo invisíveis, vamos poder roubar, matar e fazer espionagem sem que ninguém nos pegue! Ficaremos milionários sem correr perigo!

DOUTOR — É o que eu estava pensando... Minha fórmula pode trazer também muito mal...
Pode ser usada para outros fins que não pensei...

2º BANDIDO — *(Segurando-o sem que ele reaja)* — E agora... é tarde para pensar!

VOZ DE JOÃOZINHO — Fuja, Doutor!

Os bandidos fazem gestos de empurrados e sacudidos.

BANDIDOS — Oh! Pestinha!

Enquanto "lutam", entra o Detetive, percorrendo o chão com a lente, seguido de dois policiais.

DETETIVE — Procurar pistas... Prender todos os tipos suspeitos... (*Ergue os olhos e dá com os três*) Tipos suspeitos! Ahhah! Quem são vocês?

1º BANDIDO — (*Ar humilde*) — Nós... somos dois amigos da polícia!

2º BANDIDO — (*Segura o Doutor*) — E estamos prendendo este homem, que é um perigoso bandido!

DETETIVE — Amigos da polícia, vocês...?

VOZ DE JOÃOZINHO — Mentira! São bandidos!

DETETIVE — São bandidos...? Vocês são bandidos?

1º BANDIDO — Nós...? Nunca! Que injustiça! (*Aponta o Doutor*) Ele é que é bandido!

DETETIVE — (*Para os policiais*) — Então prendam este bandido!

VOZ DE JOÃOZINHO — Não!

DOUTOR MICANÇO — Seria um erro! Os bandidos são eles!

DETETIVE — São eles? Então prendam esses dois!

1º BANDIDO — Estão querendo enganar V. Excia!

2º BANDIDO — Não vê logo? Estes cabelos descabelados, esse... esse guarda-pó só de disfarce... esse jeito fingido de inocente...!

DETETIVE — Realmente... É claro, evidente... Vi logo! Prendam esse homem!

VOZ DE JOÃOZINHO — Parem! Ele é o Dr. Micanço, cientista!

BANDIDOS — Que cientista, o que!

VOZ DE JOÃOZINHO — Prenda aqueles dois!

1º POLICIAL — Afinal, quem é que nós temos que prender?

BANDIDOS — Ele!

DOUTOR MICANÇO — Eles!

DETETIVE — (*Atordoado*) Cientista...? Quem é cientista aqui?

DOUTOR MICANÇO — Eu. Sou o Dr. Macário Micanço, cientista. Estes dois são elementos perigosos, da quadrilha de Al Capote e queriam roubar uma fórmula que inventei para...

DETETIVE — (*Interrompe-o, deslumbrado*) — Da quadrilha de Al Capote, que há tanto tempo me desafia! OH!... (*Para eles*). Vocês pensam que alguém engana Apolinário Teodolindo Agamenides da Silva? Soldados, prendam esses dois!

Os dois tentam fugir, faz-se um corre-corre, do qual o Detetive se mantém sempre cautelosamente distante, mas são presos.

DETETIVE — Da quadrilha de Al Capote! Presos!... Serei promovido! E todos louvarão o heroísmo com que me defrontei com os bandidos, lutando com eles, sem medo!

Neste momento um dos bandidos dá um pulo para tentar livrar-se e ele recua rápido, assustado.

DETETIVE — Segura ele bem! (*Certificando-se de que está seguro, volta-se para o doutor, majestoso*) — Doutor, queira ter a bondade de me acompanhar à delegacia para prestar seu depoimento, a fim de encarcerarmos definitivamente estes dois inimigos da ordem e da moralidade pública!

DOUTOR MICANÇO — Pois não...

Saem todos.

VOZ DE JOÃOZINHO — E eu...? Nessa confusão levaram o Doutor e eu nem perguntei como é que faço pra ser visível de novo! O melhor é ir também até a delegacia!

Neste momento, no mesmo foco azulado, e agora maior, surge uma moça, de vestido leve e claro, sem adornos ou fantasias, mas com certa suavidade na aparência. Não é "fada", embora sua presença lembrasse talvez uma.

Ao entrar, Joãozinho está dizendo as últimas palavras e ela faz um gesto de quem é esbarrada por alguém a quem "segura" pelos ombros.

MOÇA — Calma, Joãozinho. Onde é que você vai tão afobado? Quase me derruba...

VOZ DE JOÃOZINHO — Vou à delegacia para... Hei! Como é que você sabe que sou eu, se não está me vendo?

MOÇA — (*Sorrindo*) — E quem disse que não estou vendo você?

VOZ DE JOÃOZINHO — Porque eu estou invisível...

MOÇA — Não para mim, que vejo todas as coisas.

VOZ DE JOÃOZINHO — (*Afobado*) — Ih!... Então... Nossa! Espere! Tenho que me vestir! Eu tinha pouco líquido e não deu para molhar minha roupa! Eu tenho que achar alguma coisa pra me cobrir!... Ah! Isto serve!

O cobertor atrás do qual Joãozinho está na realidade é por este erguido, formando um "biombo".

MOÇA — Não se afobe, Joãozinho... O líquido que você bebeu só faz efeito durante 12 horas, isto é, metade de um dia. Dentro de alguns minutos você estará visível de novo.

VOZ DE JOÃOZINHO — Oh! Que bom!... Mas... mas eu estou nu!

MOÇA — (*Rindo*) — Não faz mal. Mas se quiser eu vou buscar sua roupa.

Entra na casa. Depois de uma pausa, a cabeça de Joãozinho vai aparecendo por cima do cobertor.

JOÃOZINHO — Será que eu estou mesmo ficando visível de novo? *(Para a platéia)* Hei, vocês aí, estão me vendo? *(À resposta)* Puxa! Então é verdade! *A moça retorna e dá-lhe a roupa por cima do cobertor.*

JOÃOZINHO — Mas por que você vê todas as coisas? É fada, é?

MOÇA — Não.

JOÃOZINHO — Então é professora?

MOÇA — Também não. Meu nome é Ternura.

JOÃOZINHO — Ternura...? Era você que estava falando comigo? Aquela voz...?

MOÇA — É. Sou quem lembra às pessoas que as coisas mais importantes nem sempre são as que a gente vê, e sim o que está atrás e os olhos não enxergam...

JOÃOZINHO — Puxa, D.Ternura, é isto mesmo!

TERNURA — ... e a gente só percebe quando procura ver com os olhos do coração.

JOÃOZINHO — *(Aparecendo por inteiro)* Você sabe que comigo aconteceu isso mesmo? Vi tanta coisa que não via antes! Vi plantas conversando, se mexendo que nem gente...

Aproxima-se delas para olhá-las mais de perto de novo.

TERNURA — Mas quando você vem o colégio no caminho às vezes sai arrancando as folhas delas à toa, e jogando no chão, onde vão ser pisadas...

JOÃOZINHO — É mesmo... Helena bem que dizia ...

Helena surge atrás, ar diferente, mostrando a nova visão dele. Ele fala olhando para ela.

JOÃOZINHO — Helena... Sabe que Helena... Helena estava quase chorando, quando eu sumi... Eu pensei que ela não gostava de mim... Fiquei até espantado... *(Pausa)* Minha mãe também, sabe? Aquele negócio de me mandar embora era só tapeação...É porque ela... *(Devagar, olhando a nova imagem da mãe, do outro lado)* ela tem medo... *(Tentando elaborar sua idéia, como para si mesmo).* Eu descobri uma coisa gozada: gente grande também tem medo... Eu achava que quando a gente é pequeno é que tem medo, do escuro, de bichos, de uma porção de coisas, e pensava que gente grande sabia tudo, fazia tudo e não tinha medo de nada... Mas quando acontece uma coisa que eles não sabem explicar, como o meu caso...

TERNURA — ... eles também têm medo, chegam até a fazer bobagens, porque não sabem o que fazer e não querem mostrar que estão com medo, não é?

JOÃOZINHO — É... *(Reagindo de repente)* Bom, mas isso não é com todos, não, D.

Eufrosina, aquela velha ranzinza, é má mesmo...

TERNURA — Tem certeza, Joãozinho? Ou vamos procurar o invisível nela? E se ela é assim porque tem medo...

JOÃOZINHO — Medo? De que?... Só se for de ver a cara dela no espelho!

TERNURA — Não, Joãozinho... Medo de que você descubra que ela não passa de uma velha solitária, sem filhos, sem família, sem carinho... (*Imagem de D. Eufrosina, dentro da nova descrição e visão*) Que à noite, quando você está em casa, alegre, com seus pais, ela está em seu quarto, sozinha, podendo ficar doente ou até morrer sem ninguém para cuidar dela... Medo de que se ela não fizer aquela cara feia, vocês vejam que ela é uma mulher fraca, que não saberia o que fazer se toda uma turma de alunos começasse a gritar ou a fazer confusão... É uma infeliz que sofre porque ninguém gosta dela e só chegam perto dela para fazer caçoada...

O rosto de Joãozinho se descontraindo, a olhá-la, enquanto a Ternura fala.

JOÃOZINHO — É, D. Ternura, você ganhou... (*Pausa*) Coitada da velha!

TERNURA — E você verá muita coisa mais, Joãozinho, se aprender a olhar com carinho, a não ver só a imagem, a aparência, mas olhar o invisível, o que está atrás e os olhos não vêem, mas o coração percebe...

A mãe aparece na porta.

MÃE — Joãozinho! (*Corre a abraçá-lo e beijá-lo*) Meu filho! Que susto nos deu! Pensei que não encontraria mais você!

JOÃOZINHO — (*Comovido*) — Eu nunca ficaria longe de você, mamãe... Eu sei que, mesmo que às vezes zangue comigo, você gosta muito de mim.

Ternura se afasta para o lado suavemente, sem ser notada.

MÃE — Hein?... Nem parece o meu "Peteleco" falando!...

Entram o pai e Helena e correm a abraçá-lo.

HELENA — Joãozinho! Onde é que você esteve? Que foi que aconteceu?

JOÃOZINHO — O que me aconteceu? Uma porção de coisas... Vi tanta coisa que não via antes...

HELENA — Onde? E como? Você está diferente!

PAI — É mesmo! Qual é seu segredo?

JOÃOZINHO — Meu segredo? Só eu e D. Ternura sabemos... Uê, cadê ela?

MÃE — Ela quem, Joãozinho?

JOÃOZINHO — Também está invisível... Mas aprendi o que ela mostra: não olhar só com os olhos, só o que as coisas parecem, ver também com o coração... o que elas são de

verdade.

PAI — Eh... Você mudou, mesmo!

HELENA — (*Pra si*) — Qual será o seu segredo?

JOÃOZINHO — (*Para a platéia*) — Meu segredo... Eu sei... E vocês também sabem, não é?

MÃE — Então vamos esquecer todo esse susto... e vamos almoçar!

JOÃOZINHO — Vamos, que eu estou roxo de fome!

AVENTURAS DE UM DIABO MALANDRO

(Infanto-juvenil)

Prêmios de

Melhor Texto

Melhor Direção (Eugênio Gui)

Cenografia e Figurinos (Cláudio Valério Teixeira)

no 3º Festival de Teatro Infantil do Estado do RJ - 1971

1ª Montagem – Teatro Gláucio Gil- - RJ- 1971

E mais 38 montagens, em diferentes estados do Brasil (até 2009)

Gostaria de registrar aqui algo absolutamente inesperado, e gratificante, ocorrido em uma das montagens da peça, realizada pelo *Grupo Saci*, no Acre, em 1988.

“Os índios vieram de novo.” A frase soou estranha aos meus ouvidos de mulher vivendo no Rio de Janeiro, e só conhecendo índios pelos livros de História do Brasil ou quando hoje aparecem nos noticiários de TV, trazendo suas justas e quase nunca ouvidas reivindicações. E aí me disseram: “Mas eles têm vindo sempre. E muitos já viram a peça mais de uma vez.”

Índios...? Ali? Mas o que estariam fazendo ali no teatro, numa peça destinada a um público infantil e juvenil?

Olhei para trás: sentados nas últimas fileiras, um grupo de índios em silêncio. Sós e imóveis, fazendo contraste com a criançada que corria e conversava, à espera do início. Aquela silêncio, aquela imobilidade me incomodaram. Por que tão atrás? Aquela distância me incomodou. Vontade de ir lá, falar com eles. Mas fiquei sentada, dividida entre o impulso de ir falar com eles e não saber o que dizer. Por fim, as luzes se apagam, a cortina se abre e... primeira surpresa: em lugar do “planeta distante” **sugerido na peça**, surge em cena a floresta amazônica, na qual vão entrar o ganancioso Capitolino e seu serviçal Comandante, que, tal como os grileiros e posseiros **atuais**, vão inspecionando tudo, fuçando tudo, para ver as riquezas de que vão se apossar. **Perto dali**, o Diabo da peça **ora** surge desdobrado em quatro: Cananga, Saci, Matinta Pereira e Curupira – entidades que são, todas, forças da terra, forças da Natureza e que os estranhos vão buscar colocar a seu serviço, juntamente com habitantes locais. E toda a série de aventuras se desenrola, com o Diabo e as entidades “aprontando” com os invasores, até conseguir expulsá-los dali. Ao final, quando cantam e dançam, juntos, a alegria de ver as *suas* terras, **no caso a sua** Amazônia, **novamente (tirar)** livre daqueles invasores, lembrei dos índios sentados lá atrás. Entendi porque a peça significava tanto pra eles, porque iam vê-la mais de uma vez. Levantei para ir lá, falar com eles. Mas alguém anuncia que a autora estava ali presente e eu tive que ir à frente, me apresentar e explicar que a adaptação de Cícero Farias, as músicas de Keylah Diniz, a coreografia criavam um espetáculo que tinha muito mais do que eu havia imaginado. Emocionada, a garganta ainda presa, meus olhos procuravam os índios, atrás. Mas já tinham saído. Então, pelo programa dominical dos “Povos da Floresta” (falado em português e em ianomâmi), mandei-lhes um recado que terminava dizendo: “ Se a peça está valendo pra vocês, que merecem o nosso carinho e o nosso respeito, só por isso já valeria a pena ela

ter sido escrita e encenada”.

Palco às escuras. Ruído de avião ou foguete. Desce do alto disco espelhado e acende-se luz vermelha sobre ele. Por um instante, apenas ruído e disco projetando luz. Ou, cortina cerrada, slides nas laterais, de descida de astronautas na lua; de imagens reais passa-se a imagens estilizadas, de desenho em quadrinhos, reconduzindo à fantasia e introduzindo os personagens e ação do palco.

Ação da cena: descida na nova terra: algum planeta distante, perdido por aí... Exploração dos arredores. A pantomima, sublinhada pela música, vai revelando já a caracterização dos dois personagens, ou melhor, a caricatura de ambos em seus comportamentos e atitudes: o Comandante, com um telescópio, olhando à distância, busca em quem mandar, enquanto o outro vasculha por todos os cantos, abaixando-se, levantando-se, fuçando tudo, buscando calcular, prever, contar o que tem à frente para fins que se verá. De repente, absorvidos no que fazem, chocam-se em meio à cena. O Comandante dá um grito de alegria e o outro dá um pulo de susto.

CAPITOLINO — Ai, que susto você me deu!

COMANDANTE — Ah, é você? Pensei que fosse alguém! Já estava contente porque ia ter em quem mandar!

CAPITOLINO — Contente!... Deus me livre que fosse outra pessoa! Com mais gente ia ter que dividir tudo que estou encontrando!

COMANDANTE — Em pouco tempo eu formava um batalhão! (*Dando ordens a um batalhão imaginário, com o telescópio empunhado à guisa de espada*) Esquerda! Vol... ver! Direita! Vol... ver! Um, dois... Um, dois... (*marcha; junto com o "exército" imaginário*) Em forma! E se não obedecer... corto-lhe o nariz!

CAPITOLINO — (*Desdenhoso, para si*): "Corto-lhe o nariz"! Começou! Mania que tem esse sujeito de implicar com o nariz dos outros. Qualquer coisa é logo... "corto-lhe o nariz"!

COMANDANTE — (*Pára e olha em volta, desanimado*) — Não adiantou virmos até aqui. Este novo planeta... parece desabitado! Não há nada aqui!

CAPITOLINO — Como não há nada?! No caminho anotei 425.689 estrelas.

COMANDANTE — Estrelas... E daí?

CAPITOLINO — São *minhas*! Do lado de lá existe um belo riacho, e 650 árvores, sendo 69 frutíferas... frutíferas! e 4.658 pedras. Já é tudo meu. *Meu!*

COMANDANTE — (*Grave*) — Tomou posse?

CAPITOLINO — Lógico que tomei posse! De tudo!

COMANDANTE — Muito bem! Então pode ficar tranquilo: se alguém quiser vir tomar-lhe... corto-lhe o nariz!

CAPITOLINO — Isso! Corte-lhe o nariz! E quem reclamar, apanha!

COMANDANTE — Mas... pra que é que você quer estrelas, árvores, riachos...

CAPITOLINO — Ora, não são árvores apenas: são árvores frutíferas!

COMANDANTE — Ah! Que dão frutos?

CAPITOLINO — Exato! Eu posso colher as frutas e mandar para a Terra. Frutas de outro planeta podem custar bem caro... Vão me trazer um monte de dinheiro! Com o dinheiro, compro outro foguete e levo mais frutas! Aí entra mais dinheiro! Compro então dois foguetes, dos grandes, para trazer turistas... Ponho na Terra faixas, letreiros luminosos por toda parte: "Conheçam o mais novo planeta descoberto!... "Passem férias inesquecíveis em uma maravilhosa viagem espacial"!

COMANDANTE — Gente! Seria ótimo! Eu manteria a ordem! ... (*Imaginando*) Filas para subir nos foguetes! Fila para o almoço! Hora do banho: *em ordem, todos!* (*Para "alguém"*) Não desobedeça! Não saia da fila! Se perturbar a ordem... Corto-lhe o nariz!

CAPITOLINO — Banho!... Isso! Eu tenho um riacho! Posso cobrar para tomarem banho! Com isso ganho mais dinheiro e compro mais um foguete, grande! Três foguetes de turistas! Maravilhoso! Vai aumentar meus lucros! Dinheiro e mais dinheiro, é só o que me interessa! (*Para o comandante*). Acho que vou lhe dar um bom ordenado! (*O outro se entusiasma, mas ele corrige rápido*) Ou melhor, vou promovê-lo... Isso! Promovê-lo a... a Comandante Geral!

COMANDANTE — Co-man-dan-te! Sempre foi meu sonho ser Comandante! Mas... Comandante de que exército?

CAPITOLINO — Hum... Bem, depois se arranja o exército. Mas já está promovido: Comandante Geral!

COMANDANTE — (*Embevecido*) — Comandante Geral! Oh!...

CAPITOLINO — Agora vamos! Quero ver o que existe mais neste planeta. Pode ter até petróleo! Minerais atômicos! Coisas que valem muito dinheiro! É preciso explorar bem o lugar e tomar posse de tudo! De tudo!

COMANDANTE — Eu vou com você! E se aparecer alguém que se oponha a essa posse... corto-lhe o nariz! (*Saem*)

Em outro ponto luz mostra alguém, acordando. Ergue-se, olha em torno, ar de

desalento — Marcha Fúnebre sublinha seus gestos. Vem caminhando pela cena enquanto coloca seu capuz com chifres — completando com a capa e o tridente o traje tradicional do Diabo. À medida que anda, começa a resmungar consigo.

DIABO — São essas coisas que me aborrecem!... *(Pausa. Olha por alto a platéia, mesmo tom).* Ninguém mais se importa comigo! *(Detém-se na boca de cena, sempre curtindo sua fossa)* Antigamente eu era tão importante! Bastava dizer meu nome e pronto! Todo mundo ficava morrendo de medo... E eu tinha uma porção de nomes... Até um que me agradava tanto: Mefistófeles! Ah! Mefistófeles! Gosto desse nome... Tem dignidade, imponência, parece nome de gente importante, de rei até! *(Para uma criança da platéia)* Você sabe quem é Mefistófeles? *(Qualquer que seja a resposta)* Pois (é) sou eu! *(Num repente, emenda rápido)* E você sabe quem sou eu?... *(À resposta)* Isso! O DIABO! *(Pose e grito ao falar. Pára como se esperasse um efeito espetacular para suas palavras - o que, obviamente, não acontece).*

DIABO — *(Lamentoso)* — Olha aí, está vendo! Ninguém ficou com medo! *(Fazendo uma cara feia que não convence a ninguém)* Não tem medo de mim, não? *(Se as crianças dizem que não, tem um chilique de raiva; se algum diz que sim, alegre-se, mas logo vê outro mais atrás que nem liga ele)* Mas aquele lá está até rindo! Não tem nem um pinguinho de medo! Isto é um desaforo! Estou ficando desmoralizado! Acho que... Acho que é porque perdi meu garfo: agora só tenho esse garfinho que não assusta ninguém!... Ou vai ver... vai ver são estas roupas! *(Olhando-se)* Já estão fora de moda... Não, isso não pode ficar assim, não! Eu tenho que fazer alguma coisa! Arranjar uma arma mais moderna! Outras roupas!... Quem sabe posso me disfarçar de ...

Põe o dedo na boca, em horizontal, à guisa de bigode, despenteia o cabelo sobre a testa e ergue o braço com um grito).

DIABO — Heil Hitler!... *(Pára)* Não... Ninguém faz mais essa gritaria toda... Quem sabe de dono de uma fábrica de armas! De bombas! *(Arremedo de caricaturas estilo história em quadrinhos).*

DIABO — Também não... Mas como vou meter medo? Mostrar força e poder?

(Nesse momento vem entrando alguém: é uma moça, habitante do planeta. Vem de costas, visivelmente desconfiada, olhando para trás para ver se está sendo seguida... Nem vê o Diabo, que assim que a avista, exclama:).

DIABO — Hei, quem será essa?

Começa a segui-la sem que ela note. Pantomima marcando seu medo e a gozação do Diabo, divertindo-se às suas custas. Em dado momento ela se volta de repente

e ao dar com ele atrás leva o maior susto e recua de um pulo.

DIABO — (*Felicíssimo*) Ah...! Ficou com medo! Que maravilha! Até que enfim encontro alguém que tem medo do Diabo!

MOÇA — Diabo? Que diabo?

DIABO — (*Espantado*) Eu!

MOÇA — Você?... Então você não é *gente*?

DIABO — Gente?!...

MOÇA — Ah! Que medo! Cheguei a pensar que você era gente!

DIABO — (*Ofendidíssimo*) OH! Então só teve medo de mim porque pensou que eu era “gente”?!

MOÇA — Lógico! Ainda não sabe da última?

DIABO — (*Mau humor*) Que última?

MOÇA — Que chegou gente da Terra aqui no planeta!

DIABO — Ih! Mal, mal! Vai começar a confusão! Onde esses terráqueos se metem sai logo confusão!

MOÇA — É?... Eu queria conhecer gente. Mas esse que chegaram...eu ouvi o que diziam, só pensam em dinheiro, em mandar e bater...Eu tenho um pouco de medo deles!

DIABO — (*De lado raivoso*) — Medo *deles*!! Tinha que é ter medo de mim! Hah!... (*Começa a refletir*) Ora veja, gente... aqui! Acabou-se meu sossego... A não ser que... (*Para ela.*) Precisamos fazer alguma coisa! Aqui é meu lugar de descanso! Temos que expulsá-los daqui!

MOÇA — Expulsá-los? Mandar pra longe? Mas... por que?

DIABO — (*Ele, sem responder, pensativo*) Ai, eu estou ficando decadente, sem idéias! Está me faltando imaginação! Que é que se pode fazer?

MOÇA — Não sei...

DIABO — Já inventei tanta coisa que estou até cansado! Queria agora algo novo...

(Pausa. Medita, movendo-se em silêncio, em giros, seguido sempre da moça)

DIABO — Antes... Bastava eu aparecer e eles já fugiriam correndo! Mas agora...

MOÇA — (*Súbito*) Cuidado! Eles estão vindo aí!

Saem rápido pela lateral.

CAPITOLINO — (*Entrando*) É um planeta rico! Vai me dar uma fortuna!

COMANDANTE — É, mas eu vi marcas pelo chão. Deve ser habitado.

CAPITOLINO — Problema seu. Eu lhe dei uma promoção a Comandante Geral para impedir que qualquer pessoa ponha a mão nas coisas do *meu* planeta!

COMANDANTE — Mas... e se as coisas já tiverem dono?

CAPITOLINO — Agora não têm mais! Finquei minha bandeira e tomei posse delas! São minhas! Se alguém se meter... corte-lhe o nariz!

COMANDANTE — *(Tom de quem grava uma ordem)* — Corto-lhe o nariz!

(Nesse momento começam a acontecer "coisas estranhas" que podem ser facilmente improvisadas: dar-lhes um susto, com gargalhadas invisíveis; coisas andando soltas no ar; o Diabo e a moça, com ajuda de luz estroboscópica criando figuras fantasmagóricas etc., ou outras que o diretor lembrar - supondo-se sempre que a imaginação do diretor seja maior que a do Diabo... Pavor de Capitolino e do Comandante, em cômica pantomima de sua surpresa e susto.

CAPITOLINO — *(Caindo por fim de joelhos)* — Ai! Prometo duas velas de cera de verdade se sair vivo daqui!

COMANDANTE — *(Tremendo como vara verde)* — Deixe de ser covarde! Eu o protejo! Não vê que não estou com nem um pouquinho de medo?

Súbito Capitolino ouve gargalhada próximo do local em que se ajoelhou.

CAPITOLINO — Espera! Parece que há alguém escondido por aqui!

CAPITOLINO — *(Procura e descobre a moça que tenta fugir)* — Ah! É você! *(Puxa-a para o meio da cena)* É você quem está aí rindo!

MOÇA — Me largue! Me largue!

CAPITOLINO — *(Olhando-a)* — Hei, mas... você é gente ou o quê?

MOÇA — Gente, eu?! Não! *(Exibindo-se)* Não está vendo? Eu sou uma suneviana.

COMANDANTE — *(Aproximando-se, espantado)* Uma... o quê?

MOÇA — Uma habitante deste planeta.

COMANDANTE — Então o planeta é habitado?

CAPITOLINO — Deve haver engano. Não pode ser!

MOÇA — Ora essa! E por que não?

CAPITOLINO — Lá na Terra os cientistas dizem que o único planeta habitado é o nosso!

MOÇA — Hah!... Então eu não existo?...

CAPITOLINO — Não pode existir!...

MOÇA — Que bobos!

CAPITOLINO — Mas... espera!... Se você existir até que não é mau! Assim teremos quem trabalhe para nós! Comandante! O senhor já tem em quem mandar!

MOÇA — Trabalhar para vocês!... Mas, quem é que vocês pensam que são? Bem que o tal diabo disse que gente é...

COMANDANTE — (*Corta, severo, erguendo a espada*) — É o quê?...

MOÇA (*Hesita*) — É... é!

*Corta a cena uma gargalhada, luz se altera e repete-se algo da cena anterior.
Mas desta vez eles nem se incomodam. Ela tenta assustá-los.*

MOÇA — Olhem!... O que é isso?...

CAPITOLINO — (*Tranquilo*) — Devem ser outros sunevianos escondidos por aí...

COMANDANTE — Querem nos assustar... Hah! Assustar a mim, Comandante Geral! Como se isto fosse possível!

MOÇA — Hum... Impossível é que não é!

COMANDANTE — Vamos procurá-los!

CAPITOLINO — Vamos! Mas antes amarre essa moça para que ela não possa fugir!

Ele pega uma corda ou qualquer coisa e a amarra, apesar de seus protestos.

COMANDANTE — E se tentar fugir... corto-lhe o nariz!

Saem. O Diabo reaparece, numa fossa maior ainda...

DIABO — Viu? Eles nem se incomodaram!

MOÇA — Solte-me, por favor!

Ele, distraído, encaminha-se para soltá-la, mas logo cai em si.

DIABO — Epa! Está maluca? Isto é uma boa ação!

MOÇA — Lógico que é uma boa ação!

DIABO — E onde já se viu um Diabo praticando uma boa ação? Ora!...

MOÇA — Ahn, e o que é que eu vou fazer?

DIABO — Você? Sei lá! Isto é problema seu!

MOÇA — Ahn, ahn... Vou ficar entregue àquele homem maluco: (*Imita*) "Corto-lhe o nariz! Corto-lhe o nariz!" Ahn, ahn... Ai, meu narizinho!

DIABO — "Corto-lhe o nariz... Hum!... E agora estão querendo quem *trabalhe* para eles! Pois sim! (*Pausa*) Eeeeeepa! Tive uma idéia! Quem trabalhe para eles... Acho que vou me candidatar!

MOÇA — Hein?... Você?... Agora eu é que digo: fico maluco?

DIABO — Não! Minha imaginação está de novo em forma! Estou cheio de idéias! Idéias! Idéias brilhantes, luminosas! Ah!... Vou me divertir!

MOÇA — Divertir-se... trabalhando para eles? Eu, hein!

DIABO — (*Sem lhe dar atenção*) — Vou me disfarçar de suneviano e venho aqui me apresentar como empregado! (*Sai*).

MOÇA — Que será que esse Diabo está inventando? Seja lá o que for, tomara que pague

uma peça nesses dois!... *(Pausa)* Será que toda gente da Terra é assim? Não pode ser! Minha mãe disse que a Terra é um planeta muito lindo e azul, e lá tem gente boa, que gosta de rir, de cantar e de brincar...

Capitolino e Comandante voltando.

CAPITOLINO — Ninguém! Será possível?! Onde é que essa gente se meteu?

MOÇA — *(De lá, para si)* — Gente, não! Nós não somos gente como vocês! Vê lá!

COMANDANTE — *(Aproximando-se dela)* Ela é que deve saber!

CAPITOLINO — Como é que você veio parar aqui?

COMANDANTE — Sim, onde estão os suve...sune... os outros? Você não pode viver aqui sozinha!

MOÇA — Não sei deles. Vim sozinha.

CAPITOLINO — Mas tem que saber onde moram os outros!

MOÇA — *(Teimosa)* — Não sei. E mesmo que saiba... não digo!

COMANDANTE — Não sabe o que acontece a quem ousa me desobedecer?... Eu...

Gesto com a espada, fingindo cortar-lhe o nariz.

MOÇA — Ai, meu nariz!...

COMANDANTE — *(Guarda a espada)* — Da próxima vez... corto de verdade!

MOÇA — Eu... Eu não posso dizer... Eles... eles...

Aparece o Diabo: sem capa e tridente, e com adereços que o assemelhem a ela.

DIABO — *(Curvando-se)* — Salve, Grande Mestre!

CAPITOLINO — *(Olha para os lados, surpreso)* — Quem? Eu?...

COMANDANTE — *(Para ele)* — "Grande Mestre"! Respeitador! Gostei!

CAPITOLINO — Sinal de que já viu que aqui o Patrão sou eu! *(Para o Diabo)* Quer trabalhar para mim?

DIABO — Será uma honra, Grande Mestre!

CAPITOLINO — Ótimo! Dou-lhe almoço todos os dias, de seis em seis meses uma roupa novinha e uma vez por ano um dia inteiro de férias! Que acha?

DIABO — Maravilhoso! Aceito!

COMANDANTE — *(Para Capitolino, de lado)* — Puxa, aceitou na hora! Acho que nem precisava ter dado tantas férias!

CAPITOLINO — *(No mesmo tom)* — Depois eu tiro, ora! *(Alto)* Que planeta maravilhoso! Ah! Que exemplo formidável se isto pudesse ser mostrado lá na Terra!

MOÇA — Por que? Lá é diferente?

COMANDANTE — *(Deixando-se levar pela empolgação)* — Se é! São cheios de

exigências! Só querem trabalhar a troco de dinheiro e ...

CAPITOLINO — *(Corta-lhe a palavra com enorme pigarro, disfarçado logo em riso)* Ah, ah! O que ele quer dizer é que lá trabalham de má vontade, sem gosto...

DIABO — Ela também vai trabalhar para os senhores, não? Conosco garanto que isto não acontecerá! Prometemos!

MOÇA — Eu... eu...

COMANDANTE — Nem se atrevam! Porque se não trabalharem e não obedecerem... *(Gesto para a espada)*.

MOÇA — *(Completa, chorosa)* ... já sei, corta nosso nariz!

DIABO *(Para ela)* — Calma! *(Para o Comandante)* Prometemos cumprir rigorosamente tudo que o senhor mandar, sem desobedecer a uma só ordem, sem pensar nem discutir!

COMANDANTE — *(Severo)* — Tudo?... Sem desobedecer?

DIABO — Tudo! Mas, com uma condição...

CAPITOLINO — Uma *condição*! Ah, já estava demorando!

DIABO — É uma coisa simples: *(Para o comandante)* O senhor diz que se não ficar contente conosco corta nosso nariz, não é?

COMANDANTE — Na mesma hora!

DIABO — Hum. Eu gosto de tudo em termos de igualdade...

CAPITOLINO — *(Avança para ele, indignado)* — *Igualdade?! Tem a ousadia de vir falar comigo em...*

DIABO *(Corta)* — Calma! O que quero dizer é que nossa condição é a seguinte: se fizermos tudo que nos mandarem, e mesmo assim não ficarem contentes e saírem reclamando de nossos serviços, podemos cortar seu nariz?

CAPITOLINO — *(De lado)* Cortar nosso nariz... Ora, que idéia mais idiota!

COMANDANTE — Ah! Se trabalharem e obedecerem... isso nunca acontecerá!

DIABO — Nós vamos trabalhar e obedecer a tudo que mandarem! Prometo!

CAPITOLINO — Então só poderemos ficar contentes!

DIABO — Quer dizer que aceitam minha proposta? ...

Capitolino e o Comandante se entreolham, levantam os ombros e saem a conferenciar atrás. Pantomima de altas confabulações. Voltam .

CAPITOLINO — Aceitamos!

COMANDANTE — É claro!

DIABO — Ótimo! Então... Estamos a seu serviço! *(Vai desamarrar a moça. Depois se curva diante de Capitolino)* A seu dispor! Mande, que eu escuto e obedeço!

Capitolino e o Comandante se entreolham de novo, satisfeitos.

CAPITOLINO — Ah, que trabalhador exemplar! Se os trabalhadores da Terra fossem todos assim! *(Para eles)* Olha, estou com fome!

COMANDANTE — Eu também!

CAPITOLINO — *(Para o Diabo)* — Procure o que há para se comer e prepare nosso almoço. Rápido!

COMANDANTE — *(Para a moça)* — Sabe cozinhar?

MOÇA — Não... *(Diabo faz-lhe sinal)* Quer dizer, sei... sei...

DIABO — *(Curva-se)* — Escuto e obedeço! *(Para ela)* Venha comigo! *(Saem)*

Capitolino deita-se, tira os sapatos e sacode os pés no ar para "aliviá-los"....

COMANDANTE — Ah!... Isso é que é vida! Que exemplo para a Terra! Que exemplo!

CAPITOLINO — Vamos ver o que trazem. A comida daqui é capaz de ser meio esquisita. Mas é melhor economizar a nossa.

COMANDANTE — É. Se não, pode até faltar na viagem de volta...

(Breve corte de luz. Reabre com Capitolino e Comandante na frente de vários pratos, frutas, etc. O Diabo e a Moça, respeitosamente de pé, dos lados.

CAPITOLINO — Impressionante! Comida igualzinha à da Terra!

COMANDANTE — *(Num acesso de generosidade)* Podem comer uma banana! Há comida demais!

CAPITOLINO — Demais, mesmo. Foi até um desperdício. Mas como aqui parece ser uma terra muito farta e rica...

MOÇA — Obrigada. Já almoçamos.

DIABO — E muito bem, aliás!

CAPITOLINO — Já! Então... sobrou ainda alguma coisa?

DIABO — Pouco.

COMANDANTE — Também! Do jeito que comemos!

CAPITOLINO — *(Para a moça, cordial)* — Como foi que você aprendeu a cozinhar assim? Até o tempero é igual ao da Terra!

MOÇA — *(Lisonjeada)* — É fácil! Estava escrito nas latas...

CAPITOLINO — Lata? Que lata? Vocês têm fábricas de enlatados aqui?

Diabo faz cara de anjo e começa a olhar para o alto, "distraído".

MOÇA — *(Desconcerta-se)* — Nas latas, ué! Nas latas!

CAPITOLINO — *(De um pulo, desconfiado, para o Diabo)* — Onde foi que você arranjou essa comida?

DIABO — (*"Ingênuo"*) — Pertinho daqui... Num foguete abandonado que encontrei...

COMANDANTE — (*Quase sem fala*) — Num fo... fo-guete... a-ba-ban-donado !

CAPITOLINO — (*Numa explosão de raiva*) Oh!... O nosso foguete!

A moça vai saindo de perto, cautelosamente.

CAPITOLINO — Toda a nossa comida!

COMANDANTE — Imbecil!

CAPITOLINO — (*Para ele*) — Que é que você está esperando?!

COMANDANTE — (*Puxa a espada*) — Corto-lhe já o nariz!

Diabo sai a correr, ele atrás, enquanto falam.

DIABO — Espere aí! Eu obedeci ao que mandaram!

COMANDANTE — Que obedeceu nada! Corto-lhe o nariz, vai ver!

Diabo pára de repente, sem ele esperar, volta-se e agarra sua espada.

DIABO — Quem vai cortar seu nariz sou eu!

COMANDANTE (*Espantado com a ousadia*) – Hein?! Como se atreve a...

DIABO — Foi o que combinamos! (*Para Capitolino*) O que foi que o senhor disse?

CAPITOLINO — Bem... Chega pra lá... Calma... Eu... Eu... Eu mandei você procurar o que havia para comer e preparar-nos o almoço.

DIABO — Então? Ninguém me disse que era proibido entrar em foguetes! Procurei comida. Trouxe o almoço. Escutei e obedeci. (*Para o Comandante*) Não está contente? Pois corto seu nariz! (*Ergue a espada no ar*).

COMANDANTE — Não, não, eu... (*Olha aflito para Capitolino*).

CAPITOLINO — (*A contragosto*) — Está bem. Desta vez passa. Da próxima vez explicamos melhor. (*Para o Comandante, de lado*) Eu não tenho medo dele, é claro, mas... vi que ele é meio idiota, coitado! (*Para o Diabo*) Mas agora... Você vai ter um "trabalhinho" mais pesado... para pagar o que fez!

DIABO — (*Tranquilo, curva-se de novo*) — Escuto... e obedeço!

CAPITOLINO — Ah! Assim! Melhorou!... Agora, você vai limpar o rio que passa aqui perto.

MOÇA (*Pra si*) — Limpar o rio?!... Mas, rio já é limpo! Água é a coisa mais limpa que existe!

CAPITOLINO — Pretendo trazer turistas para cá. E este rio é ótimo para banhos e vai...

COMANDANTE — Turistas! Eu mantenho a ordem! Em fila! Todos! E quem não obedecer...

CAPITOLINO — CHEGA!... Como eu dizia antes desse imbecil me interromper, esse rio pode virar um "rio de dinheiro"! Hah, hah, hah!... Mas assim, cheio de mato em volta,

de pedras e barrancos fazendo lama, não é possível! É preciso desmatar, arrancar todo o mato que está em volta...

MOÇA — *(De seu lugar)* — Arrancar as plantas todas! Não!!!

CAPITOLINO —... pegar as pedras, para fazer uma represa...

MOÇA — "Represa"!... Que será isso?

COMANDANTE — Uma represa! Ótima idéia! Cercar o rio, fechar as margens...

MOÇA — Cercar o rio?!... Coisa horrível!

COMANDANTE — Rio correndo solto dá correnteza, inundação, é um perigo, uma...

CAPITOLINO — CHEGA! *(Ao Diabo)* Enfim, preste atenção: até a noite quero o rio limpinho!

COMANDANTE — Sem mato!

MOÇA — Sem todo aquele verde em volta...!

DIABO — Sem mato... Desmatar tudo!

CAPITOLINO — Com uma represa de pedras...

DIABO — Uma represa de pedras...

CAPITOLINO — Em suma: quero o rio limpinho, para o banho os turistas! Entendeu?

DIABO — Quer o rio limpo! Entendi! Em meia hora verá suas ordens cumpridas!

Afasta-se para junto da moça.

CAPITOLINO — Meia hora! Que idiota! Até conseguir arrancar aquela mata toda que está em volta e juntar pedras pra fazer a represa... tem trabalho para um mês! E olhe lá!

COMANDANTE — Enquanto isso, vou fazer minha ginástica. *(Empertiga-se)* Preciso manter minha boa forma!

Saem. Do outro lado, o Diabo e a moça prosseguem seu diálogo.

MOÇA — O que é que você vai aprontar dessa vez?

DIABO — Já deixei os dois sem comida, não é? Sim, porque gastamos toda a comida do foguete deles nesse almoço. Se quiserem comer vão ter que sair procurando...

MOÇA — Lá do outro lado do planeta, onde eu moro, há comida. Muita, até. Mas eles não sabem ir lá.

DIABO — E agora vão ficar sem água! Quero ver esses dois de língua seca, grudada na boca, morrendo de sede... *(Imita)*.

MOÇA — Talvez assim eles aprendam a não tratar os outros como eles tratam. Eu nunca tinha visto isso! Mas o que é que você vai fazer?

DIABO — Nada... Vou "limpar o rio"...

MOÇA — Limpar o rio... Não sei como!

DIABO — Você vai ver!

Saem. Capitolino e o Comandante estão retornando, o primeiro com cobertas e travesseiro, o outro com halteres e material de ginástica.

Depois de todo um ritual de acomodação, Capitolino deita-se e logo começa a roncar. O Comandante começa a fazer ginástica e levantamento de peso, que lhe acentuam o ridículo de gestos e atitudes.

COMANDANTE — *(Depois de instantes, enxugando o suor da testa)* — Puxa! Estou suando! Dona... Como é mesmo o nome dela? Dona... Hei, moça suneviana!

MOÇA — *(Aparecendo)* — O senhor me chamou?

COMANDANTE — Chamei. Estou com muito calor. Traga-me um refresco, um suco de frutas, qualquer coisa que mate a sede.

MOÇA — *(Imitando o Diabo)* — Escuto e obedeço!

Sai. Ele faz mais uns exercícios. Ruídos, estouros, atrás. Ele se pergunta: "Que barulho é esse? Que é que esse Diabo estará inventando?..."

Ela volta com copo e canudo. Ele "chupa" e faz uma cara feia: na ponta do canudo surgiu uma bola de sabão.

COMANDANTE — Que... que é isso?

MOÇA — *(Assustada)* — É o... o refresco... que o senhor pediu!

COMANDANTE — *(Esbravejando)* — Refresco! Isto está que parece sabão puro! Se é que não é sabão mesmo...

MOÇA — Não, senhor! Nem toquei em sabão... Eu... eu usei a lata de refresco de laranja! Só. E água!

COMANDANTE — Impossível!

CAPITOLINO — *(Acordando)* Que é que está acontecendo?

COMANDANTE — Onde é que você apanhou esta água?

Diabo entra, tranquilo, sorridente, limpando as mãos uma na outra.

DIABO — Pronto! Ordens cumpridas! Serviço feito!

CAPITOLINO e COMANDANTE *(Juntos)* - Já?!...

CAPITOLINO — Tudo?!...

DIABO — Tudo!

COMANDANTE — Impossível!

Comandante o agarra pela roupa, direto.

CAPITOLINO — *(Mostra o copo)* Que loucura é essa?

DIABO — *(Espantado)* — Limpei o rio! Como o senhor mandou!

Ela vai se afastando de fininho, assustada.

COMANDANTE — Desta vez não tem desculpa! Ele explicou bem: arrancar o mato das margens...

DIABO — Botei fogo, uma queimada monstro, e acabei com o mato todo!

MOÇA (*de lá*) — Desmatou toda a margem do rio!

CAPITOLINO — Muito bem. E a represa...?

DIABO — Meti dinamite e fiz do rio uma represa, enorme!

COMANDANTE — Ótimo! Então... estava terminado!

DIABO — (*Negando*) — Ahn, ahn... (*Aponta Capitolino*) Ele explicou muito bem... No fim repetiu, até: *limpar* o rio. Como é que ia limpar... aquela água toda?!

COMANDANTE — Limpar a água?!...

DIABO — É. Pensei, pensei e vi que só tinha um jeito: peguei oitocentas caixas de sabão em pó e...

CAPITOLINO — Oitocentas caixas de sabão em pó! (*buscando ver ao longe*) Não!!!! Por isso é que só se vêem aquelas montanhas de espuma! E agora, ficamos sem água! O que é que vamos beber? (*Vai pegar o copo de refresco*) Olha aí!

DIABO — Ah! Isso eu não sei! Eu cumpri ordens!

CAPITOLINO — Você só pode estar fazendo isso de propósito!

COMANDANTE — Não! É um imbecil, um idiota um... (*Avança para ele, espada erguida*)

DIABO (*Tirando-lhe delicadamente a espada das mãos*) — Não está contente?

COMANDANTE — Lógico que... Uaaaaá! (*Vendo que o Diabo levantou a espada, põe-se a correr, com ele atrás*) Pare! Espere!

CAPITOLINO — Que é isso? Ficou louco? Eu não admito! Somos seus patrões! Eu...

Vendo que o Diabo levanta a espada para ele também, corre a esconder-se atrás da moça.

CAPITOLINO — Se me fizer alguma coisa ela é quem paga!

DIABO — Ah! Olhem só como agem os covardes!

Diabo, no meio, avança ora para um, ora para o outro. Jogo de cena com os quatro. Finalmente Capitolino, vendo que nada consegue, resolve conciliar.

CAPITOLINO — (*Arfando*) — Calma! É melhor... Vamos parar... Eu... nós esquecemos o que se passou. Afinal, o que você quis foi... (*Para o Comandante*) fazer um serviço perfeito... Fez o desmatamento... a represa...

COMANDANTE — Serviço perfeito? Nós vamos morrer de fome e de sede!

CAPITOLINO — (*Severo*) — Hum!... Pelo menos a intenção foi boa!

DIABO — *(Sem deixar a espada com que brinca em ziguezague sobre eles)* — Mas estão contentes? Só desisto se disserem que estão contentes!

CAPITOLINO E COMANDANTE — *(Aproximando-se, cautelosos, riso visivelmente forçado)* — Estamos, sim... Estamos contentes...

O Diabo entrega-lhes a espada com uma cortesia.

DIABO — Ah! Assim, sim...

CAPITOLINO — *(Afasta-se de novo; de lado para o Comandante)* Isso já está me parecendo de propósito! Ele está se fingindo de idiota! Ah! Mas ele não me conhece! Eu sei como acabar com isso num instante! Num instante! Venha comigo! *(Saem)*

MOÇA *(Reaproximando-se do Diabo)* — Nossa! Pensei que desta vez você ia se dar mal!

DIABO — Eu? Com a minha inteligência?...

MOÇA — Mas essa gente da Terra é muito má! São todos assim?

DIABO — Não! Na Terra há muita gente boa que... Hah! Maus! Você acha que *eles* é que são maus! E você se esquece que eu, EU é que sou *o gênio do Mal*?

MOÇA — Não parece...

DIABO — Ahn? Está querendo debochar de mim, me desmoralizar? Já não chegaram meus aborrecimentos? Já não chega...

MOÇA — Não se aborreça. Falei sem pensar. Vai ver, perto de você, eles... eles não são de nada, eles são apenas seus alunos, seus aprendizes, uns... uns "principiantes"!

DIABO — Hum! Agora sim! Acertou! Vê se pensa antes de falar!

Afasta-se, aborrecido, da moça, que continua tentando consolá-lo. Saem.

Em outro ponto, reaparecem Comandante e Capitolino, confabulando em tom misterioso).

CAPITOLINO — Puxa! Ainda não entendeu? Será possível!... Preste bem atenção, que vou explicar de novo todo o plano: eles são quantos? Dois. Nós somos quantos? Dois também. Se nós entrarmos em briga, quem é que ganha?

COMANDANTE — *(Confuso)* — Eles... Não!... Nós... Não! Dois a dois?... Fica empate!

CAPITOLINO — Isso! Então que é que nós precisamos fazer?

COMANDANTE — Cortar o nariz deles!

CAPITOLINO — Não! Ainda não! Não convém ficarmos sem empregados!

COMANDANTE — Então... ir embora daqui.

CAPITOLINO — E deixar essa fortuna toda, o dinheirão que eu vou acumular e vai me deixar bilionário?! Nem pense!

COMANDANTE — Então?...

CAPITOLINO — Use a cabeça!

COMANDANTE — (*Em eco mecânico*) — Use a cabeça...?

CAPITOLINO — É o que estou fazendo: precisamos aumentar nossas forças e diminuir a deles! E sabe como?

COMANDANTE — (*apatetado*) — Não!!

CAPITOLINO — Vamos fazer amizade com a moça! Se a moça ficar nossa amiga e passar para o nosso lado... fica 3 a 1, não fica?

COMANDANTE (*conta nos dedos*) — A Moça do nosso lado... 3 a 1... Fica!

CAPITOLINO — E aí ele está perdido! Entendeu?

COMANDANTE — Mas... mas ela não gosta de nós! Ela tem medo... a gente vê na cara dela quando chega perto!

CAPITOLINO — Ah! Aí é que entra meu plano!

COMANDANTE — Seu plano?...

CAPITOLINO — Um plano simples, fácil: você vai começar a... namorar esta Moça!

COMANDANTE — (*Pulo*) — Eu?!... Namorar a moça?...

CAPITOLINO — Lógico que é só de mentira! Você vai fingir que está apaixonado por ela!

COMANDANTE — Mas... mas... E se ela não quiser?

CAPITOLINO — Ora!... Um Comandante Geral! Com essa roupa linda, esses bigodes, essa figura de artista... (*O outro vai se mostrando desvanecido...*) É claro que ela vai ficar caidinha por você.

COMANDANTE — Caidinha... por mim!

CAPITOLINO — Você vai conquistá-la, tenho certeza!

COMANDANTE (*Eco*) — Vou conquistá-la!

CAPITOLINO — (*Sem mudar de tom*) — Porque, se não conseguisse, seria uma pena... eu teria que arranjar outro Comandante Geral!

COMANDANTE — (*Desperta*) — Outro comandante!... Não! Eu vou lá, agora! Fui!

Diabo retorna, pensativo, seguido da moça, que o observa à distância.

DIABO — Mas até que ela tem razão! Eles são bons? Não. Desde que chegaram só estão fazendo coisas más. Então... deveriam ser meus amigos, *meus aliados!*... Ou será que fizeram alguma coisa boa sem eu saber? Não! Então... então eu estou sendo bobo de ficar contra eles! Eles podem até se tornar meus discípulos! E serão alunos brilhantes, excelentes, daqueles de ter nota 10 em tudo! E juntos... AH!... Nós três, juntos, podemos fazer deste planeta um inferno perfeito! (*Pulo de alegria*). É isso mesmo! Vou me tornar amigo deles e ensiná-los a serem ainda piores do que são!... Mas, espera... Aí com quem

nós iríamos fazer maldades? (*Vendo a moça que se reaproximou, espantada com sua súbita mudança de atitudes*) Com ela! Com ela e seus amigos sunevianos!

MOÇA — Ahn? Comigo o que?

DIABO — (*Ameaçador*) — Você vai ver!

Nesse instante surge o Comandante: seu andar, tom, etc. mostram de pronto uma amabilidade estranha, diferente, que intriga os outros dois.

COMANDANTE — Se não interrompo... O Snr. Capitolino não gosta de conversa em hora de trabalho... Aviso como amigo...

DIABO — "Amigo?"...

COMANDANTE — É. Para que depois ele não se aborreça com vocês... (*Para o Diabo*) Ele agora mesmo estava à sua procura...

DIABO — (*Refazendo-se da surpresa*) — Ah, sim. (*Saindo*) Vou começar a ver quais as suas qualidades que podem ser aproveitadas! Para fazer dele um diabo *daqueles!*

Assim que o vê sair, o Comandante aproxima-se da moça, que recua, temerosa.

MOÇA — Eu... eu não fiz nada. Pode deixar meu nariz em paz...

COMANDANTE — Mas, que é isso?... Com medo de mim?... Olha, nem estou com a espada...

Moça o examina com os olhos, desconfiada.

COMANDANTE — Pode ver... E além disso... (*Pára, ajeita a roupa, apruma o corpo, cofia os bigodes e aproxima-se mais, maneiroso*)... Além disso, eu não conseguiria fazer mal a você...

MOÇA — (*recuando*) Não... não chegue perto de mim...

COMANDANTE — (*Melífluo*) — Eu queria... eu queria namorar você.

MOÇA — (*Espanto*) — Namorar? O que é *namorar?*

COMANDANTE — Namorar é... é começar uma amizade, para depois casar...

MOÇA — E o que é *casar?*

COMANDANTE — Casar é morar na mesma casa, ter família...

MOÇA — E o que é *família?*

COMANDANTE — (*Impacientando-se*) — Ai, mamãe! (*Com paciência forçada*) Será que não vamos nos entender? Aqui não há soveno... como é mesmo... venvianos...

MOÇA — Sunevianos.

COMANDANTE — Suvenianos pequeninhos, assim?

MOÇA — (*Com espanto*) — Há, é claro!

COMANDANTE — Ahn... E... de onde é que eles nascem?

MOÇA — Da mãe deles, ora essa!

COMANDANTE — (*Aproxima-se, dengoso*) Igualzinho lá na Terra! E... Então?...

MOÇA — Então o quê?

COMANDANTE — Eu quero casar com você! Casar!

MOÇA — Comigo?... Por que você não "casa" com o Diabo... com o outro empregado?

COMANDANTE — Não é possível! (*Exasperado*) Porque achei você linda! Nunca tinha vista uma suve... uma suneviana tão linda! Eu... eu estou louco por você! Eu... eu... (*Pára de repente*) Já sei! Carinho é coisa que todo mundo entende!

Diante do ar sempre espantado dela, reaproxima-se, pega-lhe a mão e começa a alisá-la. Ela continua sem entender. Ele leva-lhe a mão ao queixo e faz um "Bilu, Bilu" desajeitado. Ela acha graça, começa a rir e depois resolve retribuir, fazendo o mesmo com ele. Ele tem um verdadeiro chilique de satisfação, rebola-se todo, dando risadinhas. Ela, divertida, continua e ele ri, cada vez mais feliz.

COMANDANTE — Ahn, o amor, o amor! Vai ver aqui é o planeta do Amor!

É quando entram Capitolino e o Diabo, este falando alto, amável e risonho. Capitolino pára e olha a cena, satisfeito.

CAPITOLINO — (*Para o Diabo*) — Shut!... Estão namorando...

DIABO — (*Dá um salto*) — Namorando?!... Mas... isto é um absurdo! Eu não admito!

CAPITOLINO — (*Baixo*) Deixe de ser lobo! Ele está fingindo, enganando a Moça.

DIABO — Ah! Fingir, enganar... Assim, sim, é maldade. Como eu quero e gosto.

Comandante, sempre com o mesmo ar embevecido, apanha uma enorme flor mostrando-a à moça e passando a despetalá-la.

COMANDANTE — Mal-me-quer... Bem-me-quer...

DIABO — (*De lá*) — Mas... pra que ele está querendo enganar a Moça?

CAPITOLINO — (*Risadinha*) — Ah, ah! Isso... depois você vai ver!

DIABO — Vou lá falar com ela!

Mas a moça já os vira e fora se esgueirando sem ser pressentida e está agora saindo de cena. O Diabo a segue.

CAPITOLINO — (*Seguindo-os com o olhar*) — Não vai conseguir nada... Ela agora é nossa aliada, já está do nosso lado... Ah! Ah! Eu sei como acabar com a força de meus inimigos e fazê-los trabalhar a meu favor!

Encaminha-se para onde está o Comandante, ainda com a flor.

COMANDANTE — Mal-me-quer... Bem-me-quer...

CAPITOLINO — Então? Ela agora é nossa aliada, não? Esse empregado imbecil vai ver!

Mas aí repara que o Comandante nem lhe dá atenção, embebido em seu jogo.

Furioso, ergue o braço e o sacode.

COMANDANTE — Mal-me... Ai!

CAPITOLINO — Chega! Ela não está mais aqui! Não precisa fingir mais!

COMANDANTE — Onde... onde está ela? Onde está minha querida?

CAPITOLINO — (*Gaguejando*) Sua... "querida"!...

COMANDANTE — ("*Derretido*") — Eu... estou apaixonado Capitolino... Ela... faz um bilu-bilu lindo! Ai, o amor!...

CAPITOLINO — Imbecil! Pensei que podia contar com você! Parecia um homem enérgico: "Fila, ordem, corto-lhe o nariz! Corto-lhe o nariz!" E a primeira boba que aparece pela frente, fica aí "mal-me-quer" "bem-me-quer"... "Ai, o amor!"

COMANDANTE — É que ela é linda... e eu...

CAPITOLINO — Se falar nela de novo está despedido! Arranjo outro Comandante Geral!!!

COMANDANTE — Naaaão! Eu... eu...

CAPITOLINO — (*dando-lhe as costas*) — Hei! Vocês! Onde será que se meteram?

Sai com o Comandante nos calcanhares, aos tropeções.

COMANDANTE — Prometo... escuta... eu prometo...

O Diabo, entrando pelo outro lado.

DIABO — Esse negócio de "amor" é que atrapalha todo o meu trabalho! Era preciso acabar com isso de uma vez!... Ah! Se todos os homens fossem como o Capitolino! O mundo seria um inferno perfeito!... E agora, mais essa! Se ela e o Comandante se... (*Careta*) se "gostarem", ele vai ficar do lado dela! E isso estraga todos os meus planos! A não ser que...

Vem entrando a moça a olhá-lo, cautelosa.

MOÇA — Ainda está zangado comigo?

DIABO — Eu?... Não! Só fiquei triste porque vi que você... está se tornando amiga deles! (*Fingidamente lacrimoso*) E que vai me deixar sozinho! E que eles vão... vão acabar me cortando o nariz!

MOÇA — Não! Eu peço a ele! Eu... sabe... ele é bonzinho... Eu acho que estou gostando de gente!

O Diabo tem um chilique.

MOÇA — Que foi?!...

DIABO — (*Frenético*) É isso que me parte o coração! Ver você sendo enganada desse jeito!

MOÇA — Enganada...?

DIABO — Lógico! Ainda não viu que eles estão querendo é fazer você ficar contra mim e do lado deles? Já entendi o jogo!

MOÇA — Mas... ele fez "bilu, bilu"... carinho! Carinho é tão bom! Ele gosta de mim...

DIABO — Fingimento!...

Ela se afasta para o lado, pensativa.

MOÇA — “Fingimento”? O que será isso, *fingimento*?

DIABO — (*Pra si, de seu lugar*) — Eu não devia ficar mais contra eles! Tinha é que lhes mostrar que nós somos *aliados* e não inimigos! Mas se ela e o Comandante estão ...(*careta*) “se amando”, isso é uma coisa terrível, que eu tenho que evitar a todo custo!... Além disso, Capitolino e o Comandante estão bem adiantados, já são piores do que eu pensava! Não precisam de muitas lições mais!

MOÇA — (*Volta para junto do Diabo e estende-lhe a mão, raivosa*) — Ele quis me enganar, não é? Aqui no nosso planeta nós não enganamos ninguém! Pois vão ver! Conte comigo para o que quiser!

Entram Capitolino e o Comandante. Este procura logo ficar ao lado da moça, que lhe volta seguidamente as costas, para sua surpresa e aflição.

CAPITOLINO — (*Adiantando-se, para o Diabo*) — Estivemos conversando e resolvemos o seguinte: de agora em diante, você não vai fazer nada sozinho. Darei as ordens a ela e você trabalhará junto com ela. Entendeu?

DIABO — (*De lado*) — Ótimo.

COMANDANTE — Não é melhor deixar que eles... descansem um pouquinho?

CAPITOLINO — Descansar?! Em hora de trabalho? Está louco!... (*Baixo*) Querendo proteger a moça, é? Acabo já, já com suas intenções!

CAPITOLINO — (*À moça*) — Venha cá! Já perdemos muito tempo com bobagens!

Ela se aproxima um tanto desafiadora agora. O Comandante permanece atrás, com ar de desconsolo.

CAPITOLINO — Sabe aquele lugar, perto do rio, cheio de árvores frutíferas?

MOÇA — Sei.

CAPITOLINO — Pois bem, preste atenção: aquelas frutas não existem na Terra. Vocês vão até lá e, com o má-xi-mo cuidado, vão colher as frutas. Sem estragar nem machucar nenhuma. Entendeu bem?

MOÇA — Sim, senhor.

CAPITOLINO — Ótimo! Vão colher as frutas, sem deixar nenhuma. É para mandar todas essas frutas para a Terra! (*Para o Diabo*) Vá com ela. Não invente nada de sua cabeça.

Faça só o que ela mandar! Claro?

DIABO — Claríssimo!

COMANDANTE — *(Estufa o peito e adianta-se para ele, autoritário)* — Se desta vez houver erro, um errinho que seja... já sabe! Era uma vez um nariz!

CAPITOLINO — *(Ameaçador, para ele)* — Não proteja a moça! Dois! Dois narizes!...

COMANDANTE — *(Quebra-se de novo)* — Do... dois narizes!... *(Saem)*.

O Diabo aproxima-se da moça e diz-lhe qualquer coisa ao ouvido. Ela solta uma gargalhada. Saem os dois correndo. Um instante depois desce do alto uma verdadeira "cortina" de frutas, ou finos fios de luzes coloridas cruzam a cena em todas as direções, enquanto um piscar de luzes sugere rápidas mudanças de tempo. Até que, por fim, a moça surge ainda atirando algumas para todos os lados.

MOÇA — Mandar para a Terra! Uma chuva de frutas pra gente boa lá da Terra! Vai ser uma festa, uma alegria geral!

A luz desce brevemente, em resistência. Sobe de novo com os dois vindo sentar-se, comendo ainda uma fruta.

DIABO — Até que são gostosas mesmo!

MOÇA — Já pensou a cara deles quando virem?...

Entra o Comandante e, ao vê-los, faz uma cara de "ora veja"! E depois se aproxima, pé ante pé. Ao chegar bem perto do Diabo, grita:

COMANDANTE — Matando trabalho, hein?

DIABO — *(Tranquilo, sem nem se voltar)* — Já acabei!

COMANDANTE — Ah! Essa não eu não acredito! Não dava tempo de colher, empilhar e encaixotar tudo!

DIABO — Ninguém mandou encaixotar...

CAPITOLINO — *(Entrando)* — Comandante: o senhor... *(Ao ver os dois)* Que é que estão fazendo aqui?

COMANDANTE — Dizem que já acabaram! Imagine!

CAPITOLINO — Ah, é? Então me mostrem as pilhas de frutas... Onde estão?

DIABO — *(Levanta-se, esfregando as mãos)* — Já mandamos para a Terra.

COMANDANTE e CAPITOLINO *(Juntos)* — Já mandaram?!

CAPITOLINO — *(Num susto)* — O nosso foguete!

DIABO — Está no lugar. Ninguém falou em foguete. Não tocamos nele.

COMANDANTE — Então...?

DIABO — Não se preocupem: não era para mandar pra Terra? Eu tenho ótima pontaria!
Procurei a Terra no espaço, mirei com atenção e... atirei bem em cima dela! A esta altura já devem estar chegando lá!

MOÇA — Vai ser tão engraçado! A gente lá da Terra não vai entender nada! Aquele monte de frutas caindo de repente na cabeça deles!...

CAPITOLINO — *(Num acesso histérico)* — Minhas frutas! Jogadas no espaço! Perdidas!
Ah, meu rico dinheirinho! *(Para o Comandante, apoplético)* Faça alguma coisa!
Esgane-os! Enforque-os! Hah!...

COMANDANTE — É isso mesmo! *(Para o Diabo)* Você agora não escapa!

CAPITOLINO — Os dois! Os dois!

DIABO — Ah, agora reclamam? Não estão mais contentes?

COMANDANTE — Contentes?!... Você agora vai ver o que é a fúria de um Comandante Geral! *(Num esgar para ele)* Huh !...

Começa um corre-corre, de perseguição e fuga. Mas, ao girarem na corrida e passarem pela moça, que se mantém de lado, na torcida, ela segura o Comandante e, com o melhor de seus sorrisos, pede-lhe, “cantante”, a espada:

MOÇA — Sua espada, meu senhor? Me empresta, por favor?

Ele, encantado com o pedido, entrega-a e ela a passa de imediato ao Diabo, que continuava a correr, invertendo assim as posições.

DIABO — Eu que corto dois narizes!

Corre-corre inverso, agora, com a moça sempre na torcida, até que o Comandante grita para Capitolino:

COMANDANTE — Para o foguete! Rápido, senão vamos ficar sem nariz!...

Saem de cena correndo e logo depois se ouve o ruído de foguete partindo. Moça olha algo que passa ao longe.

DIABO *(espada ainda na mão)* — Foram-se! Que pena! Há muito tempo eu não me divertia tanto!

Ela se aproxima dele, embevecida, enquanto ele contempla a espada.

DIABO — Acho que vou ficar com essa espada! Diabo moderno anda é com armas! Armas!

Gesto erguendo-a no ar. Ela vence a timidez e hesitação, aproxima-se mais dele e encosta-se a seu ombro, dengosa.

MOÇA — Meu herói!...

Ele enche o peito, satisfeito e orgulhoso; ela, animando-se:

MOÇA — Você é tão bonzinho!...

Ele ainda risonho. Súbito, cai em si.

DIABO — Epa! "Bonzinho"?!... Mas... começou de novo! Isto é o cúmulo! Chamar-me de "bonzinho", a mim, O GÊNIO DO MAL! (*Brandindo a espada*) Suma daqui! Suma, senão... senão, corto-lhe o nariz!

Ela solta um grito de susto e sai correndo, perseguida por ele, até sumir de vista.

Ele volta, resmungando.

DIABO — "Bonzinho!" EU! Um diabo!... É um desaforo! Também... eu não tenho armas, como eles... Ah! Se todos os homens fossem como o Capitolineo! A Terra seria um inferno exemplar!

Vai recaindo na fossa...

DIABO — Mas eles ficam me fazendo concorrência... E num mundo em que *eles* é que produzem armas e ficam matando, e roubando e fazendo guerras... que é que pode um pobre diabo como eu?...

Encaminha-se para o fundo e, enquanto a luz desce em resistência, apenas um foco marca ainda a figura da suneviana, sonhadora):

MOÇA — Ainda bem que no meu planeta não há tipos como esses! Mas minha mãe diz que a Terra é linda, tem árvores, e flores, e mares e riachos... E ela gosta de gente, diz que eles são alegres, que gostam de rir e de cantar...! Quando é que eu vou ver essa outra gente, a gente boa da Terra de que ela tanto fala?...

O JOGO DA CAÇA AO PÁSSARO

(Para maiores de 12 anos)

Prêmios de

Melhor Texto e

Melhor Espetáculo do Ano em Porto Alegre, RS (1974)

e Salvador, BA (1976)

1ª Montagem no Teatro de Arena da Guanabara — Dezembro/1973

Direção de Almério Belém

Por que cartas de baralho?

A pergunta me pegou de surpresa nos debates de um Festival de Teatro. “Não sei”, respondi francamente (pois até hoje não me convencem as “explicações” dadas sobre o mistério da criação). Soube apenas dizer que quis a imagem de figuras retas, planas, sem profundidade, e que os naipes me sugeriam leituras simbólicas, que usei, soltando entre elas o Coringa, ou Louco, Bufão, Arlequim, uma figura que me é sempre muito simpática.

Foi quando alguém da platéia (que soube depois ser professora da universidade em Florianópolis) fez da platéia observações tão interessantes que pedi que anotassem e aqui tento reproduzir. Disse ela:

O baralho é algo muito antigo no imaginário humano, e já existia entre indianos, chineses, egípcios e árabes, que o levariam para a Europa no século 12 ou 13. O jogo das cartas, tal como o da vida, tem lances e resultados inesperados e imprevistos, razão porque se tenta “adivinhá-los”, como fazem os ciganos, os mágicos, os tarólogos etc. A própria palavra *naipe* vem do hebreu e significa *magia, feitiçaria*. Os naipes têm realmente leitura simbólica e também correlação com as forças da Natureza: *Ouros/Terra* representa dinheiro, bens materiais e expressões físicas; *Copas/Água*, amor, sentimentos sonhos e dotes artísticos; *Espadas/Ar*, lógica e racionalidade, mas também disputa e poder; *Paus/ Fogo* o auto-crescimento, a energia, a engenhosidade. E, segundo ela, as escolhas das cartas também era menos aleatória do que eu supunha, pois cada uma das escolhidas tem também um significado próprio: o Coringa (que vem do Louco, Il Matto do Tarô) é a liberdade, e o impulso de ir adiante; o Dez de Paus, a ânsia de posição e reconhecimento; a Dama de Copas, as fantasias mais profundas e a percepção sensível; e se o Rei de Ouros é alguém invejoso, materialista e de espírito prático, o Rei de Copas é associado ao médico que se preocupa com sanar dores vividas, e sobretudo, evitar novas dores, controlando o curso do amor. O mesmo se dá com o próprio “cenário” sugerido - a mata, ou seja, um ambiente “natural”- e a presença dos Meninos que, tal, como o Coringa, se associam à espontaneidade e inquietação.

Pela curiosidade e interesse então despertados na platéia (e em mim...) , registro

aqui esses comentários – que cabe, a quem for ler, conferir...

Observações:

1. Nos cenários, figurinos, maquilagem, gestos, etc. deve ficar sempre bem marcado o aspecto de *cartas* dos personagens, ou seja, *figuras retas, planas, sem profundidade*, que só ao final se transformam em *gente*. E nas cores, o vermelho, preto e branco dos naipes.
2. A marcação deve atentar para o título da peça, i.e., para o fato de se pedir *que seja cenicamente um jogo*, nas entradas de cada "time" pelo mesmo lado, troca de posições, movimentação, etc. Inclusive quando algumas cenas são assistidas por um observador, ou assistente, do adversário.
3. As falas em versos (a Dama de Copas sobre o Pássaro, ou o Dez de Paus sonhando o vôo) devem ser declamadas, para passar o sentido do texto, mesmo quando da fala, ritmada progressivamente, surja o canto ou a música.

Em flauta doce, manso, a música de “Escravos de Jó”, subindo pouco a pouco para outros instrumentos, Após a primeira frase musical começam a surgir as figuras, em coreografia ou jogo cênico sublinhado pela música.

CORO — No reino das cartas

vai tudo muito bem,

paz, sossego

e muita alegria também.

Estudam e trabalham (

e o povo vive bem. (bis

Trombone em fundo: Coringa destaca-se em súbita acrobacia.

CORINGA — Eu começo dando as cartas para o jogo iniciar. Deste lado, a primeira, o Rei de Ouros!

REI DE OUROS (*De lá*) — Eu que mando neste reino! Aqui sou Rei e Senhor!

CORINGA — Rico e forte, isto só de olhar se vê. Suas outras...“qualidades” vão no jogo aparecer...

Variações sobre o tema musical, com violino ou flauta.

CORINGA — De lado de cá, agora... Olhem! A Dama de Copas... Ai! Essa Dama de Copas é a paixão de todos nós...

VALETE DE ESPADAS (*De lá*) — Minha, não, que eu sou um homem de luta!

CORINGA —... um dia, por causa dela, ainda vou ser herói! É ela que traz pro jogo

sentimento e emoção, e às vezes nos surpreende com a sua intuição. Ai, essa Dama de Copas todos querem ter na mão!

Variações sobre o tema em corneta ou trompete agudo.

VALETE — Todos, não! Que eu não sou tolo e conheço meu dever: vigiar, espionar, cuidar de manter a lei. Que “herói” é aquele que usa sua espada pra defender o Rei e essa macacada. Se eu não mantenho a ordem, isso tudo dava em nada!

CORINGA — Esse é o Valete de Espadas, joga do lado do Rei. Fiquem atentos ao que faz: fala de lei e de ordem, mas de coisas imprevistas é capaz. Junto à Dama, entra aqui...

DAMA DE COPAS —... um Ás, aqui comigo! O jogo começa bem! O Ás é carta de peso, é aquele que sabe tudo, sua presença no jogo pode ser a solução.

O figurino do Ás tem todos os naipes, um em cada ponta da “carta”.

CORINGA — De fato, o Senhor As é figura procurada. Só que... ele tem no momento um probleminha, que vão ver em sua ação.

Ahn? Quem sou eu? Eu sou o Coringa, a quem todos já conhecem. Para uns eu sou o Louco, como dizem no Tarô. Para outros, um Bufão. Há quem me chame de Joker, porque sou gozador e brincalhão. Não sou carta numerada, entro no jogo onde quero. Mas posso até dar vitória a quem me tiver na mão.

O Dez de Paus, que entra correndo, à procura de alguém. A música se acelera e inicia-se pantomima: Dez de Paus diz algo ao ouvido do Valete, que se espanta; este ao ouvido do Rei, que se alegra; a Dama apurou o ouvido e dá um gritinho de susto. O Coringa se detivera e apenas vê a confusão criada, a palavra "o Pássaro, o Pássaro" perdida entre os sussurros e, súbito, os três saindo precipitadamente. Música cessa. Coringa vai ao Ás, que ficara ao fundo, ar "filosófico", perdido em suas meditações.

CORINGA — Senhor Ás! Quer me dizer o que foi que aconteceu?

ÁS — O Dez de Paus conseguiu!

CORINGA — Conseguiu? O que?...

ÁS — O que...? Não sei!

CORINGA — Ora, que grande resposta: "conseguiu"... não sabe o que! Deve ser coisa importante: o Rei ficou muito alegre. E o Valete espantado...

ÁS — (*Distraído, em eco*) — Sim... Alegre e espantado...

CORINGA — Mas a Dama se assustou. Chegou mesmo a dar um grito. E saiu pelo outro lado. Fui falar em paz e calma, que aqui é sossegado e logo me desmentiram: está tudo

embaralhado!

A Dama de Copas entra correndo.

DAMA DE COPAS — Senhor Ás! Venha depressa! Preciso de sua ajuda!

ÁS — Ahn? Onde? Quando? O que foi?...

CORINGA (*Ofendido*) — Ora, essa é muito boa! Eu é que sou o Coringa e que estou abrindo o jogo. E vem a Sra. Dama, na hora que quer ajuda, me vê... porém chama o Ás! Ah, isso não fica assim! Não quero ser descartado e é já, já que vou saber por que estão tão agitados!

A Dama, que dissera algo ao Ás e depois ficara atrás, a olhar o Coringa, aproxima-se:

DAMA DE COPAS — Quem disse que o descartei, hum? Já deixei você de lado em qualquer jogo ou partida?

CORINGA — Hein?... Não, eu... eu sempre estou no jogo e... sou figura importante e... (*de lado*) Me pegou com essa pergunta: não sei nem o que dizer!

DAMA — Mas já vi que quer saber por que essa confusão.

DAMA - Uma coisa muito séria: Dez de Paus veio contar que achou o pássaro branco!

CORINGA — E o que tem isso de mais? Existem em todo o reino bandos de pássaros brancos! Por que agora a notícia fez todo esse reboiço?

DAMA — É que esse é diferente: esse pássaro... é mágico! Olha o que Dez de Paus falou...

Luz sobre o Dez, descrevendo a cena que vai surgir. Nas laterais, Valete e Dama assistindo.

DEZ DE PAUS — Ah, a coisa foi assim: saí pra caçar codorna lá para os lados da floresta. Quando passei pela estrada, perto de uma casinha, vi um garoto sentado, conversando com um pássaro...

Cena ao fundo em silhuetas (teatro de sombras).

MENINO— Eu sei que você está crescendo, meu pássaro. Você está crescendo... crescendo comigo....

DEZ DE PAUS (*De cá*) — Era um pássaro branquinho, que cabia na mão dele...

MENINO — ... e sei que você está doido para sair por aí, voar bem alto e bem longe, e me levar com você. Vamos sair por aí... Mas suas asas são curtas... e você pode cair. Cair e se machucar.

DEZ DE PAUS — Parecia até um pombo, igual a todos os outros. Mas quando cheguei mais perto... vi que era diferente.

MENINO — Espera um pouquinho mais, que suas asas fiquem fortes. Vá voando por

enquanto bem baixinho, por aqui, medindo bem suas forças contra o sol e contra o vento. Que quando você crescer e puder voar bem alto, eu solto você no céu, para ir até o sol, passar por cima do mar, sentir o vento nas asas, ver novas terras e matas, cantar juntinho dos homens que vão e vêm do trabalho, fazer brotar grama verde e o céu ficar azul!

DEZ DE PAUS — ... fazer brotar grama verde e o céu ficar azul! Quando ouvi essas palavras, vi que era o Pássaro mágico de que tanto ouvi falar!

MENINO — Vá voando por aqui, bem baixinho, devagar, que quando você crescer... vamos voar por todo o reino!

Luz se apaga sobre a cena de trás.

CORINGA — Agora entendi! O que está em jogo aqui é algo muito importante! O Pássaro é o Prêmio de quem ganha esse jogo! E o Valete de Espadas quer garantir que ele fique em suas mãos!

DAMA — Por que dizem que ele é mágico?

CORINGA — Não! Porque o Valete acha um perigo as mágicas que ele faz!

DAMA — Eu sei que Pássaro é esse... E que é mesmo mágico o que ele faz...

Dizem que onde ele passa
Mesmo quando é pedra dura,
Brotam uma grama verdinha
Verde bem claro e brilhante
Como a esperança da gente.
Suas asas fazem um vento
Que refresca a quem trabalha
E deixa em sua boca
Um gosto de água clarinha
Como a que sai de uma fonte.
E no coração se acende
Uma vontade bonita
De cantar e de dançar
Uma coragem de luta
E uma alegria tão grande
Que até parece a do rio
Quando se encontra com o mar.

CORINGA — Um Pássaro como esse tem que ficar bem guardado!

DAMA — E O JOGO JÁ COMEÇOU! O Valete pegou o Dez de Paus e o segurou em sua mão! O que vai fazer com ele?

Luz sobre Valete, que fala com o Dez de Paus.

VALETE — Na primeira jogada vem você pra minha mão... Acho que de nada serve...

DEZ DE PAUS — Por que? Porque não sou do mesmo naipe que o senhor? Ou por que sou carta de menor valor? Mas sei de algo que pode lhe interessar...

Porque eu tenho olho vivo,
não sou tolo como pensam
os que só me dão problemas,
obrigações e pressão,
por mais que me esforce tanto
para ter reconhecimento e posição.

CORINGA — (*De cá*) Que vai ter, pois entrou bem no jogo, com presença marcada e uma notícia importante que deslanchou a ação! E o que vai oferecer?

DEZ DE PAUS (*De lá*) — Eu sei onde está o Pássaro! Isso não lhe interessa?

VALETE — Claro que sim! Então, venha comigo! Vamos falar com o Rei e pedir um batalhão para ia lá caçar o Pássaro e o Menino! (*Saem*)

CORINGA – E onde está o Pássaro agora?

DAMA — Isso que eu não sei. Sei que o Valete de Espadas há muito anda atrás dele. E disse que vai caçá-lo!

CORINGA — Caçar! Isso é que não! Um Pássaro como esse não pode ser apanhado!

DAMA — É o que eu acho também. Por isso vim lhe pedir pra também entrar no jogo.

CORINGA — Se ele pegou o Dez de Paus... então entro do seu lado, para ficar três a três. E é pra já! Vamos ver de perto a jogada do Valete e armar também nosso jogo!

DAMA — Isso!

Voltam súbito, com grande tumulto, o Rei de Ouros, o Valete de Espadas e o Dez de Paus.

VALETE DE ESPADAS — Dez de Paus! Conte ao Rei como foi que achou o Pássaro!

DEZ DE PAUS (*Resignado*) — Já contei mais de dez vezes... (*Aproxima-se do Rei*) Saí pra caçar codornas lá para os lados da mata...

REI DE OUROS (*Corta*) — Codorna...? Ah, eu adoro codornas! Codorna frita! Codorna assada! Churrasco de codorna!

O Valete, contrariado, faz sinal ao Dez de Paus para que prossiga.

DEZ DE PAUS — Quando passei pela estrada, perto de uma casinha, vi um menino dizendo

que estava criando o Pássaro pra soltar no céu do reino.

VALETE — "Soltar"! Ouviu, Majestade? Esse Pássaro solto é um perigo. O que é que vamos fazer?

REI DE OUROS — Assar! Assar com vinho e cebolas!

VALETE — Hein? Assar...? Mas... mas assar o que?

REI — As codornas que ele trouxe! Codorna assada é gostoso!

VALETE — Assar... Codorna assada... É só o que sabe dizer? O que temos que fazer é...

REI — (*corta*) O que fazer? Primeiro, deixar de molho, esfregando com limão. Eu só gosto de codorna quando está bem temperada!

DEZ DE PAUS — Posso dar opinião? Acho que fritas no azeite...

VALETE — Ficaram loucos? Estão falando em codornas e esquecendo o principal! O problema é o Pássaro! O que fazemos com ele?

REI (*Solene*) — É fácil, a solução: pode ser assado junto! Afinal, codorna ou pássaro, tudo é ave, tudo é ave! Mesmo sendo diferente, o tempero é sempre igual.

Valete tendo chilique já, de raiva. Continuam em mímica, a discussão.

DAMA (*De cá*) — Coringa, e nós? O que é que vamos fazer? Já botei o Ás no jogo contando-lhe o que acontece.

CORINGA — Então vamos ver o que ele diz ou faz! (*para ele, ar perdido, atrás*) Senhor Ás!

DAMA (*Aproximando-se dele*) — Por tudo que já lhe disse...

CORINGA — E tudo que estamos vendo, o problema é bem sério: o senhor, que é sábio e mestre, o que sugere fazer?

ÁS — Ah, é sério, é muito sério! (*Abre imenso livro atrás*) Se consultar o meu livro resolvo logo a questão! (*Mergulha no livro*)

CORINGA (*para a Dama*) — Não espere muito dele... O Ás anda meio desligado, de vez em quando sai da real, a cabeça vai pro espaço...

DAMA — Vai pro espaço, como?

CORINGA — Se desliga do mundo... e não ouve **ou (tirar)** nem quer saber do que se passa além **de** sua janela.

ÁS (*voltando*) — Vocês têm razão. Codorna assada é coisa muito vulgar. Mas o Rei estava certo, é fácil, a solução: podem ser assados juntos. Afinal, codorna ou pássaro, tudo é ave, tudo é ave!

DAMA — Essa, não!

VALETE (*De lá*) — ... só lhe peço, Majestade, que enquanto (*raiva contida*) come codornas...

eu, o Valete de Espadas, queria sua licença para ir caçar o Pássaro... e o Menino!

DEZ DE PAUS (*em eco*) - Caçar o Pássaro... e o Menino!

DAMA (*De cá*) — Caçar o Menino? Mas se ele não fez nada!

CORINGA — É que prendendo o Menino o Pássaro vem também.

DAMA — E o que vão fazer com eles?

VALETE (*De lá*) — O Menino será preso. E o Pássaro... comido em um banquete real!

REI — Comido em um banquete?... Boa idéia, boa idéia!

VALETE — Então... vamos, sem demora! Dez de Paus! Venha comigo!

DEZ DE PAUS — Sim, senhor!

Saem juntos. Rei se recosta para dormir.

DAMA – E agora? O Ás com que eu contava, mergulhou, perdeu o pé... Estamos com poucas cartas, que trunfo podemos ter?

CORINGA – Calma. Se eu estou no baralho, mas não estou numerado, sou o 0 ou o 22, é porque sou andarilho, estou sempre a caminhar, não me prendendo a limites, sempre em busca de espaço e horizontes.

DAMA- Mas, de que vale isso aqui?

CORINGA – Por isso esse Pássaro é importante para mim. Por isso entrei nesse jogo. Por isso trago lanterna, para ver bem o caminho. E guardo nesta sacola (*mostra a que tem ao ombro*) tudo que vou aprendendo, o que o caminhar me dá e passo a levar comigo.

DAMA — (*Impaciente*) Sim, mas vamos logo, correndo! Não podemos perder tempo, eles já devem estar lá!

CORINGA – Mas você mesma pergunta: que trunfo temos? Vamos ver. Estenda a mão adiante e veja o que a sorte lhe traz!

Uma pausa e entram Dez de Paus e o Valete, seguidos do Menino, mãos atadas atrás.

VALETE — (*De lá*) Dez de Paus! Prender o Menino foi fácil. Agora, preste atenção!

DEZ — Sim, senhor!

VALETE (*Olha pro alto*) — Olha! O Pássaro está vindo, acompanhando o Menino... Vamos pegá-lo no laço! Depressa! Já!

Dez de Paus arma o laço. Correm de um lado para o outro tentando laçar no alto um Pássaro (apenas silhueta ou sombra e rumor de asas) que

escapa sempre. Até que param, cansados.

VALETE — Não adianta... Tenho uma idéia melhor: ao chegarmos ao palácio, corra e apanhe logo a rede, para pegá-lo no ar.

DEZ — Sim, senhor.

VALETE — Chame todos os arqueiros: se ele se assustar com a rede e tentar escapulir, mando atirarem as flechas e acabo com esse bicho!

DEZ — Sim, senhor.

VALETE - Depressa! Em frente, marche!

Valete e Dez saem de cena com o Menino.

DAMA (*De cá*) — Chegamos tarde! Já prenderam o Menino! E agora, o que fazemos?

CORINGA (*Olhando à distância*) - Hum... Olha lá... Quatro meninos brincando!... É disto que eu precisava!

DAMA- Quatro meninos brincando? E de que nos serve isso?

CORINGA - Já sei o que vou fazer!

Sai correndo. De lá, Rei ainda dorme. Dez de Paus e o Valete entram, apressados.

VALETE — Majestade! Um caso grave, gravíssimo, uma desgraça completa!

REI — (*Pulo*) Uma desgraça...?! Já sei! Acabou a comida do reino! Vamos morrer de fome! Aaaaaaaaah! Guardas! Decremem estado de alarme! Preparem todo o exército! Invadir terras vizinhas! Aprontar...

VALETE (*Tentando detê-lo*) - Calma... Não, Majestade... não é isso...

Dama do outro lado, a observar. Dez de Paus cabisbaixo.

REI — Pegar tudo que encontrarem! Trazer tudo para nós! Encher os nossos celeiros!

VALETE (*Grito*) — Há comida *sobrando*!

REI — Ahn? Comida? Onde? Vamos lá, rápido, tomar deles, pegar tudo, trazer para...

VALETE — (*Berro*) Há comida *sobrando aqui*!

REI — Aaaaaaaaah. ...

Senta-se, aliviado e exausto. Dama de Copas rindo do outro lado.

REI (*Agora irritado*) — Então por que fez esse barulho todo? Por que veio falar em caso grave, gravíssimo? Tirar minha tranquilidade? Interromper meu sono?

VALETE — O Pássaro branco que fomos caçar, lembra-se?

REI — (*Novo pulo*) Já foi caçado e comido! Acabou-se meu banquete! O banquete que eu sonhava está perdido, estragado... Aaaaah!...,

VALETE — Posso falar?!!

REI — (*Surpreso*) Fala, ora. Não estou tapando sua boca. Não fala porque não quer!

VALETE — O Pássaro... esse imbecil deixou fugir!

DEZ — (*Adianta-se, tímido*) — Mas... mas o Menino foi preso e...

VALETE — Imbecil! Não é o Menino que eu queria pegar!

DEZ — Não...?! Mas ...

REI — Era o Pássaro, eu sei. E sabendo que era comida de meu banquete real ele ainda ousou fugir?

VALETE — Ousou!

REI — Então fica proibido de entrar no meu palácio! Pronto! E o banquete...

VALETE (*Contendo-se*) — Majestade...

REI — Ahn... O banquete... Cace um brontossauro! Um brontossaurozinho também dá pra alimentar.

VALETE (*Ameaçador*) — Majestade, nós temos que achar o Pássaro e metê-lo na gaiola! Se não, acabou o banquete!

REI — A-ca-ca-bou...? Ah, isso que não! Reúna forças, um exército e procure esse bicho até achar!

VALETE — Achar... onde? Aí é que está o problema! O Pássaro foi pro mato. Metido no meio das árvores e o verde todo de lá, como é que vamos saber onde é que ele está?

REI — Ora, vai lá, vai... O que eu queria saber é porque atrasam meu lanche!

DAMA (*De cá*) — Com isso ganhamos tempo. E falo com o Coringa para agir sem mais demora! Onde será que ele foi?

Vai sair, mas vê o Dez, ar abatido, no meio da cena..

DAMA (*Aproximando-se dele*) — Que foi que houve, Dez de Paus? Pensei que estava contente de ter prendido o Menino!

DEZ — Que é que houve... Então não viu? Ele me descartou! Tive esse trabalho todo e em vez de me agradecer me chama de "imbecil"!

DAMA — Hum... Queria uma medalha?

DEZ — Que é que ele quer de mim? Deu a ordem: prenda os dois! Não discuto o que eles mandam. Fui lá, suei, corri e só com muito trabalho é que preni o Menino! Mas agora, só porque o Pássaro foge, ele se põe a gritar: "Imbecil! Não é o menino que eu queria pegar!" Então não sei o que era!

DAMA — Pois eu sei e muito bem: é o Pássaro, que ele quer!

DEZ — Não sei por que...

DAMA — Porque o Valete tem medo das mágicas que ele faz, e das mudanças que traz sua força e magia.

DEZ — O Pássaro... Se ele soubesse a verdade... mandava me enforcar!

DAMA — A verdade? Que verdade?

DEZ — Depois do que aconteceu... não pegam mais o tal Pássaro!

DAMA — Mas... o que foi que aconteceu?

CORINGA — *(Entrando de um salto ao lado deles)* — É que o Pássaro está salvo!

DEZ — E a culpa é toda sua!

DAMA — Como assim? Não entendi!

CORINGA — Dez de Paus e o Valete tinham prendido o Menino. Vinham andando com ele. Sobre eles vinha o Pássaro, acompanhando o Menino...

Do outro lado, o Valete e o Dez de Paus.

VALETE — Não se esqueça do que mando: ao chegarmos ao palácio, corra e apanhe logo a rede! Chame também os arqueiros: se ele tentar fugir... mando atirarem as flechas!,

DEZ — Sim, senhor! Deixa comigo, que vou providenciar!

VALETE — Depressa, em frente! Marche!

DAMA *(De cá)* — Nossa! E o que é que você podia contra tanta gente junta?

CORINGA — Foi o que me perguntei. Aí, vi quatro meninos jogando bola de gude.

Volta o teatro de sombras, ao fundo.

CORINGA — Acendi minha lanterna e virei toda pra eles, de modo que a luz batesse bem no rosto dos meninos.

Jato da lanterna bate-lhes no rosto fazendo-os se virarem.

CORINGA — Depois fiz a luz subir, mostrando o Pássaro a eles... De novo, no rosto deles... no Pássaro... no rosto deles... no Pássaro...

Um dos garotos se levanta::

GAROTO — Olha que pássaro lindo!

VOZES — *(Off)* Vamos pegar! Vamos...!

CORINGA — Um deles fez logo laço e jogou com toda a força. Assim pegaram o Pássaro e carregaram com eles. E agora ele está salvo, protegido pelos quatro!

DEZ — E eu nem sei onde eles moram. Se o Valete de Espadas sabe disso... em vez Dez de Paus, vou virar dez pedacinhos

Luz destaca Rei, que ouvia de lá, impresentido, tendo um acesso de fúria.

REI - Aaaaaah! Não sei como me contive! Que vontade de pegá-los e fazer um picadinho, sem por tomate nem sal! Então armaram o jogo contra mim, que sou o Rei! Ah, mas vão ver! Vão ver mesmo! Rei de Ouros não é brinquedo! (*Arranca um pedaço do trono e começa a mastigar*) Ahn... Estou com tanta raiva que até devorava um boi!

Sai, sem ver o Valete que entrara, pensativo.

VALETE — Com o Dez de Paus descartado... e esse Rei voraz, devorador, que só faz o que lhe interessa...Tenho que comprar outra carta. Precisava comprar era um Ás, que com seu saber me mostrasse... Olha ali um! Quem sabe ofereço verbas pra seus estudos e pesquisas, e trago ele pro meu lado!

Aproximando-se do Ás, meio metido no livro, ao fundo.

VALETE — Senhor Ás, preciso de sua ajuda! É coisa urgente: tenho de achar o fujão!

ÁS — O fujão...? Divino, maravilhoso! Onde está? Onde está ele?

VALETE — Isso é o que eu quero saber!

ÁS — Ah, também está procurando? Então venha me ajudar! Procurei por aqui tudo e não consigo encontrar. Vou pegar livro por livro e ver se caiu lá dentro.

VALETE — Livro... Mas um pássaro não cai dentro de um livro!

ÁS — Pássaro? Que idéia! Ele deve ter voado, mas daí dizer que é "pássaro" é um tanto exagerado...

VALETE — O senhor quer me dizer o que é que está procurando?

ÁS — Sabe guardar um segredo? Algo confidencial?

VALETE — Sim, sim...

ÁS — (*Quase ao ouvido*) Sabe quem foi que fugiu?

VALETE — Não! Quer dizer, quem fugiu foi aquele Pássaro que eu queria caçar!

ÁS — Que pássaro! Mania! Há coisa mais importante! Pois saiba que quem fugiu foi...

Cochicha-lhe algo inaudível.

DAMA — (*De cá*) Pegou o Ás! Será que vai conseguir fazer jogo com ele?

CORINGA — Não creio. Não viu o que acontece com o Ás? Encastelou-se numa torre de marfim e se desligou do mundo e de seu movimento. Não vê, não ouve, e nem quer saber o que acontece aqui.

DAMA — É verdade... Vamos ver o que o Valete vai fazer com ele.

ÁS — É o que lhe digo: quem fugiu... foi o tracinho do A !

VALETE — O tracinho do A ...?

ÁS — Sim, aquele tracinho curto que fica entre as duas pernas. Vê agora que desgraça?

VALETE — Não estou entendendo nada...

ÁS — Não entende? Pois vou explicar melhor. Este aqui... é o último retrato dela, antes de acontecer esta tragédia!

Slide ou gravura: um enorme A.

VALETE — Ahn... Um A... E daí?

ÁS — O A. Agora veja...

Tira o traço horizontal do A, ficando, é claro, um enorme V invertido.

ÁS — E agora, que letra é essa?

VALETE — Não sei.

ÁS — Não sabe, é claro. Vê a confusão? Pode ser um A sem traço... ou um V de cabeça para baixo.

VALETE — Ah! Isso é a letra V?

ÁS — Lógico, claro, evidente. Não conhece a letra V?

VALETE — Não, essa eu não conhecia.

ÁS — Agora o senhor me assusta! Que letra conhece, então?

VALETE — A letra N, de *NÃO*!

ÁS — Só?... Mas, isto é impressionante!

VALETE — O que é impressionante?

ÁS — Esta sua ignorância! Só conhece uma letra! Quando existem 23! E só em nosso alfabeto! Fora o alfabeto árabe, o gótico, o chinês...

VALETE — Não vim aqui discutir minha ignorância! Não sou homem de letras! Eu sou é homem de luta!

ÁS — Impressionante!... (*vai se desligando de novo*) Impressionante mesmo. E terrível pra nós. Tão terrível... quanto o A sem traço!

VALETE — Olha aqui, se vai ficar me gozando, eu... Eu vim pra falar do Pássaro!

ÁS — Sim, sim...

VALETE — Senhor Ás!

ÁS — Hum...?

VALETE — O Pássaro!

ÁS — Ah, sim! Desculpe. Quando estou com algum problema fico um tanto distraído. O pássaro!... Que pássaro?

VALETE — Aquele, todo branco, que nós íamos pegar para o banquete do rei.

ÁS — Banquete...? Ah, sim, como não. Diga ao rei que eu vou. Eu vou ao banquete, sim. E

agradeço o convite. Assim que resolver este problema... (*Olha a letra*) Problema sério... Hum! Já sei!... Vai ver não é mesmo o A: é o V fazendo ginástica! (*Pega o cartaz e inverte*) Ora, se não é isto mesmo! É o V, fazendo ginástica com as pernas para baixo!

VALETE — Pronto! Desligou, de novo!... Diabos! Isto me atrasa!

Sai, zangado. Dama se aproximando pelo outro lado.

ÁS — (*Ensimesmado*) Então onde foi o A? Vou procurá-lo nos livros, que com certeza o encontro: A é o princípio de tudo. Se é o princípio, está nos livros, que só pode estar ali. Não há como confundir, porque o V já é o fim. Conheço fins e princípios e não farei confusão.

DAMA — Senhor Ás... Me dá licença?

ÁS — (*"Na dele"*) — Se o V é o fim e o A, o princípio, um princípio não pode estar no fim. Ou pode?

DAMA — Senhor Ás...?

ÁS — Se achar essa resposta, eu acho o princípio e o fim. E achando o V do fim, é fácil ver onde foi uma parte do princípio. Vejamos, pelo princípio...

Abre seu enorme livro e se inclina sobre ele.

DAMA — Senhor Ás... (*Grito súbito*) Senhor Ás! Meu Deus!... Caiu dentro do livro!

Ele cai dentro do livro (ou sai por ali).

DAMA — E agora...? Socorro, ajudem! O Ás caiu dentro do livro!

Vai lá e tenta inutilmente abrir o livro.

DAMA — Não consigo, não adianta. Tenho que buscar reforços!

Valete de Espadas, retornando, nervoso, em monólogo ao som da música "Garibaldi foi à missa num cavalo sem espora..."

VALETE — O Dez e o Coringa

quiseram me enganar,
mas aquilo que fizeram
vão bem caro me pagar!
Vão ver quem é o Valete
e sua forte espada,
vão ver se não os pego
e transformo em...

(*súbito*) Dez de Paus? Que faz aí do outro lado?

DEZ DE PAUS (*De cá*) — O senhor... cha... chamou? Mas... tinha me descartado...

VALETE — Não! Venha cá! Quer bancar o esperto pra cima de mim, hein? Ainda está em

minhas mãos, sabia?

DEZ — Eu?... Não, não, senhor. Só fiz o que o senhor mandou: prendi o Menino e...

VALETE —... e deixou o Pássaro ser laçado por garotos que se esconderam com ele. E onde é que estão agora? Hein? Isso é que o senhor não sabe!

DEZ — Eu... fa... fui... quem foi que lhe disse tudo isso?

VALETE — O Rei! O Rei ouviu toda a conversa entre o senhor e eles, os nossos adversários!

DEZ — Não, eu só..... fa... fi... fui...

VALETE — Agora está aí: fa... fi... fui... não é? Por que não fez o que devia na hora que viu os meninos levarem o Pássaro? Ahn?

DEZ - Eu não vi... eu não estava lá ...não..

Dez de Paus engasga, gargareja com as palavras e... nada.

VALETE — Pois sabe o que resolvemos?

O Rei passa ao fundo, engolindo um objeto qualquer.

VALETE — Olha o Rei: como vê, está furioso, engolindo tudo que encontra: ontem se engasgou com um quadro, que foi com moldura e tudo! Hoje, um banco e uma caixa! E o senhor...

Rodeando o Dez de Paus, cada vez mais encolhido e aflito.

VALETE — Sabe com quantos paus se faz uma fogueira? (*Contando em sua roupa com a ponta da espada*) Um, dois, três... com dez! Mas... (*Suspense*) como eu sou muito bom, resolvi dar-lhe uma chance: estou de novo com você na mão e fica no meu jogo... se trouxer até amanhã, os quatro meninos e o Pássaro, *na gaiola!* Entendeu?

DEZ — A... a...amanhã? Mas... mas...

VALETE — Sem *mas, mas*. Amanhã! O Pássaro e os meninos, aqui, amanhã, sem falta... ou uma fogueira alta, para assar este franguinho: você!

Sai, ao som da mesma música de roda anterior. Dez de Paus vai desabando, até ficar sentado no chão, em desconsolo total.

DEZ — Amanhã... (*Pulo*) Mas se eu fico aqui parado, aí mesmo é que estou frito, ou melhor, que estou assado. Não tenho tempo a perder! Vou correndo para a mata e desta vez... não me escapam!

Cena passa a Dama e Coringa chegando junto do Ás.

CORINGA — É a nossa vez! Temos que andar depressa! Primeiro... pegar o Ás e metê-lo na jogada! Que nós precisamos dele, de seu saber e seus conhecimentos para nos orientar.

Vão ao livro onde caiu. Tentam abri-lo. Não conseguem. Depois de novo esforço, o livro se abre. Susto de ambos:

CORINGA — Por essa eu não esperava: já era figura ilustre. Virou uma ilustração! Olha!

DAMA — Eu já tinha visto. E ia lhe contar. E agora...?

CORINGA — Estamos mal. Não sei nem o que dizer.

DAMA — Não vejo aqui outra carta que possa nos ajudar... Quem sabe ali no monte...

CORINGA — Espere. Eu sei como pô-lo em ação. Fazê-lo cai na real. Acho que em minha sacola... Ah! Achei!

Tira uma bomba de flit e começa a bombear água no Ás.

CORINGA — Usando fogo ou água... Com um bom jato d'água... ele volta ao natural!

DAMA — Olha! Já está descolando!

ÁS (*tossindo e engasgando com a água que cai sobre ele*) — Tirem-me daqui!

CORINGA — Está se mexendo! Ajude!

ÁS — (*Surgindo para a cena*) Que é que está acontecendo? Que barulho é esse aqui?

DAMA — Somos nós que...

ÁS — Você... (*Pára, súbito, a olhá-la*) Mas... que moça linda!

DAMA — Quem, eu?...

ÁS — De onde é que você vem? E quando é que chegou aqui?

DAMA — Ahn?... Não cheguei de parte alguma. Desde o início estou aqui!

ÁS — Não me diga! Como é que nunca a vi?

DAMA — Nunca me viu? Mas... eu estava a seu lado. Não me viu porque não quis.

ÁS — (*Olhando em volta*) Lugar simpático, esse! Vai ser bom morar aqui!

CORINGA — Senhor Ás, estamos no meio de uma partida, e empatados. Precisamos de uma cartada decisiva, de uma ação que...

ÁS — (*arregaçando as mangas, agitado*) Ação é comigo mesmo! O que está acontecendo? Onde precisam de mim?

DAMA — Viva o Ás! É mais um pro nosso lado!

ÁS — (*Parando*) A seu lado... Oh, com prazer! (*Oferece-lhe o braço, encantado*).

Entra nova música de roda, "Ciranda, cirandinha", em ritmo rápido.

CORINGA — Então... Para a mata, rápido! No caminho lhe explicamos!

Cena passa a Valete e Rei...

VALETE — (*Para si*) Ai, vamos mal, vamos mal! Com o Ás daquele jeito, não posso contar com ele! Dez de Paus de pouco vale... Tenho que pegar uma boa carta... Mas contar só com a sorte é arriscado, posso não conseguir a carta que preciso. E esse Coringa moleque já está me aprontando boas!

Rei surge ao fundo. Sua comilança desenfreada teve um efeito espantoso:

creceu desmedidamente e sua imagem extrapolou as margens da carta, derramando-se para fora das linhas laterais (como a figura do Reizinho, antiga personagem de HQ). Entra esbarrando em tudo e mastigando algo.

VALETE — (*Ouvindo o ruído*) — E agora... essa do Rei! Nada mais o satisfaz, quer sempre mais, e algo novo. Já não come por necessidade, come por ganância, engolindo, sugando, se apropriando de tudo que vê!

REI — (*De trás*) Comida! Ninguém me dá de comer! Mando enforcar todo mundo! Estou com fome! Comida!

VALETE — Está açambarcando tudo que se produz no reino, comeu jornais, comeu filmes, discos e livros em penca! Até a televisão!...

REI — (*Sempre aos tropeções, pois não vê mais o chão*) — Comida! Andem! Comida!...

VALETE — "Comida, comida"! É só o que sabe dizer?

REI — (*Tentando ver por cima da barriga*) — Ahn? Hein? Quem foi que falou aí?

VALETE — (*Debruça-se sobre sua barriga*) — Fui eu, o Valete de Espadas! Epa! Essa não! Me larga! Eu não sou sua comida!

Salta para o lado. O Rei se desequilibra com o impulso e se esborracha no chão, onde fica, zonzó, zonzó, o corpo balançando.

VALETE — Hum... Isto assim não pode continuar... Já não é mais doença: entrou em crise! Não tem nem equilíbrio mais.

O Rei, abobalhado, vai repetindo tudo que ele diz.

REI — (*Eco*)... Crise... não tem equilíbrio...

VALETE — O reino não pode ser governado por um Rei que tem o Ouro, mas não vê mais onde anda! Daqui a pouco será a desordem, o caos total!

REI — (*Eco*) — A desordem... caos total...

VALETE — Mas, espera! Como é que não vi antes?

REI — (*Eco*) — Não vi...

VALETE — Tem que ser essa a minha jogada! Hah! É uma grande cartada! E vai ser!

Rei vai se levantando com esforço, levanta, cai, levanta, cai, até que consegue se por de pé, em equilíbrio precário, com ajuda do Valete, que sai, marchando.

VALETE — Para a floresta! Já!

O Rei sai atrás, em equilíbrio instável, tentando marchar com ele.

Em outro ponto:

ÁS — Ponha o Dez de Paus em frente ao Pássaro, para fazer com que ele pare e olhe dentro de seus olhos!

CORINGA — Ver de frente...? Mas, como?

DAMA — E se o Dez tentar matá-lo quando for chegando perto?

ÁS — Este Pássaro? Impossível, ninguém consegue matar. Se alguém mata, ressuscita em outro tempo e lugar.

DAMA — Olha! O Pássaro! Está ali!

ÁS — Não se esqueçam que eu disse: ele tem que ver o Pássaro de frente, olho no olho!

Vindo pelo outro lado, o Valete, cada vez mais empolgado,

VALETE — Com essa eu viro o jogo! Ah, se viro! EU não ando aos tropeções!... Posso evitar a desordem... se EU me tornar o Rei! REI DE ESPADAS, O MAIOR! E sendo Rei mando matar todos os pássaros do reino!

Ruído de bater de asas e sombra de grandes asas projetadas contra o fundo, que agora se torna azulado, diferente, criando em toda a cena um clima mágico e visualmente lindo.

DEZ DE PAUS — (*Entra correndo*) — Ah! Desta vez não me escapa!

DAMA — Vai laçá-lo! Corre, Coringa!

ÁS — Depressa, vai até lá! E não esqueça o que eu disse: faça-o de ver de frente o pássaro!

Dez armou o laço no ar. Coringa salta à sua frente.

CORINGA — Dez de Paus! Achou o Pássaro! Meus parabéns! Está com ele na mão!

DEZ — Desta vez eu pego o bicho! É coisa que não é fácil! Acho que eles também vão saber reconhecer!

CORINGA — Claro! Vai ganhar uma medalha! Isto é façanha de herói!

DEZ — Quem sabe até me promovem...

Ruído de asas.

DEZ — Epa! Cuidado, que ele foge!

CORINGA — Espere! Não faça assim! Há um jeito bem melhor!

DEZ — Melhor...?

CORINGA — Se o Pássaro vê o laço deslizando pelo ar, voa logo para longe e você não pega mais!

DEZ — Bem, lá isso é verdade... Mas então como é que eu faço?

CORINGA — Tem que chegar bem pertinho e pegá-lo de surpresa. Eu ajudo. Vamos lá!

DEZ — Não! Depois vai dizer a todos que foi você quem pegou!

CORINGA — Qu' é isso? Eu estou do seu lado. É o mesmo o nosso jogo. Dizer isso por que?

DEZ — Todos fazem assim comigo. Eu tenho todo o trabalho e na hora... outros que levam!

CORINGA — Está bem. Palavra de honra: não digo nada a ninguém.

DEZ — Bom, com a sua palavra...

Dez e Coringa estão bem à sombra do Pássaro, que cobre todo o fundo.

O Ás e a Dama próximos. Música de roda, “Carneirinho, carneirão”, suave, em flauta, sem letra.

A luz vai assumindo azul mais intenso, o clima cada vez mais “mágico”.

DEZ — Olha... é uma beleza, esse Pássaro...

CORINGA — Olhe bem nos olhos dele... O que é que você vê?

DEZ — Nos olhos dele...? Eu... eu me vejo refletido... como se fosse um espelho... Mas... espera! Não sou eu! Estou maior... e meu rosto diferente! Meu rosto... parece... com o rosto dos meninos!

ÁS — E se você montasse em suas asas?

DEZ — Se eu montasse em suas asas?...

DAMA — Sim, se montasse nas asas do Pássaro?

DEZ DE PAUS — (*Sonhador*)

Se eu montasse nas asas do pássaro
e me abraçasse bem a seu pescoço
poderia voar como nunca voei...
E em vez de ser pequeno
e mandado por todos,
seria respeitado, como um rei.
Poderia correr por todos os gramados,
poderia pousar nas árvores com frutos,
poderia voar até por sobre o mar...
Se eu montasse nas asas do pássaro
e saísse com ele, voando no ar...

ÁS (*Aproxima-se mais dele*) — Estenda as mãos para ele, num carinho, devagar... E vai ver que ele se encolhe, fica bem pequenininho... E você pode guardá-lo agasalhado em seu peito... E daí... ninguém mais tira!

O Dez de Paus se volta de novo para o fundo e estende as mãos – clima e marcas sempre mágicos, rituais. A sombra desaparece: ele se volta de frente e agora traz nas mãos uma pomba branca, que ele olha, encantado. Agasalha-a junto ao peito

e sai com ela, devagar.

Pelo outro lado entra o Valete, correndo em direção ao Coringa. Mal este se vira, dá-lhe uma paulada, e ele cai. A Dama corre a acudi-lo.

ÁS — Que... quem é o senhor? Que é que está acontecendo?

VALETE — *Bateu, levou!* Não conhece a regra do jogo? Quem bate é que ganha o jogo! Eu bati e ganhei! Quem sou eu? Sou o Valete, isto é, o futuro Rei de Espadas!

DAMA — Futuro Rei? Mas o Rei que está no jogo ainda é o Rei de Ouros!

VALETE — O Rei de Ouros já era! Entrou em crise, deu um tropeção daqueles e se esborrachou no chão! E agora... sou eu quem mando!

DAMA — Oh!...

O Valete pega uma corda e amarra juntos o Coringa e o Ás.

VALETE — Depois cuido da senhora. Agora... vou caçar algo: um Pássaro todo branco pra meu banquete real! (*Sai*).

ÁS — Depressa! Corte essas cordas!

DAMA — Hum... Está duro... Não consigo...

ÁS — Com as mãos você não consegue! Tem que ser com uma faca ou qualquer coisa que corte!

DAMA — Eu não uso nada disso...

DEZ — (*Entrando*) Que... que foi que houve?

ÁS — Foi o Valete de Espadas, que disse que agora é Rei. Amarrou-nos nesse canto e foi em busca do Pássaro.

DEZ — O Pássaro? Esse que trago comigo ninguém me arranca mais! Espere, eu solto os dois.

Solta os dois. Mas Coringa, ainda zonzo, mal se mantém de pé.

DEZ — Epa! Apoie-se em mim! Vamos! Assim...

CORINGA — Estou vendo dois caminhos. É por aqui... ou por lá?

DEZ — Que dois caminhos o quê! O caminho é um só: sair daqui depressinha e buscar logo reforços pra lutar contra o Valete!

DAMA — Coitadinho do Coringa!

ÁS — Está apenas tonto, do golpe que levou.

CORINGA — Espere! Não ande já! É preciso ver qual o caminho mais certo!

ÁS — Enquanto vocês discutem o Valete vai voltar!

DEZ — Você está vesgo e zonzo!

CORINGA — Vesgo e zonzo estão vocês!

DEZ — Não é hora de discutir!

CORINGA — Não consinto que me ofendam! E você me ofendeu!

DAMA — Parem! Não gosto de brigas! Vamos é buscar reforços!

ÁS — *(Para ela)* Vamos nós dois por aqui... e vocês dois vão por lá!

Dama e Ás andando - idéia de caminho. A um canto, um marco de estrada.

DAMA — Mais rápido, Senhor Ás! Não podemos perder tempo!

ÁS — Espere! Não sou criança. Estou indo...

Súbito, estaca, vendo algo.

ÁS — Ahn?!... Espere! Olhe ali!

DAMA — Que é? O marco da estrada? É um sinal... O que é que tem?

ÁS — O traço! Não vê? O meu traço...!

DAMA — Seu traço... Não entendi. Que traço, sinal ou sei lá o quê?

ÁS — *(sem ouvi-la mais)* — É o tracinho do meu A! Ora, se não é! Garanto!

DAMA — Ande depressa, "seu" Ás!

ÁS — *(Encantado)* — O tracinho do meu A!...

DAMA — *(Puxando-o)* — Não podemos perder tempo! Há muita gente em perigo!

ÁS — *(Irrita-se)* Perder tempo...! Mas não há perda de tempo em se estudar um sinal! Os signos, senhora, são uma coisa importante!

DAMA — Senhor Ás, agora não... Por favor, venha comigo!

ÁS — Inútil, minha senhora. Não posso sair daqui, enquanto não pesquisar a origem deste sinal... Não vê que ele pode ser o tracinho do meu A?

DAMA — Meu Deus, o que é que eu faço? Vou procurar o Dez de Paus!

Ele reaparece do outro lado, na mata.

DEZ — O Coringa está aí, a cabeça zonza, zonza... E eu, sozinho e sem armas...

DAMA — Dez de Paus! O que fazemos?

DEZ — É o que estou me perguntando...

Valete entra pelo outro lado, gaiola na mão.

VALETE — *(Ao Coringa)* — Hum... Ficou aqui quietinho... Agora respeita as ordens... Ah, Dez de Paus!... Está aqui? E o Pássaro, onde está?

DEZ — O Pássaro? Está comigo!

VALETE — Ótimo! Traga depressa pra cá, para por nesta gaiola! Com este Pássaro preso, eu não tenho o que temer!

DEZ — Esse que trago comigo... Tente pegar... se puder!

VALETE — Hein?!... Você, contra mim...?! Não viu que virei o jogo, que bati e já ganhei?

DEZ — Ganhou o jogo? Duvido!

VALETE — Ah, quer bancar o valente? Pois lhe dou uma lição!

Música “Escravos de Jó” marca a luta: espreita mútua, ataque, avanço e recuo.

CORINGA — (*Tentando erguer-se*) Como ousa nos atacar?

Tenta entrar na luta, cambaleante, mas o Valete o repele dando-lhe um trambolhão.

DAMA — Vencer um pode ser fácil... Vencer Dez já não é tanto... Se o Dez se multiplicar...?

Ah! Já sei o que faço!

Corre para junto do Coringa, que já está se reerguendo.

DAMA — Coringa! Onde está sua sacola?

CORINGA — Hein? Minha sacola ? Pra que?

Ela se aproxima e segreda-lhe algo ao ouvido.

CORINGA — Boa idéia!

Música e “luta” crescem em fundo. Súbito, rufar de tambores, que sobe cada vez mais ao compasso da música. Valete se volta, espantado.

VALETE — Qu’ é isso?!...

Verdadeiro batalhão de Paus em marcha: o naipe, multiplicado pela projeção, vai surgindo em diferentes pontos da cena, em imagem de cerco e multiplicação.

Música surge, cantada em coro:

Escravos de Jó,
jogavam caxangá,
tira, bota...

VALETE — (*Recuando*) Ahnnn? Que é isso?! Vou fugir enquanto é tempo!

Sai correndo.

DEZ — (*Atrás dele*) Agora foge, covarde!

O coro sobe.

CORINGA — Epa, acho que agora estou vendo demais...

DAMA — Não, agora é de verdade...

Coro cessa. Entra o Valete, amarrado, com o Dez de Paus atrás.

VALETE — Vocês vão ver! Vou prendê-los! Mando enforcar todo mundo! Não podem fazer isso! Eu agora sou o Rei!

O Menino entrou por trás.

MENINO — Você, o Rei? Nem vê!

VALETE — Quem foi que soltou você?

DAMA — Fui eu! Por que? Não podia...?

VALETE — Mando prender novamente! Eu agora sou o Rei!

MENINO — Engano. Nós não queremos esses reis cheios de espadas. Agora... (*Vai ao fundo e volta com alguém*) o Rei de Copas é quem vai nos governar!

Traz o Rei de Copas, com novo traje e rosto natural do ator.

CORINGA — E o Pássaro, onde está?

REI DE COPAS — Agora não é de um só,
nem de quatro, nem de dez...

Ressurge imagem e luz azulada ao fundo.

voou bem lá para o alto
e abriu suas asas brancas
por sobre todo o país.
E sob as asas do pássaro...
nós todos *viremos gente!*

*Os atores, num só movimento, tiram o adereço que lhes dava ar de
figuras, deixando livres seu rosto e seu corpo — agora seres humanos.*

CORINGA — (*Declamação que vai virando canto*)

Dizem que onde ele passa
mesmo quando é pedra dura,
brota uma grama verdinha,
verde bem claro e brilhante
como a esperança da gente.

DEZ DE PAUS —

Suas asas fazem um vento
que refresca a quem trabalha
e deixa na sua boca
um gosto de água clarinha
como a que sai de uma fonte.

DAMA — E no coração se acende
uma vontade bonita...

CORINGA, DEZ, DAMA — ... de cantar e de dançar...

DEZ DE PAUS — ... uma coragem de luta...

TODOS, REI — ... e uma alegria tão grande
que até parece a do rio

quando se encontra com o mar!

Repetem o final (“E no coração se acende....”), agora cantando juntos, e à medida que cantam, começam também a dançar juntos, em coreografia de festa e alegria.

ÁS (*entra correndo*) — Isto é o fim... ou o princípio?

TODOS — Isto é o princípio, irmão!

O Ás entra na dança e no coro, tirando sua barba branca. O coro cresce e se faz de novo geral.

A MENINA QUE BUSCAVA O SOL

(Infanto-juvenil)

1ª MONTAGEM: Teatro Toneleros, Copacabana- RJ - 1975

com Direção de João Carlos Barroso

E mais de 50 montagens em diversos estados do Brasil, às vezes em diversas cidades de um mesmo estado: RS (Porto Alegre, Pelotas, Santa Maria), ou Minas Gerais (Belo Horizonte, Juiz de Fora, Patos de Minas), ou Santa Catarina (Blumenau, Florianópolis). Ou montagens em tempos diferentes em uma mesma capital (ex: três montagens no RJ, em 1975, 1983 e 1994).

No Exterior foi encenada na Argentina, México, Israel, Portugal.

CARTA À AUTORA

Em 9 de janeiro de 1976 a Autora recebeu da jornalista Lúcia Rito, do *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, uma carta com uma curiosa informação: o texto, supostamente infanto-juvenil, estava sendo usado em sessões de psicanálise de um grupo de 6 adultos, como representativo do processo de *busca da identidade* em suas diferentes etapas.

É desta carta o trecho que se segue:

"Que barato! Coisa fantástica! Devia ser o momento de todo mundo, devia ser a procura de todos os muitos que estão parados na terra dos ventos, das estátuas, do fogo (....). Ou que não sabem conviver com uma solidão necessária à busca e ao mergulho em si mesmo em outros momentos. (.....) **Ou que, cegados por sua pequena luz de vagalumes, se perdem na competição e na inveja, achando que são o próprio sol.** Incrível também descobrir a importância, o bem que a descoberta individual pode trazer ao coletivo (.....). A peça traz esperança, é inacabada, infindável. Uma mensagem de vida, uma reafirmação de que as dificuldades estão aí para serem enfrentadas, vividas, porque delas sai algo novo, bom ou ruim, mas *novo*. É importante tentar passar pros outros essa necessidade de busca e caminhar, este grito de não-conformismo (.....). Quem sabe, um dia, este mundo venha a ser realmente povoado por pessoas também dispostas, acima de tudo, a encontrar o Sol!"

Personagens?

Tirando a Putz, não tem ninguém marcado, com nome, número, rótulo e etiqueta. Eu vejo a peça com seis ou sete figuras que vão assumindo formas diferentes. Só é dada a imagem externa — por meio de figurinos trocáveis — e a sugestão ou indicação de traços do personagem pra fazer o ator se soltar na pele dele. Se o diretor fizer muita questão vai lendo e fazendo a lista. Só que aí é capaz de dar um catálogo de telefone, e ele não vai ver que não há nenhuma cena com mais de sete personagens.

Agora Putz, pra mim, é uma menina, que não pode deixar de ser viva, inquieta e disposta — mesmo quando triste.

Cenários ?

Tem não. Quer dizer, não tem aqueles negócios construídos, armados, tentando truques e ilusões que não são nem a metade da fantasia da gente. Tem luz — luz eu gosto, muito! — e som e um clima pra cada cena, alegre ou agressivo, ou doce, ou mágico, ou louco — tudo que cabe nas transas de gente com gente e não dá pra ficar adjetivando senão acabo com o dicionário. O resto muito simples, com apliques e detalhes e, mais que tudo, a peça em cima dos próprios atores, suas figuras, figurinos e marcações em cena. Acho que dá pra entender, então, que tudo depende da inventiva — "criatividade" é palavra que eu não aguento mais, de tão usada ninguém sabe mais o que é — do diretor, do cenógrafo e do figurinista. Ah! E do coreógrafo: precisa muito de um. Mas se eles não tiverem imaginação não dá nem pra começar.

Quando as crianças entram, naquela de sair correndo e procurar lugar pra sentar e gritando falando chamando e tal, Putz já está sentada — luz nela — em silêncio, boneca meio pendurada no colo, olhando tudo. Cara curiosa de quem observa e busca e descobre e se alegra ou se intriga ou se espanta. E. Ou. Um tempo. Sem pressa. Deixar as crianças descobrirem Putz. Em silêncio — mesmo que seja o silêncio barulhento das crianças se ajeitando ainda. O silêncio sem palavras — só olhos nos olhos, começo da comunicação. Quando o silêncio for total, entrarão pela platéia, numa algazarra daquelas, todos os outros atores, vestidos do personagem — árvore, poste, estátua etc. - que tiverem escolhido para se apresentar no momento.

— Depressa!

- Ai, não pisa!
- Cuidado!
- Trouxe tudo?
- Sai da frente!
- Calma!
- ETC.

ETC são os atores colaborando nas falas, até que, no meio da plateia, formam súbito bolo ao estacar com a exclamação de um deles:

- Olha lá, olha lá, olha lá!
- Que é aquilo?
- Uma menina...?
- Tem gente nesta peça?
- Tem não!
- Só tem!
- Ele disse gente, mesmo?...

Param todos, indecisos, cara de tampa de açucareiro. Pausa.

- E agora?...
- Com gente eu não trabalho!
- Metida, veio na frente só pra se mostrar!
- Até que ela tem uma carinha simpática...
- Calma, pessoal, é a Alice.
- Alice?... Que Alice?
- Ah, não é, não. Alice tá governando o País das Maravilhas que a Rainha de Copas tá de férias.
- Ai, meu Deus, que confusão!
- E eu que estava tão quieto no meu canto!
- Vamos mandar que ela saia de lá!
- Não. É só fingir que não estamos vendo.
- Isso! Invadimos o palco, que ela sai!
- Bobagem. Ela tá ali, não tá? Então o melhor é chegar lá e perguntar pra ela: "Quem é você, hein?"
- E o que é que ela tá fazendo aqui!

Todos concordam e seguem juntos. Mas já próximos, param e começa um jogo de empurra:

— Vai você!
— Eu não, vai você!
— Eu não gosto de gente!
— Não morde, não!
— Vai você, que sabe falar bem.
— Só pra perguntar isso, não precisa.
— Ih... Eu vou, pronto!

Caminha alguns passos. Os outros na expectativa. Ele pára súbito e volta.

— Que é que é pra perguntar mesmo, hein?
— Pergunta quem ela é.
— Fica mal-educado, ir chegando e perguntando: "Hei, você aí, quem é você?"
— Fala com jeito, mansinho... Dá bom-dia, primeiro: "Bom-dia, menina. Como vai?..."

Putz veio chegando sem eles notarem.

PUTZ — Bom-dia!

Susto. Zum-zum e confusão, depois perguntam quase ao mesmo tempo:

— Quem é você?
PUTZ — Eu sou Putz.
— Putz...?
— É gente, não disse?
— Putz não é nome de gente.
— Como é que não?
— É nome de que, então?
— Vai ver é apelido.

PUTZ — É o *meu* nome.

As figuras continuam não entendendo nada.

— Coisa mais esquisita!
— Será que ela existe mesmo?
— Você tem certeza que é desta história?
— Isso! Pode ter tomado a condução errada!
— Não está vestida para entrar na peça!
— Que é que você está fazendo aqui?
PUTZ — Eu vim buscar o Sol.
— Buscar o Sol...?
— Buscar o Sol...

— Buscar o Sol?!

— É louca?

— Parece.

— Gente, não disse? Tinha que ser!

— Isso não, que quando viajei pelo Brasil também vi uma minhoca que só andava para trás.

— Ah, mas isso é no Brasil, não é nesta história.

— Você tem certeza que é mesmo desta história?

— Pra que é que você quer o Sol?

PUTZ — É que a luz do Sol tem todas as cores juntas.

— Todas as cores...?

— Quem disse?

— Isso tem, sim: não vê quando ele brinca de arco-íris?

— Ahn... Todas as cores... E daí?

PUTZ — É que, quando eu era menor, minha mãe queria que eu fosse azul como ela, meu pai vermelho como ele, e meu avô, amarelo e meu tio, verde, e meus irmãos, cada um queria que eu fosse de sua cor. E eu não quero ser de uma cor só. Por isso vou buscar o Sol, que tem todas as cores.

Zorra total de novo. Fala-fala confuso, todo mundo discutindo. Se é confuso, não preciso dar as falas, que não é pra entender mesmo. Até que:

— Ih! Não entendi nada!

PUTZ — Não entendeu? Quem tem todas as cores pode escolher. E pode colorir todas as coisas. E pode pegar uma pessoa lilás, desbotada, sem cor e sem vida e pintar de...

— Ih, complicação!

— Sabe que mais? Deixa pra lá.

— Já estamos ficando atrasados.

— É. Vamos cuidar de nossa vida.

— Não podemos perder tempo com gente!

— Desculpe, Putz, mas tá na hora do trabalho.

— Leva a mal, não, viu? Se eu achar o Sol, embrulho e mando pra você.

— Olha, procure na praia, ele tem mania de ir à praia.

— Eu sei, eu sei onde ele está! Eu vi!

PUTZ — Viu?!

— Tá no anúncio da calça BOBS: um sol grandão, com raios bem vermelhos!

PUTZ — Não é Sol de anúncio, não...

— Ih, andem, que a peça já devia ter começado!

— O diretor vai dar aquela bronca!

— É. Vamos, vamos...

— Tchau, Putz! Até que achei você engraçadinha...

— Tchau!...

Vão saindo, sempre afobados, confusos (já deu pra ver que são muito confusos, não?) e Putz vai voltando a seu lugar, desapontada.

VOZ (*off*) — Putz, hein?

PUTZ — Ahn? Quem falou aí?

VOZ — Eu.

PUTZ — Eu, quem? Está escuro aí, não estou te vendo.

VOZ — Eu!

Pula para o claro: é um Coelho branco.

COELHO — Olá!

PUTZ — Olá! Quem é você?

COELHO — Eu sou eu. E você?

PUTZ — Eu sou Putz...

COELHO — Hum... E quer buscar o Sol. Já sei.

PUTZ — Sabe...?

COELHO — Claro.

PUTZ — Como é que você sabe?

COELHO — Eu sei das coisas. Por exemplo: também sei que vai querer que eu lhe ensine o caminho.

PUTZ — Você sabe o caminho? Puxa, que bom! Eu não sabia por onde começar! Você sabe mesmo?

COELHO — Hum... Talvez sim, talvez não. Depende.

PUTZ — De quê?

COELHO — Depende, depende, depende. Você gosta de brincar?

PUTZ — Se eu gosto de brincar? Muito! Por quê?

COELHO — Quem não sabe brincar perde o caminho.

PUTZ — E é por isso que você não pára?

COELHO — Claro. Estou sempre brincando!

PUTZ — Podemos brincar juntos de viagem!

COELHO — Hum... Primeiro vamos ver se você não está mentindo.

PUTZ — Se mentisse, azar meu. Você não disse que quem não sabe brincar se perde?

COELHO — Hum... Vamos ver, vamos ver... Responda bem depressa: se eu plantar uma semente no meu umbigo, o que acontece?

PUTZ — Uma semente no seu umbigo... Agora eu que digo: depende. Semente de que árvore?

COELHO — Qual a receita de pastéis de vento?

PUTZ — Nuvem de água mais nuvem de sonho e uma pitadinha de uma coisa que só a mãe do Pluft sabe.

COELHO — E se não chover como é que vai ser?

PUTZ — O Pequeno Príncipe vai morrer de sede no deserto.

COELHO — Hum... E você quer mesmo buscar o Sol?

PUTZ — Quero!

COELHO — Então venha comigo. Por aqui.

PUTZ — É pra já!

*Luz apaga e acende, vezes seguidas, ela atrás dele, de um lado para o outro.
Coelho com a cara bem maneira, moleque, tapeador: vê-se que está tramando alguma.*

PUTZ — Coelho, você está me enganando: primeiro disse que era pra lá!

COELHO — Não, não, me enganei. É pra cá. Vamos!

Idem.

PUTZ — Não vejo nem sinal do Sol!

COELHO — Calma. Não é tão perto assim.

PUTZ — Mas nós chegamos lá, não chegamos?

Idem.

PUTZ — Falta muito? Estou ficando cansada.

COELHO — Quer parar?

PUTZ — Não!

COELHO — (*pára*) Tem certeza de que quer ir mesmo?

PUTZ — Já disse que tenho!

COELHO — Então vamos em frente!

PUTZ — Mas falta muito ainda?

Idem.

COELHO — Hum... Vejo que está caindo de cansada.

PUTZ — E estou! Caindo de cansada, mesmo!

COELHO — Quer desistir? Ainda falta um pedaço!

PUTZ — Não, eu vou!

COELHO — Hum... Decidida? Resolveu que vai mesmo?

PUTZ — Já disse que sim!

COELHO — Está bem. Então podemos começar a viagem.

PUTZ — HEIN?!...

COELHO — Eu disse: então podemos começar a viagem.

PUTZ — Mas... Você é louco? Pra que é que estivemos rodando assim de um lado para o outro?

COELHO — Era preciso.

PUTZ — Era preciso? Era preciso por que?

COELHO — Pra ver.

PUTZ — Pára um instante e me explica! Ver o que?

COELHO — Se você é teimosa.

PUTZ — Se eu sou teimosa? Não entendi. E não se pode ser teimosa?

COELHO — (*Pára*) O contrário: é preciso ser muito teimosa, saber querer as coisas. Você disse que quer buscar o Sol. Não é fácil. É longe e o caminho é perigoso, cheio de riscos. Muitos desistem no começo ou no meio. Vai ver.

PUTZ — Eu não vou desistir!

COELHO — Bom, pelo menos passou pela primeira prova. Acho que vai saber buscar.

PUTZ — Então podemos ir?

COELHO — Podemos. Mas lembre-se do que avisei: não vai ser fácil. Vai ter que atravessar água, ares e fogo, passar muitos perigos, enfrentar coisas que você nem sonha.

PUTZ — Não tenho medo. Eu quero ir.

COELHO — Hum... Não tem medo? É o que vamos ver...

PUTZ — Vai ver, mesmo!

COELHO — Então, a caminho. Prepare-se: estamos chegando na terra dos ventos.

Black-out. Foco só sobre marco de estrada: TERRA DOS VENTOS. No escuro, alegre gargalhada infantil. Ao acender, garoto vestido de vento, pequeno ventilador nas mãos, fazendo aquela bagunça em cena: com floresta de fios de papel, ou varal com roupas, ou qualquer outra imagem cênica que possa refletir seu movimento.

COELHO — Vento Sul! Que é que está fazendo?

VENTO — Brincando!

PUTZ — De quê?

VENTO — Ora, de quê! De ventar! Vem brincar comigo!

PUTZ — Eu não sei brincar de vento...

COELHO — Ora, é só ficar bem solta, bem solta, e girar com a gente e pôr tudo em movimento.

VENTO — Toma, eu lhe empresto esse motor. Vovó Cibernética me deu de Natal. Agora junto meu sopro com o dele e faço um vento daqueles!

COELHO — Deve ser um bocado divertido!

VENTO — Se é! Olha só...

VOZ — (*off*) Vento Sul! Vento Sul...? Onde é que você está?

VENTO — Ih! Pronto! Mamãe!...

COELHO — É Dona Ventania?

VENTO — É. Lá vem bronca!

COELHO — Bronca por quê?

VENTO — É que já sei que vai falar um bocado: que eu não tenho nada que ficar levantando a saia das garotas. E tirando o chapéu de todos os carecas. E acordando as folhas que ficam dormindo no chão... E garanto que alguma árvore deve ter ido dizer que despenteei a cabeleira dela!

COELHO — (*Para Putz*) Cuidado! D. Ventania não é brincadeira!

Vento começa a crescer — como se vê nos objetos de cena e expressão corporal dos atores.

PUTZ — Coelho! O vento está me empurrando!

VENTO — Segure-se! Mamãe quando vem zangada sai carregando tudo!

COELHO — Vamos sair daqui!

PUTZ — Não estou conseguindo andar!

COELHO — Firme os pés no chão e siga em frente!

Vento Sul tenta ajudar sem conseguir.

PUTZ — Minha boneca! Espere!

COELHO — Não se vire que depois não consegue mais andar!

VENTO — Eu guardo pra você!

PUTZ — Mas eu queria...

VENTO — Espere, eu vou ao encontro dela, pra não deixar que venha até aqui!

Sai, no mesmo movimento. Enquanto Putz e Coelho saem "empurrados", e como que envolvidos em um turbilhão, chegando a um ponto atrás em que...

PUTZ — Olha!

Luz se abre sobre três figuras humanas — eu disse "humanas"? Deveria ter dito estátuas. E também podem ser três, ou quatro, ou cinco — tem todo um bando espalhado por aí, mas, na hora de escrever, a gente, que já conhece de perto os problemas de produção, vai reduzindo o número... O que importa é que eles, qualquer que seja seu número, estão parados, quase imóveis e suas poucas falas e gestos serão absolutamente rígidos e uniformes, como uma parada militar que virasse foto e filme e filme e foto. Tá? (Rubrica difícil, nossa!) Traje ou apliques de metal dourado e prateado, rostos com máscaras idênticas e impessoais.

PUTZ — Que estátuas são aquelas?

COELHO — Não são estátuas.

PUTZ — Não...? Então por que é que estão assim parados, duros, como se... Olha! Estão se mexendo!

COELHO — É que o vento está forte demais.

ESTÁTUAS: 1- O vento!

2- O vento!

3- O vento!

PUTZ — Que é que vão fazer? Melhor sair daqui!

COELHO — Não tem perigo. Nós podemos correr, eles mal andam. É que quando o vento aumenta, eles ficam com medo e com frio. E por causa do medo e do frio eles se juntam, encostam seus corpos um no outro...

PUTZ — Mas nem se olham... Esquisito!

VOZ — Que fazem aqui?

Surgiu por trás deles uma estranha figura, traje todo dourado, metálico e brilhante, agigantada em seus coturnos altos: é o chefe do bando. Putz recua, assustada. O Coelho some em dois saltos.

CHEFE — Que faz aqui, menina?

PUTZ — Eu... eu vim buscar o Sol.

CHEFE — Hein? Buscar o Sol...? Pra quê?

PUTZ — É... Para... para ter em mim todas as cores juntas. E o calor... Com o calor eu acabava com o medo e o frio deles... E podia também...

CHEFE — Já serve, a explicação. Gosto de ver que está me procurando.

PUTZ — Procurando o senhor...?

CHEFE — Mas é claro que é ingenuidade sua querer me buscar, ou pensar que eu possa ir com você: é você quem tem que estar a meu serviço. Vou lhe arranjar um lugar para trabalhar.

PUTZ — Hei! Não, espere! Não é isso! Eu não quero ficar a seu serviço! Eu...

CHEFE — Não veio buscar o Sol? Sou eu, o Sol.

PUTZ — O senhor?!...

CHEFE — Sim. Não vê meu brilho?

ESTÁTUAS: 1 - O brilho.

2 - O brilho.

3 - O brilho.

PUTZ — Mas...

CHEFE — Mas, o que?

PUTZ — Não sei... Acho que não é isso...

CHEFE — Não me faça perder tempo!

ESTÁTUAS: 1 - Tempo...

2 - Tempo.

3 - Tempo!

PUTZ — Eu... eu não acredito que o senhor seja o Sol!

CHEFE — Ahn?! E por que não?

PUTZ — O Sol... o Sol ilumina tudo em volta. O Sol dá luz. Então por que aqui é escuro assim?

CHEFE — Ora, luz... E agora?

Acende-se luz forte, geral. Ela olha em torno, zozza.

ESTÁTUAS: 1 - E agora?

2 - E agora?

3 - E agora?

CHEFE — E ainda aumento e reduzo esta luz à vontade. Veja! (*Demonstra*)

PUTZ — Mas... o Sol é quente. O Sol dá calor. Então por que eles estão com frio?

CHEFE — Quer calor? Vai ver se não ficam suando...

Gesto dele e em câmara lenta o grupo começa a afastar-se e ela mesma a demonstrar calor.

PUTZ — E então...?

PUTZ — Com tudo isso... O Sol tem em si todas as cores juntas! Por que o senhor é

de uma cor só?

CHEFE — Porque e porque e porque e porque! Chega! Você faz perguntas demais! E discute o que eu digo! Não gosto que discutam o que eu digo! Eu sou o Sol, já disse! Pergunte a eles: quem sou eu?

ESTÁTUAS: 1- O SOL !

2- O SOL !

3- O SOL !

CHEFE — Viu? ...

PUTZ — Não sei explicar. Tem qualquer coisa errada. Não é assim o Sol que eu queria.

CHEFE — Bobagem. Venha comigo. (*Segura-a*) Com essa pele lisa e fina entra toda a sujeira do ar: vou mandar cobri-la com meu pó de ouro.

PUTZ — Não! Eu não quero essa cor fria, não quero uma só cor, não quero ficar aqui!

CHEFE — Hein? Não quer ficar?!... Bobagem!

PUTZ — Me larga! Socorro!

CHEFE — Não seja teimosa!

PUTZ — Teimosa... O Coelho disse para ser teimosa... O olho... (*Procura*) Coelho, socorro!

CHEFE — Hein?!... Quem é que você está chamando?

PUTZ — O Coelhozinho que veio comigo. É meu amigo, gosta de brincar.

CHEFE — Ah, aquele... *Brincar*, você disse? Aqui não se brinca! Há muito que fazer! Meu ajudante, o tempo, e seus guardas, vigiam o dia todo para ver quem brinca! Guardass!

Entra um homem-relógio. As estátuas em fundo iniciam tique-taque e movimento correspondente de corpo.

GUARDA — Sim, senhor?

CHEFE — Procure um coelho que deve estar por aí... *brincando!*

GUARDA — Sim, senhor.

PUTZ — Não! Ele não fez nada!

CHEFE — Como, não fez nada? Perder tempo brincando é um crime!

VENTO — Quem não sabe brincar vira estátua!

PUTZ — Vento Sul! Que bom te ver!

CHEFE — Ahn? Pra que é que serve a brincadeira? Pra nada! Atrapalha o trabalho, diminui a produção, vira tudo uma desordem!

PUTZ — Quem não sabe brincar perde o caminho! O Coelho disse!

CHEFE — Vocês têm muito que aprender aqui! (*Para o guarda*) Ande, procure o tal coelho e traga-o aqui! Quanto a vocês...

VENTO SUL — Olha, ele está aí, atrás de você!

CHEFE — (*Vira-se*) Hein? ...

VENTO SUL — Corre, Putz!

Saem correndo. Os outros tentam pegá-los, mas movem-se com dificuldade em seus coturnos altos.

CHEFE — Peguem esses dois!

ESTÁTUAS — Peguem! Peguem!

VENTO SUL — Me pegar? Duvido! Pra cá, Putz!

As estátuas também se movem, mas seus movimentos são rígidos e lentos, semi-robotizados. Jogo de cena entre eles: aquele de bobo, que se faz com a bola, ficando um no centro daria uma idéia. O importante é marcar a soltura e agilidade dos menores em contraste com a rigidez dos grandes.

A um canto, na boca de cena, surge um cavalo branco. Luz vai caindo atrás, em resistência, sobre a perseguição nervosa dos demais, desorientada pela agilidade permanente do pequeno Vento Sul.

CAVALO — Putz! Por aqui, depressa!

PUTZ — Hein?... Você me conhece?

CAVALO — Hum... Como é que não? Eu não vim com você?

PUTZ — Quem veio comigo foi o Coelho.

CAVALO — Eu sou o Coelho.

PUTZ — Coelho?! Você é um cavalo.

CAVALO — E por que não posso ser coelho e cavalo? Ter mais de uma forma?

PUTZ — Mais de uma forma...?

CAVALO — Não sabe que quando a gente cresce se transforma?

PUTZ — E você está crescendo?

CAVALO — Você também. Tudo que é vivo cresce.

PUTZ — Olha! Eles vêm vindo pra cá!

CAVALO — Corre!

PUTZ — Pra onde?

CAVALO — Em frente, rápido!

Também em boca de cena entrou pelo outro lado um simpático poste de luz, muito elegante em seu traje todo escuro, luvas brancas, losango metálica na cabeça —

daquele tipo lanterna estilo antigo. Fala e tom de acordo, tudo muito acadêmico, “doutoral”. Na corrida chegam junto dele.

POSTE DE LUZ — Esconda a menina ali atrás e deixe o resto comigo. Rápido!

O Chefe vem se aproximando do poste.

CHEFE — Viu por aqui uma menina e um coelho?

CAVALO — Coelho? Se achar um eu mando pro seu almoço.

POSTE DE LUZ — Vi alguém passar, sim, numa carreira desabalada!

CHEFE — Isso! Para onde foram?

POSTE DE LUZ — Pra lá! Ou melhor, acolá, muito além!

CAVALO — Do jeito que corriam, já devem estar longe!

CHEFE — Vou rápido! Guardas! (*Em eco, saindo*) Guuuuardas!

POSTE DE LUZ — Pronto. Pode vir, menina.

CAVALO — Obrigado, Snr. Poste.

PUTZ — Puxa, o senhor foi sensacional!

POSTE DE LUZ — Ora, nem por isso. Sempre ajudo a esclarecer, aclarar, elucidar, tornar claro qualquer problema ou fato.

PUTZ — Então me diz urna coisa: tem muita gente, essa Terra dos Ventos?

POSTE DE LUZ — É a mais habitada, a mais populosa, a de maior densidade demográfica. Porque é a primeira etapa do caminho.

PUTZ — Fiquei com pena daquelas estátuas. Quase chamei para virem conosco.

CAVALO — Já viu estátua andar? Não saem de lá.

PUTZ — Por quê?

CAVALO — Ora, porque...

POSTE DE LUZ — Simples, claro, elementar: têm medo, receio, temor do que podem encontrar no caminho.

PUTZ — Medo?!... Mas lá é muito pior: aquele sol que não é sol... e os guardas-relógio... e não se pode brincar, só trabalhar pra ele.

CAVALO — Mesmo assim ficam lá.

PUTZ — Parados, a vida toda?

POSTE DE LUZ — Exato. Parados no lugar que o Falso Sol escolhe, olhos fixos, vidrados, pregados nele. E parados desaprendem de andar. O corpo todo vai ficando duro. Até que um dia viram pedra. E morrem.

PUTZ — Nossa!

CAVALO — E como é que se sabe quem morre?

POSTE DE LUZ — Simples, meu caro: quando chove sobre ele e ele não sente, não reage, não move um dedo mais... é que está morto.

PUTZ — Coitados!

CAVALO — Pois nós, que estamos vivos... a caminho!

PUTZ — Poste de Luz, você esclarece mesmo as coisas! Agora mesmo é que não paro aqui!

POSTE DE LUZ — Ora, é minha função: fico aqui na fronteira para isso.

CAVALO — Até a volta. Obrigado.

PUTZ — Lembranças ao Vento Sul! Diga que gostei muito dele!

POSTE DE LUZ — Digo. Tomara que ele cresça logo e faça as coisas mudarem aqui!

PUTZ — *(Saindo)* Uma pergunta só, mais: pra onde estamos indo?

POSTE DE LUZ — A próxima etapa... *(olha hesitante o Cavalo)* Digo?...

CAVALO — É a Terra do Fogo.

PUTZ — A Terra do Fogo...?

CAVALO — Vamos!

POSTE DE LUZ — Boa viagem!... *(vendo-os sair)* Tão novinha, ela. Tomara que não se queime toda quando passarem pela Terra do Fogo.

Black-out. Foco primeiro só sobre marco de estrada: Terra do Fogo. Início da música "Dança Ritual do Fogo" que De Falla, sem saber, compôs especialmente para esta peça. Perder a mania de que só a palavra comunica: ninguém vai abrir a boca nesta cena. Ao acender surgem as figuras anteriores (já sem máscaras e apliques dourados) agora com mantos ou panejamentos em tiras que, com o movimento e luz, os transforme em chamas vivas. Tons do vermelho vivo ao amarelo. A ação, o nome da música diz: dança ritual do fogo. Luz pouca, dando clima. E chega, que não vou ficar dirigindo a peça nas rubricas. No meio da dança entra Putz: só em coreografia, também, seu medo inicial e esboço de fuga, a que se segue a atração e o envolvimento das chamas. O Cavalo surge também no meio das chamas. Putz para, encantada. Depois corre para ele e começam a dançar juntos. As chamas, em torno, envolvem os dois. Ao baixar novamente a música, as chamas vão se afastando e com a luz agora subindo, mais e mais, vê-se que Putz está com novos trajés. As chamas saem. Luz cai em resistência sobre Putz e o Cavalo, saindo também.

Reacende com eles caminhando.

PUTZ — Meu vestido pegou fogo.

CAVALO — Já não cabia mais, você está crescendo.

PUTZ — No começo deu medo, essa Terra do Fogo. Pensei até em voltar. Mas depois comecei também a dançar, dançar e... Olha! Uma árvore! Como é que conseguiu passar pelo fogo? Madeira queima!

CAVALO — Não é árvore, é gente.

PUTZ — Hein?! Gente?!

Luz vai se abrindo atrás sobre três árvores enormes. A cena agora é em todos os tons de verde. Putz se aproxima de uma, curiosa, olhando, bem no meio do tronco, seu rosto (o do coitado do ator que largou correndo seu manto de “fogo” para entrar na casca de uma árvore).

PUTZ — Boa tarde!

1ª ÁRVORE — Hein?!... Ahn?.. Não grite! Como é que vai assustando a gente assim? Não respeita ninguém?!

PUTZ — É que... desculpe... eu não sabia que o senhor estava dormindo.

1ª ÁRVORE — Não sabia, não sabia! É sempre a desculpa que dão! Se não sabia tratasse de saber! E eu não estava dormindo!

A 2ª árvore estende o galho e toca o ombro de Putz. Ela se volta.

2ª ÁRVORE — (*Baixo*) Não liga para ele, não. Resmungando de tudo. Não falasse com ele, ia reclamar que não lhe deu atenção.

1ª ÁRVORE — Que é que já estão cochichando aí? É de mim, não é? Garanto!

2ª ÁRVORE — Ih... lá vem...

PUTZ — Não, é que...

1ª ÁRVORE — Já sei, já sei que ela está dizendo que meus frutos são azedos, não prestam!

CAVALO — E até que são mesmo. Estou acabando de provar um e cuspi fora.

1ª ÁRVORE — Não pedi sua opinião! Não falo com animais!

CAVALO — Tá bem, tá bem. Por isso mesmo vou é sair por aí, colhendo frutos. (*Sai*)

PUTZ — Não se zangue assim. Ela falou comigo porque viu que eu só estava dando atenção ao senhor.

1ª ÁRVORE — Hum...Que é que você está querendo, hein? A resposta é de quem quer me agradar. E quem fica querendo agradar é porque está com alguma intenção!

PUTZ — Não estou com intenção alguma. Eu...

1ª ÁRVORE — Eu sei, eu sei como é que são as coisas. Ninguém pergunta o que eu quero, do que preciso. Querem só tirar meus frutos, cortar meus galhos, arrancar minhas

folhas...

2ª ÁRVORE — Saia de perto dele, então. Venha cá comigo.

1ª ÁRVORE — Saia de perto dele, não é? Está com inveja? Inveja só porque ela veio falar foi comigo? Inveja porque, apesar de você ficar me intrigando e falando mal de mim, ela continua aqui?

2ª ÁRVORE — Ih, venha cá, menina, sente aqui, em minha raiz. Não quer uma fruta?

1ª ÁRVORE — Invejosa! Quer é tirar a menina de mim! Não vá lá! As raízes dela estão cheias de formigas, vão te morder!

2ª ÁRVORE — Não mordem mais que as suas palavras! Só vê maldade em tudo!

3ª ÁRVORE — (*Acordando*) Oooooopa, assim não dá!... É proibido dormir aqui, é?

1ª ÁRVORE — Proibido, não. Mas que não é hora de dormir, não é, não!

3ª ÁRVORE — Hora de dormir é a hora que dá sono.

1ª ÁRVORE — Planta *normal* dorme de noite! Agora, as loucas, as vadias, os...

3ª ÁRVORE — ... dormem à hora que querem, escolhem o que querem fazer. Eu, por exemplo, passei a noite namorando a Lua.

2ª ÁRVORE — A Lua... Não vejo graça. Por que é que não namora quem está perto?

3ª ÁRVORE — A Lua é linda: mansa, suave...

2ª ÁRVORE — Hum... Grande coisa...

3ª ÁRVORE — E carinhosa, muito carinhosa: quando viu que eu não parava de olhar pra ela, estendeu sua luz até minhas folhas; eu fechei os meus galhos, assim; ela riu e começou a me fazer cócegas, tentando achar um burquinho pra passar até o chão. E começamos um brinquito, de mexer a luz e a sombra para ficar inventando desenhos no chão...

1ª ÁRVORE — Desenhos no chão!... E pra que é que serve isso?

2ª ÁRVORE — Serve tanto quanto uns frutos azedos e que ninguém come!

1ª ÁRVORE — Já sabia que ia defender seu querido!

2ª ÁRVORE — Meu querido, não. Não viu que ele gosta é da Lua?!

Apito estridente e surge um Grilo, verde-olivamente empertigado.

GRILO — Aaaaaaaah! Eu sabia, eu sabia!... Que é isso?

3ª ÁRVORE — Não é *isso*. Não vê que é uma menina?

GRILO — Silêncio! Não responda assim a uma autoridade!

2ª ÁRVORE — Começou...

GRILO — Uma menina, não é? Está *multada*!

PUTZ — Hein?!...

2ª ÁRVORE — Espere, *Seu* Grilo, ela acabou de chegar. Ainda não conhece as leis daqui.

1ª ÁRVORE — Se não conhece devia ter-se informado!

2ª ÁRVORE — Puxa-saco...

3ª ÁRVORE — Que impressão ela vai ter de nós se mal acaba de chegar e vai sendo multada, assim, sem mais nem menos?

PUTZ — Mas... multada por quê? Eu não fiz nada!

2ª ÁRVORE — Viu...? Ela não sabe de nada!

GRILO — Como não fez nada? Você chegou *andando* e continua *andando*!

PUTZ — E que tem isso?

GRILO — Lei é lei: quem anda tem que pagar. Andar tem preço. Ninguém anda sem pagar pelo que andou.

3ª ÁRVORE — Vai com calma, Snr. Grilo! Ela está só...

GRILO — Olha o tom! Não fale assim comigo! Eu sou uma autoridade!

2ª ÁRVORE — Snr. Grilo, o senhor está tão simpático hoje... A farda é nova? Ou é o senhor que está cada vez mais moço e mais bonito?

GRILO — Bem, eu... Claro que...

1ª ÁRVORE — Depois eu é que sou puxa-saco!

GRILO — Silêncio! Não saiam do assunto! Explique-se, menina!

PUTZ — Eu... eu sou Putz e cheguei aqui agora. E...

3ª ÁRVORE — Ela só está andando por enquanto. Mas vai ficar aqui conosco. Vai virar árvore, criar raízes e...

PUTZ — Não!

2ª ÁRVORE — E por que não? É bom, ser árvore.

1ª ÁRVORE — Está fazendo pouco de nós?

PUTZ — Não, é que eu...

GRILO — Se for árvore não paga!

PUTZ — Mas eu não quero ser árvore!

2ª ÁRVORE — Não diga *não* sem saber. Alguma vez já foi árvore?

PUTZ — Não, mas...

3ª ÁRVORE — Então? É bom ter as raízes crescendo na terra, e ser agasalhada e aquecida por ela; sentir a chuva entrando na pele, devagar, até a raiz mais funda; ver que sua sombra dá abrigo a quem passa na estrada...

2ª ÁRVORE — Sentir os passarinhos fazendo ninho em seus braços...

1ª ÁRVORE — E servir de lenha, quando um lenhador vier e tá! acabar com você!

2ª ÁRVORE — E quando chega a estação dos frutos, sentir as sementes crescendo dentro de

você, devagar, como se fosse você que estivesse se abrindo mais e mais, criando vida nova...

GRILO — Chega de blá-blá-blá! Resolve de uma vez! Sou uma autoridade, não posso perder tempo!

3ª ÁRVORE — Nós também viemos andando. Como você.

1ª ÁRVORE — Mas quando chegamos aqui, os pés estavam duros de tanta poeira!

2ª ÁRVORE — E aqui era bom: havia sombra e pássaros e as árvores todas davam frutos.

3ª ÁRVORE — E paramos: as raízes cresceram e viramos árvores também.

1ª ÁRVORE — Fica conosco!

3ª ÁRVORE — *(Cada vez mais envolvente)* Fica...

2ª ÁRVORE — Fica...

1ª ÁRVORE — Já que está aqui, o melhor é ficar!

GRILO — Ou fica... ou paga o preço para andar!

PUTZ — *(Indecisa, zozza)* Aqui é bom... Eu gostei de vocês... Mas... Mas falta alguma coisa...

3ª ÁRVORE — O que é que falta?

PUTZ — Não sei. *Falta...*

2ª ÁRVORE — É impressão sua!

1ª ÁRVORE — Falta, falta! Mania!... Que é que você queria mais?

PUTZ — Há sombra e folhas e frutos, mas... As flores! Onde estão as flores?

GRILO — Ora... flores!

As árvores se afastam; baixou de repente uma tristeza enorme — de quarta-feira de cinzas de folião pobre.

2ª ÁRVORE — Só temos flores uma vez por ano...

GRILO — Para que flores?

1ª ÁRVORE — As flores viram frutos, pronto.

3ª ÁRVORE — Eu também sinto falta. Mas as flores só nascem com o Sol.

PUTZ — O Sol...

2ª ÁRVORE — Na época que o Sol vem, as flores nascem...

3ª ÁRVORE — E tudo fica claro e alegre...

1ª ÁRVORE — Mas o Sol não fica aqui. Tem que seguir caminho.

PUTZ — Eu não posso ficar!

1ª ÁRVORE — Louca! Quer dizer que vai *andar*?

GRILO — Olha a multa! É lei! E eu cumpro a lei!

2ª ÁRVORE — Mas aonde você vai?

3ª ÁRVORE — Aqui perto há um rio, que traz a água para nossas raízes. Como é que você vai atravessar?

GRILO — Ai, ai, ai! Não desafie a lei! Não desafie!

PUTZ — Mas eu tenho de ir. Eu... eu vou buscar o Sol para vocês!

GRILO — Então... *paga primeiro!*

PUTZ — Eu não tenho dinheiro!

3ª ÁRVORE — Não é dinheiro. Tem que dar algo seu — os cabelos, a mão...

PUTZ — Ahn...?

1ª ÁRVORE — Você é alegre. Pode dar sua alegria. Foi o que dei quando cheguei aqui.

PUTZ — Minha alegria? Mas eu preciso dela para andar!

GRILO — Se não paga, está presa!

PUTZ — Não sair mais daqui!

3ª ÁRVORE — Espere! Não vamos deixar que prenda a Putz!

GRILO — Hein? Estão pensando que vão me deter?

2ª ÁRVORE — E quem disse que não?

GRILO — Eu sou a lei! Eu sou a autoridade! Eu...

3ª ÁRVORE — Não é coisa nenhuma!

As árvores se fecham, barrando-lhe a frente. Sururu, confusão. Putz aproveita pra sair correndo. Black-out. Reacende: caminho.

PUTZ — (*Procurando*) Onde está o Cavalinho? Ah, meu Deus, não sei se é este o caminho e não consigo ver aonde ele foi!

De lugar totalmente inesperado: do alto, seria o lógico — se a lógica mandasse nas coisas.

PÁSSARO — Chamou...?

PUTZ — Ahn? Onde...? Ah, boa tarde, Snr. Pássaro. Não viu um cavalinho, ou um coelho por aqui?

PÁSSARO — Hum... Você não aprende, hein?

PUTZ — Não aprendo...? O quê?

PÁSSARO — Não aprende, não aprende! Já não disse que quem cresce se transforma?

PUTZ — Quem cresce se transforma. Eu sei.

PÁSSARO — Sabe mesmo, é?

PUTZ — Claro. Eu mesma já mudei bastante. Mas o que preciso agora é encontrar meu amigo, o Cavalinho.

PÁSSARO — Hum... Só que não vê que sou *eu* o Cavalo?

PUTZ — O senhor... quer dizer, você?! Mas... de coelho virar cavalo ainda entendo. Mas cavalo virar pássaro é difícil!

PÁSSARO — Se fosse fácil é que não tinha graça.

PUTZ — Mas assim... não vai poder seguir comigo.

PÁSSARO — De fato, para mim vai ser mais fácil: você vai ter que atravessar o rio. Depois vem a montanha. E a subida cansa. Por isso virei pássaro: do alto é mais fácil que no chão.

PUTZ — E eu...?

PÁSSARO — Você? Este pedaço tem que andar sozinha. Não disse que enfrentava o que viesse?

PUTZ — O rio... E a montanha... E se eu não conseguir?

PÁSSARO — Só prometi que mostrava o caminho. O resto é com você. Olha: estamos chegando ao rio.

PUTZ — E como é que eu vou atravessar?

PÁSSARO — É com você, já disse. Espero você na subida da montanha.

PUTZ — Espera! Me leva em suas asas!

PÁSSARO — Não posso. Procure um meio de atravessar.

PUTZ — Um meio? Mas qual? ...

PÁSSARO — Procure. Se estiver solta, como na Terra dos Ventos e com o calor que trouxe da Terra do Fogo... Deixo também com você os frutos que apanhei das árvores. Coragem! Tchau!...

De novo vamos lembrar nossa "civilização da imagem": a travessia é ao vivo e sem palavras. Pode ser algo simples, como a técnica chinesa de fazer rio (aquela do pano horizontal, leve e largo, os peixes aplicados, seguro nas extremidades e movido de forma adequada de modo a formar ondas). Atrás dele, Putz navega. Com as mãos vai recolhendo do rio alguns peixes. Cena em todos os tons de azul. Luz em tons que ajudem a matizar as águas. Música leve, ritmando o navegar. Black-out.

PUTZ — (Já no outro lado) Ufa!... Pensei que não chegava... (Pausa. Olha em volta)

Lugar tranquilo... Onde é que terá ido o Pássaro? Vou esperar por ele. Ou é melhor seguir? Disse que me encontrava na subida da montanha...

VOZ — Mas já estamos na subida da montanha.

Figura em traje cor de areia, meia-idade, ar tranquilo. Tem na cabeça algo

aceso, o que o faz parecer um grande vaga-lume.

VAGA-LUME — Você é Putz. E vem buscar o Sol, não é? Bom que tenha chegado.

PUTZ — Como é que o senhor sabe?

Surgem outros "vaga-lumes", todos com a mesma luz ao pescoço, ou na testa, ou nas mãos. Os trajés terão todos os tons de terra, do marrom ao bege. A luz cresce.

— Vimos você atravessando o rio.

— Vemos longe.

— Vemos quase tudo que se passa aqui.

— Sabemos muita coisa.

1º VAGA-LUME — E é por isso que temos o Sol.

PUTZ — O Sol... aqui?!

— Claro.

— Também viemos em busca do Sol.

— Também atravessamos os ventos... e o fogo... e a água... até chegarmos aqui.

Putz se animando cada vez mais.

PUTZ — Puxa, nem fala, o Sol... aqui! Eu já estava tão... Acho que não ia andar mais!

— Todos nós chegamos assim.

— É que é longe o caminho. Cansa mesmo.

1º VAGA-LUME — Trate de descansar um pouco, que ainda vai ter trabalho pela frente antes de ver o Sol.

PUTZ — Ah, depois dessa eu faço qualquer coisa! Diz lá que eu faço! Ora, se faço! É pra já! E onde é que ele está?

— Quem?

PUTZ — O Sol!

— Os sóis, você quer dizer?

PUTZ — Os sóis?!... Tem mais de um?

1º VAGA-LUME — Cada qual tem o seu.

PUTZ — Mas... eu sempre ouvi dizer que o Sol é um só. E de todos.

1º VAGA-LUME — Não. Olhe só: o meu está aqui. (*Mostra a sua luz*).

— O meu também.

— O de nós todos.

PUTZ — Mas... isto é o Sol? Parecem vaga-lumes.

— Os sóis são vaga-lumes.

PUTZ - Os sóis são vaga-lumes?!...

1º VAGA-LUME — Cada um que chega busca o seu. Constrói um lugar para ele. E fica com ele guardado consigo.

— Mas iluminando também à sua volta.

PUTZ — É bom, trazer sua luz consigo...

— E em torno de nós há sempre luz.

— E quando nos juntamos, a luz cresce...

— Como se fosse a de um enorme Sol.

— Quer ver?

Começam a juntar-se e a luz sobe, realmente.

PUTZ — Puxa, vocês juntos iluminam mesmo! Só não entendo é...

Interrompe-se ao ver que algo estranho começa a acontecer entre eles: um empurra-empurra, cada qual querendo ficar mais em destaque.

— Hei, chega pra lá!

— Vê se não fica na minha frente!

— Quer parar de se exhibir?

— Minha luz é maior que a sua!

— E o que você pensa!

— Aqui é meu lugar!

— Não sei por quê!

— Cheguei primeiro e o meu sol é maior!

— Convencido!

— Presunçoso!

— É você!

— É você!

Confusão de futebol, na hora de querer dar no juiz.

1º VAGA-LUME — Parem! Não façam isso! Parem!

Nem a notam mais, envolvidos na própria competição. Putz vai se afastando.

O 1º Vaga-lume a segue até a boca de cena.

1º VAGA-LUME — Espere! Não quer seu sol?

PUTZ — Quero, mas... Não é isso... O Sol, para mim, não é isso!

1º VAGA-LUME — Quer ir adiante?

PUTZ — Adiante? Não sei... Eu não aguento mais...

1º VAGA-LUME — Se acha que não é isso, deve ir adiante.

PUTZ — Mas será que está muito longe ainda?...

Seus olhos se alongam medindo uma distância imprevisível. Rosto inquieto e triste. Black-out.

Reacende na semi-obscuridade. Vazio total na cena. Mal se vê Putz, pequena mancha clara no meio das sombras.

PUTZ — Acho que não dá mais... pra que é que eu vim para aqui? Não tem ninguém...

Será que ninguém mais está buscando o Sol?

Desolação total. Música suave, triste, ela zanzando, perdida.

PUTZ — Ninguém... Estou sozinha... Agora entendo porque aquelas estátuas têm medo... e as árvores desistem das flores... e os da montanha chegam a pensar que sua luz pequena é o Sol... Era melhor ter ficado lá com eles... Pelo menos andavam... e tinham um pouco de luz... (Pausa) Não aguento ficar aqui sozinha... Estou ficando com medo... e com sede... E está frio... frio...

Vai desfalecendo, devagar, até deitar-se no chão.

— Nada, nada...

Pausa longa. Pulo súbito.

— Espera! Parece que ouvi passos!

Pára e escuta: nada.

— Ou foi só impressão? Não... Eu ouvi... Foi quando encostei o ouvido na terra... Se eu colar bem o ouvido na terra...

Faz o que diz.

— Passos! São passos, tenho certeza! Vem alguém aí!

Levanta-se de novo. O ruído começa a ser audível.

— Quem será?...

Expectativa: reações alternadas, medo, ânsia, busca e recuo, etc. (Teste da atriz também: fazer a expectativa passar à platéia).

O ruído cresce, cresce... (luz nova e azul) e súbito surge alguém do outro lado:

— O Pássaro...?

Ele traz ainda suas asas de pássaro. Mas rosto já humano, natural. Olha-o, surpresa.

Pausa: o lento reconhecimento, olhos nos olhos, enquanto ele desce lentamente as asas, exibindo sua forma humana.

Esboço de sorriso. De comunicação. Que os atores aproveitem a epidemia de expressão corporal e sirvam-se. Mas pra valer: coisa de dentro. Viva. Linguagem

mesmo, do gesto e do corpo. Levando da expressão à comunicação. Dos dois. E deles para todos.

ELE — Por onde você veio?

ELA — Vim pela terra. Atravessei o rio.

ELE — Eu vim do mar.

ELA — Trouxe dele, este azul?

ELE — Como você trouxe o verde que brota da terra.

Alegria: aquela alegria! Aproximam-se mais: ENCONTRO.

Da alegria e do encontro, surge, espontânea a brincadeira — pega-pega, currupio e danças e riso e fala e canto e tudo.

E, à medida que começam a brincar, outros mais vão surgindo, rostos igualmente livres. A cada um que surge, recebido com alegria, uma nova cor se acrescenta à luz, que irá pouco a pouco tornando a cena um enorme arco-íris:

1° — Eu vim no sopro dos ventos...

2° — E eu numa gota de orvalho...

3° — Também subi a montanha...

4° — Vim em nuvem de fumaça...

5° — Também estou buscando o Sol!

Sempre rindo e brincando, cresce sobre eles a música, que eles vão cantarolando juntos. Quando se dão as mãos e o canto cresce, a luz vai subindo, subindo até a luz forte, branca, viva, total, todas as cores juntas: PRESENÇA DO SOL.

ELA — Olha! O Sol!

ELE — O Sol...

TODOS — O Sol!

Transbordamento, gente se derramando, vida explodindo, total, enquanto, em clima de magia e festa, a luz se desdobra no arco-íris sonhado, matizado em todas as suas cores.

ANCHIETA

Prêmio no III Concurso de Peças Infantis do Serviço Nacional de Teatro – 1972

Escrita a pedido de Fábio Sabag, para o Teatrinho Troll, da TV-Tupi, em comemoração ao Dia de Anchieta (dia 9 de junho). Entre a escrita e a gravação/veiculação em TV, premiada no Concurso supracitado.

Esta peça tem caráter essencialmente didático, razão porque tem sido também encenada em escolas, quer em dramatizações pelos próprios alunos, quer em apresentações do teatro escolar.

Humanizando figuras históricas, visa a lembrar permanentemente que também nós fazemos nossa História, ao optar entre uma neutralidade covarde e a ação consciente e decidida que cada fato novo exige.

Personagens:

Composição que envolve figuras da História ao lado de personagens fictícios e figuras e recursos do teatro de formas animadas (títeres)

Históricos

D. JOÃO II

CONSELHEIRO

BOIS LE COMTE

AJUDANTE DE ORDENS

2 CRIADOS

2 PIRATAS

2 ÍNDIOS

MENSAGEIRO

ANCHIETA

CAOQUIRA

CUNHAMBEBE

MEM DE SÁ

PORTUGUESES

De Ficção:

FALABÉM

JUJUBA

CURUMIM

MANDIOCA

DEMÓSTENES

(Papagaio)

DR. PEDRO

(Mico)

Cenários: Espaços cênicos com elementos de cena, apenas, sugerindo os vários ambientes:

Salas: do trono de Portugal / de Bois le Comte/ de Mem de Sá (que pode ser a mesma, mudando apenas o brasão etc.)

Praça e praia onde se reúnem portugueses e índios.

Luz se abre sobre grande mapa do Brasil ao fundo.

A seguir, foco se dilata à esquerda alta, mostrando sala do trono de Portugal: brasão com armas e trono. Sentado, o rei D. João III. Próximo, de pé, o Conselheiro.

REI — Ai, todo mundo acha que é uma beleza ser rei! Mas de fato é uma trabalhadeira de deixar um cristão maluco!

CONSELHEIRO — Sua Majestade está hoje muito preocupado... O que há?

REI — Leia você mesmo... (*estende-lhe papel*)

CONSELHEIRO — Hum... O governador Mem de Sá pede reforços...

REI — Eu sabia que os franceses iam acabar tentando se estabelecer no Brasil! Não vê o que diz o governador: "...estabeleceram fortificações na Baía de Guanabara e com ajuda dos índios estão cada dia ganhando mais terreno..."

CONSELHEIRO — É preciso expulsá-los de lá o quanto antes!

REI (*Pausa*) — Sabe quando se come um pedaço de bolo muito grande e seco, não há água para ajudar a descer e fica-se com ele entalado na garganta? Pois é...

CONSELHEIRO (*Intrigado*) — Mas... entalado com o quê Majestade?

REI — Com essa terra do Brasil!

CONSELHEIRO — Bom, realmente é uma terra imensa e...

REI (*Corta*) — Pois aí é que está! Se fosse uma ilhazinha, como pensávamos, era fácil tomar conta dela! Mas uma terra daquele tamanho! Cada expedição que lá foi descobriu mais um pedaço! Dividi-a em capitanias... não deu certo! Com o governo de Tomé de Souza parecia ir tudo bem... Mas agora... acho que desandou de novo!

CONSELHEIRO — Bem... e garantir a posse das terras para Portugal é importante, pois parece uma terra cheia de riquezas!

REI — E pensa que os piratas franceses e espanhóis já não descobriram isso?

CONSELHEIRO — Mais um motivo para providências urgentes!

REI (*Levanta-se, irritado*) — Eu acho muito engraçado! Fica todo mundo só olhando para mim e dizendo: é preciso tomar providências! É preciso tomar providências!... E onde é que vou arranjar gente, armas, caravelas e tudo mais para defender uma terra daquele tamanho? Portugal inteiro cabe dez vezes ou mais dentro dela!

CONSELHEIRO — Isso é verdade...

REI — Sabe como eu me sinto? Como o anãozinho do circo a quem deram ordem de ir domar o elefante!

CONSELHEIRO — Imagino como V. M. se sente. Mas temos que arranjar gente e armas

para colonizar e defender as novas terras...

REI (*Desanimado*) — Gente e armas...

Sobre o mapa do Brasil descem do alto três arcabuzes (ao longo do litoral), apontando para o mar...

CONSELHEIRO — E quanto antes... que os piratas e invasores são cada vez mais numerosos!

De frente para os arcabuzes, em processo idêntico, descem três caravelas deslocando-se em direção à costa.

REI — Mandei já os reforços que Mem de Sá pediu... Mas minha esperança mesmo é que os jesuítas consigam conquistar os selvagens e trazê-los para o nosso lado. Que se não pudermos contar com eles... não sei como vai ser!

Cena se fecha com foco apenas sobre as três caravelas, como iniciou.

Ao apagar-se também esse foco, acende-se, quase simultaneamente, em outro ponto da direita, ao alto, cestinha que desce com alguém dentro, imitando a gávea de uma embarcação.

FALABÉM (*Grito*) — Gai-vio-tas!... Gai-vio-tas à vista!...

Abre-se para dois piratas em baixo: estereótipo do pirata tradicional, com cabeleira, bigode, etc.

1º PIRATA — Que foi que o Falabém gritou?

2º PIRATA — "Gai-vio-tas"... Como sempre. Não há meio de fazê-lo dizer gaivotas...

1º PIRATA — Hum... Sinal de terra... Estamos chegando!

2º PIRATA — Será que chegamos a tempo de avisar Bois-le-Comte?

1º PIRATA — Com certeza. Não creio que os reforços de Portugal já tenham chegado.

2º PIRATA — Se tivessem, o governador já teria partido para o ataque...

1º PIRATA — Olhe! Lá está o forte!

Slide, à esquerda, de um desses fortes antigos da Baía de Guanabara, visto à distância.

Corte de luz traz a cena para lá, acendendo em baixo sobre mensageiro que entra a correr:

MENSAGEIRO (*Entrando, ofegante*) — Monsieur Bois-le-Comte! (*Este aparece*)

Confirmadas as notícias: os portugueses se preparam para atacar! O governador recebeu reforços e vem ele mesmo comandar o ataque!

AUXILIAR (*Próximo*) — Não temos tempo a perder!

BOIS LE COMTE — Meus melhores trajés, rápido!

AUXILIAR — Monsieur, o tempo urge!

BOIS LE COMTE — Mas não é por isso que vou descuidar de minha aparência!

Enquanto dialogam, em ritmo agora mais rápido, executa-se, com pressa que não exclui certa solenidade, e o ritual de sua preparação, marcando a preocupação muito francesa com os trajés e a apresentação...

BOIS LE COMTE — Minhas botas!

Mensageiro faz-se de criado e vai apanhar as botas; apresentando-as, anuncia quase em tom de arauto:

MENSAGEIRO-CRIADO — As botas de Monsieur Bois-le-Comte!

AUXILIAR (*Apanha-as e as passa, solene, a B. C.*) — As botas, Monsieur Bois le Comte!

BOIS LE COMTE (*Apanha-as e as calça com a mesma solenidade e então fala*) — Portugal fechava os olhos ao comércio que fazíamos, mas eu sabia que ia protestar quando fincássemos o pé no Brasil!

AUXILIAR — Sabe o que isso representa! A França Antártica pode ser o começo da posse da terra pela França!

BOIS LE COMTE (*Para o criado*) — Minha túnica!

Repete-se a encenação anterior até que ele a veste e fala:

BOIS LE COMTE — Pois quer Portugal dê gritinhos ou esperneie, continuo lhe dando a mesma resposta que deu nosso rei Francisco I a D. Manuel: que não conhece um testamento de Adão dividindo o mundo entre Portugal e Espanha!... Eu vou criar uma nova França no Brasil!

Para os auxiliares:

BOIS LE COMTE — Minha espada!

Mais rápida já, repete-se a encenação para a espada.

AUXILIAR — E nessa nova França, Monsieur será o governador!

BOIS LE COMTE — O Rei!... Serei o Rei!

Empunha a espada à guisa de cetro e sai caminhando, majestático.

AUXILIAR (*Para o mensageiro*) — Quando um homem começa a sonhar com a fortuna ou com a glória... que lhe saiam da frente que é capaz de tudo!

Inicia-se música de suspense em fundo. Foco para Falabém na "gávea":

FALABÉM (*Trêmulo de medo*) — Va-vavão ata-ca-car! Mon Dieu! Pro-pro-tegei o filho de minha ma-mãe!...

Em baixo, Bois le Comte:

BOIS LE COMTE — Mande tocar... reunir!

Auxiliar, corneta à boca, dá o toque mandado.

Corte de luz. Reacende à boca de cena à esquerda. Sob marco de estrada que indica Piratininga, um grupo de meninos em conversa: Garoto branco pequeno e magrelo — Jujuba — de pé, a contar, em gesto largos, mímica exagerada, sonoplastia com a boca, uma "grande caçada". À sua frente, sentado, pernas cruzadas e ar incrédulo, um índiozinho — Curumim:

JUJUBA — E aí eu fui acuando a onça! Acuando, acuando... (*Corpo curvado para a "onça"*)

Ela já olhava para mim com olhos de medo porque sabia que ia ser agarrada! (*Pulo*)

CURUMIM — Tem certeza que não era um gato?...

JUJUBA (*Endireita o corpo, ofendido*) — Lá vem você com a mania de não acreditar no que eu digo!

CURUMIM — Mas eu acredito, como não? Sei que você não mente! Não é, Demóstenes?

Atrás, um papagaio (títere), Demóstenes - empoleirado em ponto próximo.

DEMÓSTENES — Perfeitamente. Nós acreditamos porque sabemos que você não mente. De vez em quando, apenas, saem de suas histórias uns... chuveiros de... Como é mesmo que o Dr. Pedro diz, hein? (*Chama*) Dr. Pedro, como é mesmo...

Do outro lado, um mico (títere) sentado, livro ao colo, grandes óculos pousados no nariz. Demóstenes repete:

DEMÓSTENES — Dr. Pedro!...

O mico ergue ligeiramente a cabeça olhando por cima dos óculos, como velho:

PEDRO (*Puxando nos rr ao falar*) — Mas isto me irrita!... Não me perturbe! Não vê que estou meditando? (*Endireita os óculos sobre o nariz e continua a leitura, posudo*)

DEMÓSTENES — Depois que o Dr. Pedro voltou da Europa está impossível! Passa o dia inteiro com esses livros!

CURUMIM — Mas já me lembrei do que ele diz: (*Para Jujuba*) é que você põe em suas histórias uns "chuveiros de fantasia", de invenção...

JUJUBA — Pois aqui não chuveirei nada! Não tem fantasia nem invenção! É a pura verdade!

DEMÓSTENES — Pois então continue!

JUJUBA (*Anima-se de novo*) — De repente, a anta começou a correr...

CURUMIM (*Corta*) — Anta?!... Mas não era onça, Jujuba?

JUJUBA (*Inalterável*) — Uma anta e uma onça! É proibido caçar dois bichos ao mesmo tempo?

CURUMIM — Não, só que... Vá lá... Saíram correndo, uma para cada lado?

JUJUBA — Não, começaram a correr juntas, uma ao lado da outro...

CURUMIM — Uma ao lado da outra, sem se separarem...?

DEMÓSTENES — Que bichos bem comportados!...

DR. PEDRO (*Doutoral, de lá*) — Esse chuvisco já está virando temporal!

JUJUBA — Se vocês ficarem assim, eu não conto nada!

CURUMIM — Olha! Lá vem o Mandioquinha na disparada! Que será que houve?

Um garoto negro se aproxima esbaforido:

MANDIOCA — Corram! Os *perós* vem aí! Pegaram mais dez!

CURUMIM (*Sério*) - É por isso que prefiro os *mairs*. São melhores para nós!

DR. PEDRO (*De trás*) — Ah, essa ignorância me irrita! Os *perós*, portugueses, precisam deles para o trabalho, para a lavoura! Os *mairs*, franceses, como não ficam morando aqui, não tem esses problemas! É por isso que vêm muito falantes e de bons modos, pra levar a vocês, bobos, na conversa e carregar com nossas riquezas! São ainda piores: estão roubando o que é nosso! E vocês a fazerem reverência para estes... *ayurujubas*!

DEMÓSTENES (*Resmungando para si*) — "Ayurujuba"!... Esse apelido me irrita, como diz o Dr. Pedro! Chamarem os franceses — esses tagarelas de cabelo cor de milho — de "papagaios falantes" é uma ofensa para minha raça!...

MANDIOCA — Olha! Lá vêm eles!

Os três meninos se abaixam rápido, como a se esconder. Passam ao fundo, assinalados por foco móvel que os segue, um português (botas, talabarte, arma à cinta, chapéu, etc: a imagem tradicional do colonizador) levando amarrados por corda ao pescoço, braços para trás, a dois índios.

Mal somem de vista os garotos se erguem de novo.

CURUMIM (*Sombrio*) — Presos! São dos nossos!

JUJUBA — Que é que nós podemos fazer?

Param e se voltam para Dr. Pedro, a olhar por sobre os óculos para um e para outro, como se já aguardasse a consulta.

DEMÓSTENES — Que é que o snr. acha, Dr. Pedro?

Ele ergue a cabeça e pigarreia, fazendo suspense. Depois de uma pausa:

DR. PEDRO — Falar com o Padre Anchieta... É lógico!...

CURUMIM — É mesmo! Vamos!...

Saem os três a correr.

DR. PEDRO (*Coçando o peito com as pontas das unhas*) — Nunca sabem o que fazer!

Ah, se os homens fossem inteligentes como eu! A ignorância me irrita!...

Corte de luz. O grupo está agora diante do padre.

ANCHIETA — Levá-los para o trabalho nada tem de mal. Trabalhar é que faz a grandeza do homem. O que não podem é levá-los assim, presos e amarrados!

JUJUBA — Mas tem gente que não gosta de trabalhar! E fazer trabalhar à força...

ANCHIETA — A força é um erro, o trabalho, não! Não misture as coisas!... A preguiça é a mãe de todos os vícios! (*Intencional*) Não acha, Jujuba?...

JUJUBA (*sem se dar por achado*) — Eu acho, sim, Padre! Tanto que eu... eu ainda ontem trabalhei a tarde toda! (*Curumim e Mandioca se entreolham espantados*)

ANCHIETA — Mas, que milagre! Trabalhou mesmo, Curumim?

CURUMIM — Bom, eu acho que ele... que ele está, "chuviscando", Padre...

ANCHIETA (*sem entender*) — "Chuviscando"?...

MANDIOCA — Pra mim isso já é temporal, como diz Dr. Pedro! "Trabalhou" a tarde toda... Bah!

JUJUBA (*Ofendido*) — Em vez de dar atenção a esses... linguarudos, o snr. não acha melhor ir ver o que pode fazer?

ANCHIETA — É sim. Vou lá agora mesmo. Quanto a você, depois conversamos.

Mal se afasta entra correndo um mensageiro:

MENSAGEIRO (*Ainda de longe*) — Pe. Anchieta!... Mensagem de São Vicente!

Mandaram avisar... (*Para ofegante, língua de fora*)

Foco pega Demóstenes e Dr. Pedro, assistindo.

DEMÓSTENES — Nossa! Está pondo os bofes pela boca!

DR. PEDRO — Por sua palidez e aflição... dedução fácil: trata-se de algo sério, muito sério!

MENSAGEIRO — Mandaram buscar... o snr. e o Pe. Nóbrega... O snr. vai?

ANCHIETA — Sim, mas... o que foi que houve?

MENSAGEIRO — A batalha! A batalha entre portugueses e franceses... Dois dias!

ANCHIETA — Uma batalha! E quem venceu?

Corte de luz e foco pega, ao fundo, figura de Bois le Comte: esparadrapo na testa, muletas, língua de fora, roupa aos farrapos, enfim, "aos cacos". Passa capengando e falando:

BOIS LE COMTE — Nós perdemos... Mas garanto que isso não vai ficar assim, não! Eu ainda vou fundar aqui essa França Antártica! Eu me vingarei! Vão ver!...

Corte de luz. Acende-se à esquerda alta, sob escudo português em destaque: Mem de Sá visivelmente nervoso.

AJUDANTE DE ORDEM — O Snr. Mem de Sá me perdoe o atrevimento, mas acho que o Snr. Governador devia descansar... Essa batalha contra os franceses o deixou esgotado...

MEM DE SÁ — Descansar agora seria por tudo a perder!

AJUDANTE — Ora, o senhor conseguiu uma vitória brilhante! Venceu-os em toda a linha!

MEM DE SÁ — É, mas só consegui fazer alguns prisioneiros! A maioria fugiu!

AJUDANTE — Mas o senhor o arrasou as fortificações inimigas! Eles não têm nem como lutar mais!

MEM DE SÁ — Engana-se, meu caro. Eles foram para o interior. E se forem inteligentes - e creio que são! - vão aumentar suas forças e voltar contra nós!

AJUDANTE — Mas... aumentar como?

MEM DE SÁ — Levantar contra nós os índios e cercar-nos. Aqui em São Vicente isto é muito fácil. (*Vai ao fundo, onde se desenrola novamente mapa do Brasil; ele, vareta na mão, aponta e vai explicando*) Se trouxerem os índios para o litoral isolam-nos por completo. Podem fazer o mesmo com Santo André. (*Mostra*) Mande um emissário chamar João Ramalho e os padres: vamos tentar transferir todos os moradores de Santo André para São Paulo de Piratininga!

AJUDANTE (*Espanto*) — Transferir todos os moradores? Mas, por que?

MEM DE SÁ — Por que acho que agora é que a coisa vai começar de verdade!

Corte de Luz. Música de suspense em fundo marca à direita alta dois índios, rostos pintados, à espreita. O Ajudante de Ordens desceu para junto de Anchieta.

AJUDANTE — Os índios se levantaram e vieram para o litoral!

ANCHIETA — Estão cercando São Vicente?

AJUDANTE — Estão.

ANCHIETA — É o que eu temia que um dia acontecesse. Os franceses se mostraram bons políticos: souberam aproveitar as forças contrárias!

Foco sobre Demóstenes olhando já para todos os lados.

DEMÓSTENES — Acho bom eu ir andando... Tem gente que não sabe que sopa de papagaio é muito indigesta!

À sua frente, os três garotos.

MANDIOCA (*Olhos arregalados*) — A briga deve ser só de índio com branco... Eu acho que negro tá fora desse rolo!

CURUMIM (*Preocupado*) — Vai ser também de índio contra índio... Se os Tamoios vieram para o litoral... vai ser guerra de verdade!

JUJUBA (*Trêmulo de medo*) — De verdade?... Eu ... acho que... que isto já é exagero! Só porque perderam uma batalhazinha... esses franceses não vão...

CURUMIM — Ora, vejam só o herói! Quem vive em caçadas, lutas e aventuras como você não devia ter medo!

JUJUBA — É, mas aqui ninguém contratou meus serviços e... eu não gosto de me meter onde não sou chamado... E depois, sou filho de índio com branco: não posso tomar partido!

Afastam-se sem ver o Padre Anchieta que vem andando pela boca de cena, pensativo. Apenas Dr. Pedro fica, a observar, calado, o padre que se aproxima:

DR. PEDRO (*Quando o vê próximo*) — O snr. não vai entrar nisso, vai? Olha que é perigoso!

ANCHIETA — Perigo é coisa que já faz parte de minha vida. **E depois, Dr. Pedro, eu não sou verme pra ficar escondido na terra por medo de lutar**

DR. PEDRO — Hum... Quem tem amor à pele não quer saber disso, não... Mas de que lado o snr. vai entrar? Se for contra os portugueses vão chamá-lo de traidor! Se for contra os índios... vira picadinho! De que lado o snr. fica, Padre Anchieta?

ANCHIETA (*Calmo*) — Do mesmo lado que sempre fiquei, Dr. Pedro: do lado da Justiça!

DR. PEDRO — É o lado mais difícil, Padre. É o lado mais difícil!

ANCHIETA (*Devagar*) — Eu sei. A vida toda eu venho aprendendo que o lado da Justiça é o mais difícil, o que cansa mais e pede mais luta. Mas que é o único lado certo, Dr. Pedro!

O Mico assente com a cabeça, convicto.

ANCHIETA — E é do lado da Justiça que eu vou continuar, meu amigo, seja a que preço for!

Afasta-se, passos decididos.

DR. PEDRO (*Sacode a cabeça*) — Ah, se os homens tivessem juízo como nós!... E fica esse aí, que é um santo, no meio dessa loucura toda!... Que Deus o proteja! Eu não quero nem pensar em tudo que pode lhe acontecer!

Corte de luz. Foco pega agora Falabém caminhando, cauteloso, em passo de ganso, a olhar para trás a cada passo. Vê-se que foge de algo, sem ver um arbusto, no qual ele esbarra súbito. Grito:

— Aaaaaai! Por que não olha para onde anda?

FALABÉM (*Distraído*) — Desculpe! Eu... (*Sobressalto*) Ih! Uma árvore, falando?

DEMÓSTENES (*Surge atrás do arbusto, só a cabeça, galho preso ao alto*) — Não é árvore, idiota! Sou eu!

FALABÉM — Ora, é um papa... paca... (*Desata a rir*)

DEMÓSTENES (*Corta, irritado*) — Nem sabe dizer! Sou eu, Demóstenes!

FALABÉM (*Para de rir e repete*) — Demo... Demóstene? (*Desata a rir de novo*)

DEMÓSTENES (*Irritadíssimo*) — Ah! A ignorância me irrita, como diz o Dr. Pedro! Demóstenes foi um grande orador grego! Não sabia?

FALABÉM (*Sempre dobrando-se de rir aponta o galho na cabeça dele*) — Grego... Ah, é por isso que você está com ca...coroa de louros?

Demóstenes abre a asa, agressivo.

DEMÓSTENES — Outra piada dessas e garanto que dá galho!

FALABÉM — Com você plantado aí, não dá, não!

Ruído à distância. Vozerio.

FALABÉM (*Aprensivo*) — Vou andando... Quando der flor me avise! (*Afasta-se*)

DEMÓSTENES — Não sei onde estou que não desço a lenha nesse atrevido!

Curumim entrou correndo e passa por Falabém, em quem esbarra, sem se deter, seguindo caminho.

FALABÉM — Que pressa! Deve estar fu.. fugindo também!

CURUMIM (*parando junto ao arbusto*) — Demóstenes!

Reaparece a cabeça deste, espantado.

DEMÓSTENES — Como é que você sabe que eu estou aqui?...

CURUMIM — Ora, esse seu "esconderijo secreto" é velho! Viu o Padre Anchieta?

DEMÓSTENES — Passou por aqui e foi para reunião.

CURUMIM — Nossa! Foi à reunião!

CURUMIM — Estão todos os perós reunidos na praça para decidir o que fazer! E ele foi... Meu Deus! Vou para lá correndo!

DEMÓSTENES — Eu, hein? Vontade de entrar em barulho sem necessidade! Pois eu fico é aqui mesmo!

Some de novo no arbusto. Surge Dr. Pedro, o Mico, mão em pala na testa olhando a distância. Luz se abre também em outra cena: grupo de portugueses em discussão.

— Era preciso acabar de uma vez por todas com isso!

— Também acho! Pedir mais reforços à metrópole e liquidar de vez com esses selvagens!

— É uma cambada de gente suja, preguiçosa e ignorante, que só tem servido mesmo pra trazer complicações!

— Raça inferior! Eu sei! Mas são em maior número! E são ferozes!

— Mas nós temos armas! E elas acabam de provar o que valem com os franceses!

— Não acho isso bom. Seria um massacre de parte a parte. E mesmo que ganhássemos ficaríamos sem braços para a lavoura.

DR. PEDRO (*de lá, ergue o polegar aprovando*) — Interesseiro, mas pelo menos tem bom senso!

— Os negros são melhores no trabalho. E só ir buscar na África!

— Os índios, além de preguiçosos, ainda têm esses padres a defendê-los!

— É só não lhes dar ouvidos. E acabar de vez com essa raça!

— Olha, aí vem Padre Anchieta!

— Garanto que vai se meter!

— Duvido! Agora não tem como defender os selvagens porque são eles que estão nos atacando!

— Bom... E traidor é coisa que o padre nunca foi, isso é verdade...

— Pelo menos até hoje...

Pausa em silêncio no grupo marca a aproximação do Padre. Mal o vêem próximo, gritam:

— Então, padre? Seus selvagens estão pondo as manguinhas de fora, hein?

— Se querem guerra, vão tê-la, não há dúvida!

— Ou o sr. prefere ir lá e dizer para eles tratarem de voltar quietinhos para suas tabas?

— É o único jeito de evitar a guerra...

ANCHIETA (*Para à sua frente*) — Isso eu não poderia fazer!

— Não vai querer defendê-los... agora!

ANCHIETA (*Encara-os*) — E por que não? Eu estou *contra* vocês!

Corte de luz sobre a cena, ficando apenas foco que marca Dr. Pedro enfiando a cabeça nas mãos em gesto de desespero. Ao erguê-la novamente vê à sua frente Curumim e Jujuba.

CURUMIM — Mas nós temos que fazer alguma coisa!

JUJUBA — O quê? A única coisa que minha perna está querendo fazer... é correr!

CURUMIM — Você tem tanta imaginação na hora de inventar suas... seus "chuviscos"!

Vê se agora inventa alguma coisa que ajude!

JUJUBA (*Mesmo tom*) — Ajudar a parar uma guerra?... Não existe nada! E só de pensar...

minha cabeça nem chuveira nada... fica é cheia de uma nuvem branca!

Mandioca entra correndo.

CURUMIM (*Assim que o vê*) — Não disse a você que não se afastasse do Padre Anchieta?

Que ficasse atrás dele que nem sombra?

MANDIOCA (*Ofendido*) — E eu fiquei! Quem disse que não fiquei?

CURUMIM — E como é que você está aqui agora?

MANDIOCA — Vim dar notícia importante!

JUJUBA — Estourou a guerra! Os índios já estão atacando! (*Olha para os lados*) Milhares de índios já estão cercando a cidade, todas as flechas apontadas para... AAAAI!

Como se tivesse levado flechada "atrás"

MANDIOCA (*Espantado, para Curumim*) — Ficou doido?...

CURUMIM (*Para Jujuba*) — O medo é tanto que até acabou a "nuvem branca" na imaginação ?

JUJUBA (*Cai em si*) — Ufa! Vocês ficam brincando e nós aqui arriscados a ...

CURUMIM — Por falar em risco... a notícia importante, qual é?

MANDIOCA — O Pe. Anchieta foi à casa do Pe. Nóbrega e ficaram discutindo lá um tempão. Parece que resolveram uma coisa muito séria. Ele agora saiu e foi falar com o pessoal que ainda tá reunido na praça!

CURUMIM — Resolveram uma coisa muito séria? O que pode ser?

JUJUBA — A declaração de guerra, não tem outra!

CURUMIM — O padre não é homem de guerra, é homem de paz!

MANDIOCA — Então vamos lá na praça ver!

CURUMIM — Eu já ia pra lá mesmo... É o melhor!

Luz para o Padre, ainda diante do grupo de portugueses. Seu tom é decidido, sua fala, incisiva.

— Padre, até hoje nós o respeitamos, mas se o sr. agora está contra nós... passa a ser um problema!

ANCHIETA — Um poder que só mantém pela força é indigno!

— Esses selvagens tem que nos respeitar!

ANCHIETA — Quem quer ser respeitado tem que merecer esse respeito! E o que é que vocês tem feito para merecê-lo?

— Ora, "merecer"...

ANCHIETA (*Para todos*) — Vocês têm agido sempre com a impiedade dos brutos, a fúria dos insensatos e a tirania dos que se julgam com todas as forças na mão!

— Nossa situação exige isto! Temos que dominar os selvagens, policiar os aventureiros, lutar contra os invasores...

— ... quando não se juntam todos para aumentar suas forças contra nós, como agora!

ANCHIETA — Os franceses estão explorando o ódio e a discórdia existentes, é verdade. Mas esse ódio e essa discórdia foram vocês mesmos que semearam com suas atitudes! Quem planta, colhe... é lei antiga na história do mundo!

— Daqui a pouco vai querer dizer que eles é que estão certos e nós, errados!

ANCHIETA — E estão! É pura verdade. É justo que eles reclamem! É justo que se revoltem! É justo que queiram ser tratados como seres humanos - coisa que vocês esquecem que eles são!

— Ora, “seres humanos”... os índios!

ANCHIETA — Diferença de raça ou posição não dá a homem nenhum direito sobre outro homem! Diante de Deus e da Justiça, todos os homens são iguais!

— Quer dizer, padre, que a “Justiça” está do lado deles?

ANCHIETA (*Convicto*) — E está!

— E por isso... o snr. já escolheu a sua parte: é... do lado de lá?

ANCHIETA — Seria o lado justo.

— Então... se a guerra vier... *o snr. é nosso inimigo!*

Luz marca os garotos e os títeres assistindo, apreensivos. A atitude dos colonos portugueses é ameaçadora. Anchieta abaixa a cabeça e agora a ergue novamente, contristado e pensativo.

ANCHIETA — Se a guerra vier... será uma matança geral! É isso que nós temos que evitar..., a qualquer preço!

— Evitar... como?

— Impossível! Eles não vão ceder.

— E o snr. mesmo acha "justo" que não cedam!

— E nós não vamos rebaixar-nos diante desses...

ANCHIETA (*Corta, incisivo*) —... desses filhos de Deus, como o senhor!

O outro abaixa os olhos, sem responder.

— O snr. tem alguma idéia para evitar a guerra?

ANCHIETA — Tenho. Combinei com o Pe. Nóbrega e acho que é a única coisa que ainda se pode fazer: nós vamos até lá, tentar a paz com os índios.

— Não vão aceitar!

— E se falarem em nosso nome, com o ódio que estão...

— ... podem até matá-los!

ANCHIETA — Eu sei. Nós sabemos que podem nos matar. Mas todo homem tem que morrer um dia... e é melhor morrer, que saber que só ficou vivo porque se esqueceu da justiça e da verdade!

Os colonos, sem ter resposta, agora o olham num misto de espanto, respeito e admiração. Corte de luz neste grupo e cena volta ao grupinho mirim.

JUJUBA — Vem falar com os índios? Tá maluco! Doido de pedra!

CURUMIM (*Sério*) — Vão matá-lo!

DR. PEDRO (*Nervoso*) — Os homens só tem idéias loucas! Até ele! Ir se meter no meio daquela indiada que já está furiosa com tudo que é branco! Essa loucura me irrita!...

Mandioca entra correndo, como sempre

MANDIOCA — Já vão! Acabaram de combinar com os perós as condições de paz e estão de saída para Bertioga!

CURUMIM — Então vamos!

JUJUBA — Nós... também?!

CURUMIM — Por que não? Não viemos aqui acompanhá-lo?

JUJUBA — É que... eu recebi um recado de minha mãe e...

DR. PEDRO — Então fique, se quiser!

Saem todos de cena.

JUJUBA (*Sozinho e hesitante*) — Não, Jujuba, você não pode fazer uma coisa dessas! (*Suspira fundo*) Seja o que Deus quiser!... Esperem!... (*Sai a correr atrás deles*)

Corte de luz. Cena reabre com slide de uma dessas pinturas famosas de Padres entre selvagens: O. Pereira da Silva, B. Calixto ou outro.

Embaixo, cruz tosca de madeira sobre altar improvisado e Anchieta erguendo o cálice na celebração da missa. Mais afastados, chefe índio Caoquira e outro índio assistem. Na boca de cena, os garotos, agachados, observam.

JUJUBA — Quando eu contar... vão dizer que é "chuveisco"!

CURUMIM — Não, Jujuba. Do Padre Anchieta a gente acredita tudo.

ANCHIETA (*Voltando-se para Caoquira*) — Deus o abençoe, Caoquira! Prometemos a você que as condições serão cumpridas. E que a paz de Deus seja sempre convosco!

Do outro lado Dr. Pedro e Demóstenes assistem também.

DEMÓSTENES — Esse homem não podia morrer! Homem igual a ele não se ia achar outro.

DR. PEDRO — Isso não, Demóstenes. Se você lesse os livros que eu leio ia ver que em todo tempo há sempre um punhado de homens que, mesmo nas horas piores, são a consciência do mundo. (*Outro tom*) Também... é o que vale porque o resto... me irrita de tanta ignorância!

Rumor de tambores em fundo aumentando progressivamente. Todos se voltam para lá. Mandioca entrou na maior disparada, gritando:

MANDIOCA — Está tudo perdido! Eles estão vindo! Corram!...

CURUMIM (*Tremendo já também*) — Que... quem vem aí?

MANDIOCA (*Parando ligeiramente*) — Cunhambebe, o chefe dos Tamoios!

DEMÓSTENES E DR. PEDRO (*De lá, juntos*) — Cunhambebe!!

MANDIOCA — Ele é comedor de gente! Todo mundo sabe!

DR. PEDRO — Antropófago, ó ignorante!

MANDIOCA — ... e pode não ter preconceito de cor! Eu que não fico aqui pra ser jantado por ele! (*Dispara de novo, sumindo*)

DR. PEDRO — Deve ter sabido da interferência dos padres...

CURUMIM (*De lá*) — ... e está vindo aqui liquidar com eles!

DEMÓSTENES — Precisamos tirá-los de lá agora!

JUJUBA — Olha! Já chegaram à praia!

Ficam a olhar para um ponto onde logo a seguir aparecem, frente a frente, Caoquira e Cunhambebe.

CUNHAMBEBE — Caoquira agora recebe inimigo?

CAOQUIRA — Padre amigo de índio.

CUNHAMBEBE — Todo peró inimigo! Onde padres?

CAOQUIRA (*Ergue a mão detendo-o*) — Padre hóspede taba de Pindobossu. Caoquira respeita hóspede.

Foco continua a marcar Demóstenes tapando o olho com a asa e Dr. Pedro, mão na boca, apreensivo. Do outro lado, Jujuba e Curumim, igualmente atentos. Os diálogos seguem paralelos dos dois lados.

JUJUBA — Que é que estão fazendo?!

CURUMIM — Acendendo o fogo...

JUJUBA — Já vão jantar os padres?!...

CURUMIM — Não. É o fogo do conselho...

DEMÓSTENES — Você imagina que ele escape dessa?

JUJUBA — Tô com a nuvem na cabeça de novo. Não consigo imaginar mais nada!

DR. PEDRO — Demóstenes, vá até lá de galho em galho e pouse bem perto, para ouvir o que estão falando.

DEMÓSTENES — Eu, hein? Está querendo me ver na panela?

PEDRO — Deixe de ser bobo! Em pleno conselho de guerra quem é que vai prestar atenção a um papagaio num galho?

DEMÓSTENES (*Ofendido*) — Mas eu não sou um papagaio qualquer! Eu sou...

DR. PEDRO (*Corta*) — ... um idiota! Essa vaidade me irrita! Então vou eu!

Índios em volta da “fogueira” da qual sai agora um rolo de fumaça. Pausa em silêncio sublinhada pela música suspensiva e o rosto atento dos espectadores-mirins, apreensivos. A diferença de iluminação em torno vai marcando a passagem do tempo.

DEMÓSTENES — Já sei o que vai acontecer! Se nem com a chegada da noite eles param!

CURUMIM — Vão passar a noite discutindo...

Vê que Jujuba já ressona a seu lado, vencido pelo cansaço. A luz se fecha de todo e vai reabrindo de novo a seguir, cada vez mais claro, sobre a roda de índios.

DR. PEDRO (*Reaparecendo junto a Demóstenes; Curumim o vê e corre para lá*) — Que foi que resolveram?

DR. PEDRO — Só aceitam a paz mediante novas condições, impostas por eles. Pe. Nóbrega vai a S. Vicente, saber se os portugueses concordam. Pe. Anchieta fica aqui de refém.

DEMÓSTENES (*Nervoso*) — Eu sei que a ignorância o irrita, mas o que é “refém”?

DR. PEDRO — Penhor. Garantia uma promessa.

CURUMIM — E se o Pe. Nóbrega não voltar... ou os perós não concordarem?!

DR. PEDRO — Ele morre.

DEMÓSTENES — Então... Padre Anchieta está perdido!

Luz em resistência sobre o ar consternado do grupinho. Reabre com slide da gravura famosa de Anchieta escrevendo na areia, que some a seguir, reproduzida ao vivo embaixo. Um pouco afastado, Cunhambebe, à espreita. Aproxima-se.

CUNHAMBEBE — Padre faz brinquedo?

ANCHIETA — Não, meu amigo, escrevo um poema para a Virgem, nossa Mãe.

CUNHAMBEBE — Mar apaga...

ANCHIETA — Mas ela lê antes disso...

Foco sobre Curumim olhando ansioso, à distância.

CURUMIM — Tanto tempo, já! E se o Pe. Nóbrega não vier?

Alarido em fundo. Cunhambebe, mãos em pala, parece ver algo ao longe e sai rápido. Música marca apenas a figura de Anchieta, a escrever ainda, tranquilo. Foco pega ao fundo Cunhambebe diante de mensageiro que gesticula. Ele apenas assente com a cabeça.

JUJUBA (*De cá*) — Pela cara dele... não deve ser nada de bom pro padre!

Cunhambebe agora volta junto de Anchieta e para à sua frente, braços cruzados.

CUNHAMBEBE — Notícia São Vicente! (*Anchieta ergue para ele o rosto ansioso*) Tem medo?

ANCHIETA — Por mim, não! Mas sua resposta envolve muitas vidas...

CUNHAMBEBE — Eles... aceitam condição.

ANCHIETA (*Alívio*) — PAZ!... Estamos em paz, graças a Deus! (*Volta-se para Cunhambebe que o olha com atenção*) Então posso voltar a meu trabalho?

CUNHAMBEBE — Padre valente. Cunhambebe respeita guerreiro valente. Cunhambebe leva padre São Vicente...

ANCHIETA (*Rosto surpreso abrindo-se progressivamente em um sorriso*) — Obrigado...
Foco se apaga em resistência sobre eles.

DR. PEDRO (*De seu lugar*) — Pra ver a força que pode ter o espírito de um homem! Ah, se todos fossem como ele!

JUJUBA (*À sua frente, lamentoso*) — Por isso mesmo, quando eu for contar... vão dizer que é chuvisco!...

É

**Literatura juvenil, publicado pela Editora Atual / SP,
na Coleção “Conte outra vez”, em 1989**

**Quando a obra atingiu sua 9ª edição, o Grupo Ato e Cena, do RJ, fez sua adaptação
para teatro, levada em temporada no Teatro Ziembinski, RJ, em 1994.**

*Bigodes, perucas, bonés, óculos, e outros adereços criados pelo brilhante figurinista a ser chamado e... está feita a peça com **4 atores fazendo muitos personagens**, com a indispensável colaboração da iluminação (!), da cenografia e da música*
É... um desafio ao imaginoso Diretor.

Ainda no escuro, um oooooooooooo! anuncia um carro de polícia passando. Luz fraca marca um garoto que entra correndo:

LUÍS — Ih! Um carro de polícia a toda! Será que vão pegar ladrão?

Luz abrindo um pouco mais. Com ela sobe outro som agudo — o liru liru de um carro de bombeiros - e entra uma garota correndo pelo outro lado, olha à distância:

ALINDE — Nossa! Um monte de bombeiros! Onde é que é o incêndio?

LUÍS — Não sei. Não estou vendo!

Mais um garoto chegando; e com ele o som de ambulância, que aumenta o rebuliço geral.

FELIPE — Viram a ambulância? Será que é um acidente?

ALINDE — Não, acho que não é acidente...

LUÍS - Mas tá começando a juntar gente.

Sabe como, Snr. Diretor? Ora, silhuetas de bustos, armadas sobre rodas malucas... de costas para a platéia. Zum-zum de falatório cresce em fundo. Garotos à boca de cena:

FELIPE — O que será que está acontecendo?

ALINDE — Não sei.

LUÍS — Ninguém sabe.

FELIPE — Vamos ver!

Mas, antes que saiam, entra alguém, sempre em corrida, e fica a olhar para o mesmo ponto atrás (ainda invisível ao espectador): é um soldadinho de farda, bibico na cabeça, que tira ao se deter para olhar:

SOLDADO (*Susto*) — IH!... Vou falar com meu superior.

Sai correndo, empurrando e deslocando as “pessoas” paradas à frente; garotos o seguem com os olhos.

ALINDE — Que será que deu nele?

Mal se perguntam e se movem, curiosos, um apito e já entra por outro ponto o Capitão (o mesmo soldado, é claro, mas agora com “dragonas” e quepe):

CAPITÃO — (*Susto, espanto*) — OOH!... Vou fa-fa-lar com meu su-superior!

Sai apitando, aos tropeções sobre as silhuetas, que lhe dão passagem.

LUÍS — Que pressa! Sai até empurrando todo mundo!

Toque de corneta. As silhuetas se afastam (ou melhor, são afastadas, já que as rodas malucas são pra isso mesmo) e surge, em destaque, figura com grande pelerine e imenso quepe com um emblemão dourado (o soldado-capitão promovido por nós a General...)

FELIPE — Olha a pose daquele! Vem todo pisando duro!

ALINDE — Parou! Que pose!

GENERAL — AHN?!...

LUÍS — Ih! A pose caiu!

Endireita o quepe, encolhe o corpo, estica de novo, até ficar que nem um poste.

Os garotos agora zanzam em volta dele, sem entender.

ALINDE — Que foi que houve?

FELIPE — Que é que o snr. viu?

LUÍS — Pra levar esse susto todo deve ser...

Mas se calam ao deparar com o que agora surge — luz destacando, ao fundo, no ponto para onde todas as silhuetas olham: rachando o muro de tijolos ao fundo, se destaca no fundo da cena um imenso

É

LUÍS — Que... brincadeira é essa?

ALINDE — Será que é pichação?

FELIPE — Não é, não. Está saindo de dentro do muro. E o muro está rachado!

LUÍS — É só um ...É.

No silêncio da pausa só se ouve um som: um tum-tum-tum leve e suave.

ALINDE — Oh!... Está escutando? O som dele... Parece um... um coração batendo, tum-tum-tum...

FELIPE — Mas... É? É... o quê?

Falas gravadas (depois aceleradas, emboladas) surgem das silhuetas paradas, em zum-zum que enche a pausa.

FELIPE — Ora, gente, não é nada, não. Vai ver é só uma propaganda.

LUÍS — Propaganda...?

FELIPE — É. Hoje em dia tudo é propaganda. Estão fazendo isso para chamar a atenção.

LUÍS — É, talvez, pode ser...

FELIPE — Depois eles vêm e dizem: comprem logo! É... a nova geladeira Frigozul, a primeira geladeira estampada, azul com estrelinhas douradas!

ALINDE — Só que... deste tamanho... deve ser um grande lançamento!

LUÍS — Então... já sei! É um carro ultraleve!

FELIPE — O que é isso?

LUÍS — Um carro voador! Com a forma de um carro, mas com asas. Ao andar, as asas se desdobram e ele vira um avião ultraleve!

ALINDE — Não, acho que pode ser...

VOZ (*Gravada, em off*) — Não pode ser propaganda, não. Propaganda tem que ter licença da Prefeitura e pagar imposto. Eu sou fiscal e sei. E ninguém pagou nem pediu coisa nenhuma.

O General, que se mantivera de lado, súbito assusta a todos com um grito:

GENERAL — A-ten-ção!...

Todos param.

GENERAL — Não quero alarmar o povo... Lembrem-se que estamos aqui para salvá-los!...

GAROTOS (*Juntos*) — Salvar?!..

FELIPE — De quê?

GENERAL — É claro. Claro que isto aí... é coisa de nossos inimigos!

LUÍS — Inimigos...? Que inimigos?

GENERAL (*Empolgando-se*) — É seu sinal, sua senha, sua declaração de guerra! É... a guerra!

Zum-zum ecoa:

VOZES — Guerra...? A guerra! A guerra?!..

Corneta soa toque de alarme. Os garotos, espantados, se entreolham:

ALINDE — E agora?

GENERAL (*Poses de ataque e defesa, cada vez mais empolgado*) — Vamos nos preparar para a guerra! Estaremos vigilantes, alerta! Sempre alerta! Não vão nos pegar desprevenidos!

As silhuetas vão sumindo rapidamente de cena, uma a uma.

LUÍS — Parece que ficou todo mundo com medo...

FELIPE — Medo de perder suas casas, seus carros, seus barcos, suas propriedades. Tudo que faz uma pessoa ser poderosa aqui.

Sáiram todos — inclusive o General.

ALINDE — Ah, que guerra, nada... Tá maluco. Não deve ser nada disso.

LUÍS — Também acho. É mania dele, ver guerra, inimigos, pra tudo que é lado!

FELIPE — Pra se fazer de importante. Não viu ele dizer que vai *salvar* a gente?

ALINDE — Ele...?! Eu, hein! Imagina!

FELIPE — Sabe que mais? Vamos procurar o Sábio! O Sábio tem que saber. Se ele é sábio é porque sabe!

ALINDE — Grande idéia! O Sábio com certeza vai saber!

LUÍS — Que sábio é esse que vocês estão falando?

ALINDE — Aquele, velhinho, de óculos, com uma barba enorme...

LUÍS — Ah!... Não sei por que, todo sábio tem que ter óculos e essa barbona branca...

FELIPE — Só assim que acreditam que ele é sábio mesmo...

Dão mais uma olhada para o É em fundo, que fica em foco, e saem. Breve pausa e entra pelo outro lado, o Sábio. (Não preciso dizer que é o General de antes — sei que é difícil acreditar em uma mudança tão radical, mas em teatro tudo é possível...) seguido dos garotos. Param todos, em silêncio, diante do É.

SÁBIO (*Olha por cima dos óculos*)— Hum... (*Olha por baixo dos óculos*) Hum, hum..

Curioso... (Afasta-se uns passos e olha de lado) Incrível!...

Mão na boca, testa franzida, pára, em silêncio, ar reflexivo. Garotos seguem, atentos, cada gesto seu.

LUÍS — Será que...

FELIPE — SSSSH!...

O Sábio dá uns passos, para, gesticula, sempre murmurando para si:

SÁBIO — Fantástico!... Um fenômeno!... Um fenômeno!...

De repente — susto dos garotos! — o Sábio vira de pernas pro ar (é, planta bananeira, mesmo): sua larga veste desce deixando ver uma incrível ceroula de grandes bolas vermelhas.

ALINDE — Ih! Nunca pensei que um sábio, um intelectual, um homem da ciência, pudesse virar assim, de cabeça pra baixo!

FELIPE — O pior é que viram. Viram mesmo...

Aí o Sábio desvira. Dá dois passos e pára, olhando, sem se mexer nem falar mais. Os garotos se interrogam, em mímica muda. Até que um ousa:

LUÍS — E aí, "Seu" Sábio, descobriu?

O Sábio parece despertar. Dá um longo suspiro:

SÁBIO— Ahn?... (*Desconsolado*) Não. Não sei.

Garotos boquiabertos.

SÁBIO — Não é a letra E. Está com acento: É. Logo, É... um signo. Um significante com significado.

LUÍS — Ih, lá vem palavra complicada. Você entendeu?

FELIPE — Não entendi nada.

SÁBIO (*Para si mesmo*) — A classificação não é difícil. É perfeitamente possível. Verbo ser. Claro. Um verbo de ligação. Portanto...

ALINDE — O problema com sábio é esse: a gente nunca entende nada que eles dizem!

SÁBIO (*Sempre para si mesmo*) — O problema é que... se É, tem que ser alguma coisa! Uma coisa definida, exata, certinha: é isto, ou é aquilo. Mas um É, assim... sem mais nada... Um mistério! Foge ao nosso controle. É um mistério, mesmo!

FELIPE — Então a coisa é séria. Se um sábio diz que não sabe, mesmo sabendo que um sábio tem que saber, a coisa é muito séria mesmo!

LUÍS — Ele disse que é um *mistério*!

O Sábio vai se afastando devagar. Só então os garotos percebem algumas silhuetas, dos que ali voltaram para ouvir o sábio. Delas surge novamente o zum-zum:

VOZES — Não mexam... Não falem... Não... Não... Não... (*Voz se sobrepõe*) Vamos fugir ! Fugir... Vamos pra nossas casas ... Vamos nos trancar dentro delas! Não mexem neste...nesta “coisa” aí ...não falem...não...não...

Saem todos — inclusive FELIPE e ALINDE.

LUÍS, sozinho, se aproxima novamente do É. Entorta a cabeça pra um lado, depois para o outro, tudo que vira o Sábio fazer. Quase vira de cabeça pra baixo também. (Eu disse quase...) olha, olha e olha até que... dá uma gargalhada:

LUÍS — Ora! Está todo mundo maluco!

E pula pra dentro do É. Clima da cena muda geral — algo de mágico parece surgir no ar (Luz? Música? O ideal seria ambos, Snr. Diretor...) Pausa. Música suave sublinha o “embalo” de Luís dentro do É, no qual ora se balança, feliz.

Súbito, barulhinho, e a ponta de uma asa aparece por trás de Luís. Ele se volta para ela:

LUÍS — Que foi? Prendeu a asa? Deixe que eu ajudo a soltar...

Estende a mão e ela vai surgindo o resto: um lindo galo de crista vermelha e penas brancas e azuis (Pelo amor de Deus, Snr. figurinista! Não me faça uma galinha azul da Maggi!...) que agora pára em frente a Luís, abre um pouco a asa branca, um pé adiante, outro atrás, em grande pose, apresentando-se a seguir com uma curvatura:

GALO — Livingstone!... Muito prazer!...

Neste instante entra um garoto a quem Luís se dirige, deixando Livingstone de lado — e muito ofendido!

LUÍS — Jonas! Vem cá! Olha!..

LIVINGSTONE — Nem prestou atenção em mim! Esses garotos... Saco!

Afasta-se, irritado, enquanto o 2º garoto sobe também na perna do É.

JONAS — Olha lá: dois olhos nos olhando!

Foco de luz mostra dois olhos, que parecem soltos no ar — embora possam ser o avesso de uma das silhuetas da cena anterior.

LUÍS — Cadê a cara? Estão procurando uma cara para entrar!

A cara chega — redonda, rechonchuda — e eles põem os olhos nela (sabe aqueles bonecos de neve, construídos passo a passo, Snr. diretor? Pois é...)

JONAS — Falta o nariz... Eu levo o nariz.

O nariz é posto.

LUÍS — E as orelhas... Senão, como é que ele vai escutar?

Livingstone, de seu lugar, observa tudo, ar muito crítico.

LIVINGSTONE — Hum... Não soube escolher. Com essas orelhas de abano ele ficou foi engraçado...

JONAS — Não faz mal. Mas assim vai poder escutar muito bem.

Livingstone se aproxima, passeando diante deles — o que é também ocasião para, encobrendo a nova figura, tornar possível a magia de fazê-la viver, mostrando pouco a pouco um corpo todo coberto com enorme capote xadrez e um cachecol enrolado no pescoço.

LIVINGSTONE — (*passeando em volta dele, crista erguida, examinando-o*) Hum, hum... hum, hum, hum... Pra que esta roupa? Veio de lugar frio? Ou está gripado?

LUÍS — Seu nome vai ser... Luquin!

Com o nome a figura começa a se mexer.

LUQUIN (*Cumprimentando, muito educado*) — Maiolai timorski?

GAROTOS (*Juntos*) — Bimbau terê!

LUQUIN — Alulaia!

LIVINGSTONE — Ai, meu tradutor? Que será que eles estão dizendo? Cadê meu tradutor? Deve estar vagabundeando por aí e eu, aqui, sem entender esses meninos e precisando dele! Saco! Ele vai ver quando chegar! Se bobear, será demitido!

Luquin faz um gesto convidando a subirem novamente no É.

JONAS — Vamos!

LIVINGSTONE (*Vendo que entraram de novo no É*) — Hein? Vamos? Ah, então eu também vou!

Entra no É e assim que dão impulso pro balanço solta um canto bem alto.

LUÍS — Por que você está cantando?

LIVINGSTONE (*Posudo*) — Porque eu sou um galo-anunciador! E estou anunciando que nós estamos de partida para... (*Desconcerta-se*) Pra onde é que nós vamos mesmo?

JONAS — Você vai ver!

Fachos de luz cruzando a cena, música e/ou ruídos dão conta da viagem iniciada. Súbito, ruído de freada brusca. Ainda no escuro:

LIVINGSTONE — Saco!... Não freiem assim de repente que eu caio!

Luz se acende.

LUÍS — Que foi que houve? Por que foi que nós paramos?

Voz mansinha próxima o detém:

— Ai!... Ai!...

Luz se abre mais, clara e brilhante, diante deles:

LUQUIN — É uma estrela caída.

LIVINGSTONE — Uma estrela...? Como é que eu não vi? Apagada, assim! Queimou sua luz? E que é que está fazendo aqui? Aqui não é lugar de estrela!

Estrela, em voz gravada (já que é só luz, ou aplique luminoso)

ESTRELA (*voz off*)— Eu sei que meu lugar não é aqui. E estou até nervosa por que já está ficando noite e eu devia estar lá em cima. É que sou uma das Três Marias...

LUÍS — Ah! Da constelação das Três Marias?

JONAS — Aquelas três que ficam assim, juntinhas?

ESTRELA — Isso! Vocês já me conheciam? Que bom!

LIVINGSTONE — Mais um motivo para não estar aqui, atrapalhando nossa viagem! Saco!

ESTRELA — O que acontece é que... que eu sempre achei maçã uma coisa linda...

LIVINGSTONE — Maçã...? Coisa mais sem graça!

JONAS — Pára, Livingstone!

ESTRELA — Eu tinha uma vontade enorme de comer uma maçã. Pois ontem, quando eu disse isso a uma macieira, ela espichou um galho e... me ofereceu uma!

LIVINGSTONE (*Debochativo*) — Hum!...

ESTRELA — Fiquei feliz! Mas pra pegar a maçã me debrucei tanto, tanto, que... despenquei lá de cima! E agora estou aqui, de ponta quebrada. Me perdi de minhas irmãs e não sei mais o que fazer.

LIVINGSTONE — E vai ver nem comeu a maçã!

ESTRELA (*Rindo*) — Ah, isso eu comi, sim! E estava uma delícia. Valeu!

LIVINGSTONE — Hum... Mas... e agora? Despencou da constelação e está aí, de ponta quebrada!

ESTRELA — Estou tentando colar de novo a ponta. Mas ainda não consegui...

JONAS — Vamos ver: como é que se pode colar uma ponta de estrela quebrada?

LUQUIN — É cada um lembrar o que fez quando teve um problema parecido. Lembrar a própria experiência.

LUÍS — Vamos engessar! Minha mãe engessou quando quebrou a perna!

LIVINGSTONE — E cadê o gesso? E o médico?... Hah!

ESTRELA — Ou costurar...? De lá de cima eu vejo as costureiras...

JONAS — Colar com farinha de trigo! Como eu faço com as pipas!

VOZES CRUZADAS — Emendar com arame!

Eu tenho tem um alfinete!

Alguém trouxe durex?

Livingstone passeia nervoso de um lado pro outro resmungando: Saco!....

Súbito vê um fio passando ...

LIVINGSTONE — Que...que fio compriiiiiido é esse?

Tão ocupados estavam na busca de idéias que nem viram que Luquin começara a desfiar um pedaço de seu enorme cachecol, passando por eles com aquele fio compriiiiiido em direção à estrela. Só quando viram o fio e foram acompanhá-lo com os olhos é que deram com Luquin, “amarrando” algo (meso sendo a estrela só uma luz, não importa)

LUQUIN — Pronto. Assim não cai mais, de jeito nenhum. Logo, logo a ponta se junta novamente ao resto do corpo. Não vai ficar nem cicatriz.

ESTRELA — Puxa, nem sei dizer como...

LIVINGSTONE — Ficou até vermelha, olha só! E nem vê que atrasou nossa viagem! Saco!

ESTRELA — Desculpe... Só que... ainda há um problema: como é que eu vou subir de novo pra junto de minhas irmãs?

LIVINGSTONE — Eu anuncio o dia! O Sol vem e você sobe por um de seus raios!

JONAS — Onde é que já se viu Sol de noite? E o pessoal do outro lado do mundo? Iam ficar esperando o Sol e ele não ia chegar?

LUÍS — Dava uma confusão daquelas!

JONAS — Olha, eu tenho aqui um estilingue. E boa pontaria. Você se escolhe bem, senta aqui no elástico e eu atiro você lá, bem no meio de suas irmãs.

LIVINGSTONE — Hum! Não vai dar certo, nunca!

Mas Jonas já está armando o estilingue e atira com força. A luz cruza a cena com um assovio e some.

LUÍS — Olha! As Três Marias estão de novo juntinhas, lá no alto!

JONAS — Amanhã nós olhamos pelo telescópio de papai pra ver se ela já está melhor.

LIVINGSTONE — Só que, nessa de ficar ouvindo estrelas, atrasamos nossa viagem. A bordo! Vamos!

Mas aí se ouvem vozes chamando:

— Luís!

— Jonas!

LUÍS — Ih! Estão nos chamando pra jantar!

Saem correndo.

LUQUIN — Ora, bolas!... No melhor da festa, se mandam e me deixam aqui! Assim eu vou sumir de novo!

Falou e disse: some de cena. (Caindo para trás da perna do É, por ex.)

Livingstone pára, irritadíssimo, a olhar as saídas de todos:

LIVINGSTONE — E pra mim, nem um Tchau!... Saco! (Anda de um lado para o outro, sempre resmungando) Saco!...

Súbito, ouve a voz:

VOZ — Calma, Livingstone...

“Fecha os olhos e esquece.

Escuta a água nos vidros,

tão calma. Não anuncia nada.

Entretanto, escorre nas mãos,

tão calma! vai inundando tudo...”*

Luz clara e mansa foi também inundando tudo. Livingstone pára, bem quieto e ouve. Mas logo retorna à postura anterior:

LIVINGSTONE — Ah! Eu sabia! Sabia que você ia vir atrás! Você não pode passar sem mim!

O recém-chegado surge agora em cena:

O POETA — Nem você sem mim. Senão, você anuncia uma coisa nova, linda, maravilhosa, que está surgindo e as pessoas nem...

LIVINGSTONE — Quê!?!... Quem disse?!... Você é que é um insignificante, um bobo, um...um sujeitinho que nem nome tem! Que *Poeta* não é nome! É função, profissão, missão, o que você quiser, mas *nome* não é! Nome, como o meu, Livingstone!, você não tem! Agora fica aí... querendo insinuar que...que não ligam pro *meu* canto! Quando eu lanço meu canto de galo-anunciador pára tudo! Tudo!

POETA — Devia parar, mesmo. Mas o que eu quis dizer é que... há muitos sons, muitos ruídos na cidade. As pessoas podem ouvir, mas não percebem o que há de *nov*o a cada dia, não...

LIVINGSTONE — Mas todos me ouvem, ouviu? *Todos!*

POETA — Bem, o que eu queria dizer é que nem sempre percebem a *importância* de seus anúncios e ...

LIVINGSTONE — A importância!... Ah! Ainda bem que reconhece!

POETA — É por isso que eu traduzo para a língua deles o que você anuncia, para ver se assim...

LIVINGSTONE — Ah! Reconhece também que é apenas *meu tradutor!* Por isso fica me seguindo, para ver as coisas novas que eu descubro! Mas não se faça de bobo comigo, não! Eu sou pequeno, mas quando me enfezo sou pior que marimbondo, dou ferroada pra todo lado!

POETA — Bicada!... Galo não tem ferrão pra dar ferroada, Livingstone.

LIVINGSTONE — Bicada, ferroada, tanto faz! Meu bico é igual a um ferrão e eu faço com ele o que eu quero! Saco! Mania de ficar discutindo as palavras!

POETA — Não estou "discutindo"...

* Carlos Drummond de Andrade não escreveu só para esta peça, mas, até parece que... Não acha, Snr. Diretor?

LIVINGSTONE (*Sem ouvir*)— Quando você fica por aí, de papo pro ar, inventando histórias e poesias para traduzir o que *eu* disse, eu não fico pegando na tua crista!

POETA — Minha "crista"? E eu agora tenho crista, Livingstone?

LIVINGSTONE (*No auge da indignação*) — Às vezes sua tradução nem é lá muito boa, mas eu... deixo passar! Devia ser mais agradecido! Só que não reconhece isso, não reconhece nada! Agora, qualquer coisa que eu digo, fica aí... Saco!!...

POETA — Calma, meu amigo. Olha, você tem aqui um anúncio muito importante a fazer: já viu o que está acontecendo aqui? Viu? Já anunciou para toda a cidade que este É muda a vida de todos, que...

LIVINGSTONE — Não vi, nem quero ver, nem vou anunciar nada! Você conseguiu me deixar de mau humor!

POETA — Novidade, você de mau humor...

LIVINGSTONE — Vou tirar férias! Se na volta ainda precisar de seus serviços, mando chamar!

Diz e some — se possível no ar, como os outros.

POETA — Sei que daqui a pouco você volta, aflito pra anunciar uma nova descoberta engasgada em sua garganta...

Aproxima-se do É:

POETA — Que bom te ver aqui... Há muito esperava te ver assim, exposto, aberto a todos...

Espicha-se na perna do É, tranquilo como se fosse também uma criança e de lá continua a olhar tudo me torno.

POETA — Já está escurecendo... E as pessoas continuam corre-correndo-para-lugar-nenhum-para-fazer-não-sei-quê...

Passa um transeunte, apressado, e o vê ali, olhar já perdido no infinito.

TRANSEUNTE — Descansando, Poeta?

POETA — Não, meu amigo, estou trabalhando.

O outro continua a caminhar no mesmo passo e adiante pára um instante:

TRANSEUNTE — Trabalhando...? Mas se você está aí parado, as mãos sem se mexer, como é que pode estar trabalhando? (*De lado*) Qual! Este Poeta é maluco mesmo! (*Afasta-se*)

POETA — E ele nem viu onde é que eu estou deitado... Se visse... A noite já está se enrolando em seu cobertor de névoa pra dormir... Vamos ver o que acontece amanhã...

Corte de luz. Reabre com lusco-fusco de madrugada. Um leiteiro surge, embrulhado em roupas.

LEITEIRO — Ai, que frio...! (*Detém-se súbito*) Ih! Aquele... aquela coisa... sumiu!

Atrás, de fato, apenas o muro. É quando ouve um canto de galo e...ele vê que o É está agora em outro ponto, bem mais destacado (se possível,no centro) da cena.

Dele sai a voz:

VOZ — Oi, João! Que frio, hein?

LEITEIRO — Ahn?... Oi, Poeta! Mas... aquela... aquele É... está agora aí, solto, no meio da praça!? Como é que ele foi parar aí?

POETA — Não vai achar que fui eu que arrastei. Sozinho, eu não tenho força pra isso...

LEITEIRO — Então como é que...

POETA — Você não acha que ele fica melhor aqui? Que aqui é o lugar dele?

LEITEIRO — É, até que... Não sei. Está bom, sim, ele aqui... não sei porquê...

Foi aí que ouviu e novo o canto do galo.

LEITEIRO — O galo? Onde está?...

POETA — O galo. E com ele, um novo dia. E novas coisas. Olha lá...

Indica um ponto distante, ao alto.

LEITEIRO — Que lindo! Mas... o que é aquilo? Parece um castiçal... uma vela... um jarro de flores... um... um casal de namorados...

POETA — ... flutuando no ar, dançando ao som de uma música que só eles ouvem...Gosta?

*Projetado em fundo, se acaso, o quadro “Namorados” de Marc Chagall.**

LEITEIRO — É uma coisa linda... linda.(Sem conseguir desgrudar os olhos, comovido)

Deixa a gente... encantado...

POETA — É o meu sonho, que desenhei no ar. E estou dando de presente pra cidade...

LEITEIRO — Vale a pena... Vale a pena trabalhar a noite toda pra dar uma coisa bonita de presente, assim, pra todo mundo...

Entram, por lados contrários, um dos garotos e Livingstone.

LUÍS — Olha lá o Livingstone!

LIVINGSTONE (*Aproximando-se do Poeta*) — Viu, viu? Notou logo que eu estava aqui! E você, nem... Foi só por isso que eu desisti de minhas férias e voltei: sabia que *eles* iam precisar de mim!

LUÍS — Viva! O É mudou de lugar! Com ele solto, aqui, nós vamos poder virá-lo em todas as direções, ir mais longe ainda... Vai ser um barato! (*Ao Poeta*) Você que trouxe ele pra cá?

* Conhece, não, Snr. Diretor...?

POETA — Não... É... um mistério, você não ouviu o Sábio dizer? E um mistério é algo mágico, as pessoas não podem controlar...

LEITEIRO — Mas quando virem a mudança... aí mesmo é que vão ficar doidinhos! Não quero nem ver... Tchau! que eu tenho que trabalhar...

Sai, rindo.

LUÍS — (*para o Poeta*) E você, também não é sábio? Não tem óculos, nem barba, mas parece...

LIVINGSTONE (*enciumado*) — Hum... esses garotos são uns... Ai, ai, ai, como é que se diz quando alguém fica elogiando o outro só pra agradar? Tradutor!

O Poeta, distraído com a conversa, nem escuta.

LIVINGSTONE — Tradutor!!... E ele nem me escuta! Saco!

LUÍS — ... eu estava procurando o Luquin, mas ele não está mais aqui. Uma pena.

POETA — Mas você pode chamar outros milhares de personagens pra brincar.

LUÍS — Você, vem brincar conosco?

POETA — Vou, claro.

LIVINGSTONE — AHN? Não me convida? Não me convida?

POETA (*Ouvindo*) — Você é sempre o convidado de honra, Livingstone. Não viu que, quando ele chegou aqui foi quem ele cumprimentou primeiro?

LIVINGSTONE — Então por que não falou? Por que não me chama, não me convida...? Essas crianças... Saco!

LUÍS — Vou chamar todo mundo! E dizer que o Poeta e Livingstone vão conosco! Iupee!!!
Vai saindo correndo e gritando... e quase atropela uma apressada figurinha que vem entrando — o Dr. Pastinha, que, como o nome faz ver, é um engravatado cidadão de terno escuro e pasta.

DR. PASTINHA — Nossa!... Que...? Estão comemorando alguma coisa? O que é?

Mas aí... dá de cara com o É solto, em seu novo lugar. Clima volta ao da 1ª cena.

DR. PASTINHA — HEIN!?!... O que ... qu' é isso?! Como foi que... E o Poeta, aqui... (*Para Luís*) Vou avisar seus pais!

LUÍS (*Pára, sem entender*) — Avisar meus pais? Por quê?

POETA — Não viu o susto dele, de ver o É, assim, fora do muro? E você aqui perto ?

Começa a entrar gente (as silhuetas da 1ª cena, em disposição semelhante). Vozes gravadas crescem em fundo.

— Vai ver agora sabem!

— As crianças descobriram!

— Descobriram o que é?

— É... o quê?!

Dr. PASTINHA (*A Luís, que parece se divertir com as caras*) — Vem cá, menino, diz pra gente. É... o quê? (*Aponta*)

LUÍS — Não está vendo... É... uma minhoca gigante que passou por aqui. Como ela tem pernas demais e não está precisando de todas, deixou estas aqui, descansando. Pra viagem de volta, que ela mora longe, longe...

DR. PASTINHA — Sr. Poeta, o snr. é adulto. Eu... eu exijo uma explicação!

POETA — Simples... Não está vendo? É uma ponte. Uma ponte que pode ir ateeeeé... o planeta Marte. Na entrada da ponte está nosso galo-anunciador, Livingstone, que só deixa passar quem sabe a senha.

DR. PASTINHA — Galo...? Livingstone...?

POETA — É, ali, não está vendo? Vem cá que eu o apresento a ele...

Dr. PASTINHA (*desconfiado, olhando-o de esguelha, volta-se para os outros*) — Ora, estão brincando... É isso... estão só brincando.

Vozes sobem de novo em fundo:

— Não! A “coisa” se soltou!

— Anda sozinha!

— É um mistério!

— O Sábio disse...!

— É um perigo!

— Nunca se sabe...!

Dr. PASTINHA— Vem cá, Luís. Você é um bom menino. Fala a verdade: vocês descobriram? É... o quê?

LUÍS — É o que você quiser, ora!

O Poeta, de lado, sorri.

Dr. PASTINHA — Hein?... O que eu quiser?... Não tem sentido esta resposta!

LUÍS — É o É dos desejos: é só você falar e ele se transforma no que você quiser!

POETA (*Se aproxima*) — Pode ser tudo. Ser todos os possíveis.

Dr. PASTINHA — (*Aturdido*) Ser tudo...? Ser todos os possíveis! Mas... isto é um perigo! Como é que se vai *controlar* isso?

POETA — Controlar...? E é preciso, sempre, “controlar”?

DR. PASTINHA — Sabe que mais? Melhor não ligar pra isso. Já tenho muita coisa com que me preocupar! Se não tem explicação... deixa pra lá. Finjo que não vi. Que não é nada.

LUÍS (*pro Poeta*) — Eles fazem sempre isso.

POETA — Como “não é nada”? O É está aí, pra quem quiser ver!

DR. PASTINHA (*para Luís*) — Você não devia mexer nisso. Pode ser perigoso! Não sabemos o que é!

LUÍS — Que perigoso o quê! Isso é... nossa nave-cometa espacial! Tentaram amarrar nossa nave no muro, mas nós conseguimos soltar!

DR. PASTINHA — Ah! Então foram vocês que soltaram? E como conseguiram?

LUÍS — Soltando, ora! E agora vamos viajar nela! Temos uma missão a cumprir no espaço!

POETA (*Brincalhão*) — Não é linda, a nave? Olha, aqui é a cabine de pilotagem, ali são as turbinas, o comando está neste painel... e a entrada é por esta porta...

Dr. Pastinha, que, evidentemente, não vê nada daquilo, o olha, como se pensasse: “Louco de pedra!”.

LIVINGSTONE (À “porta” da nave) — Esses caras... saco! Vou acabar batendo a porta no nariz dele!

LUÍS — Ola, é bom o senhor sair daqui, porque estamos de partida e o senhor está no campo de força em volta da nave!

LIVINGSTONE — Não temos mais tempo a perder! Vamos!

Correm todos para o É.

DR. PASTINHA — Mas, cuidado !(*saindo*) Sei não... Essa “coisa” ainda vai trazer alguma surpresa pra nós!

Corte de luz.

Reabre foco apenas sobre garoto sentado a um canto: é Piá, os olhos fechados, em silêncio. Depois de uma pausa, luz suave começa a crescer em torno e surge uma menina. Veste cinza claro, voz mansa. Aproxima-se dele, devagar:

MENINA — Cansado, Piá?

PIÁ — Eu... não. Quer dizer, estou, um pouco.

MENINA — Vontade de ficar sozinho, não é?... Não quer saber de brincar... nem de ir pra casa... Às vezes tem o impulso de gritar, gritar... mas não consegue dizer nada...

PIÁ (*Entrando na dela*) — Vontade de sair chutando tudo... ou socando tudo... Ou de ficar sozinho, sem ver ninguém, sem fazer nada...

MENINA — Eu sei.

PIÁ — Mas, espera aí... como é que você sabe? Você, quem é? E o que é que está fazendo aqui?

MENINA — Você nem viu, mas fui eu que trouxe você até aqui.

PIÁ — Você...? Que me trouxe...?

MENINA — É. Eu sou... a Tristeza.

PIÁ se ergue para vê-la melhor.

PIÁ — A Tristeza...! Nunca pensei que a Tristeza fosse assim, de olhos claros e com essa voz mansa que parece... parece uma flautinha de índios que eu ouvi uma vez. E por que é que você é triste?

TRISTEZA (*Lenta*) — Não sei... Acho que é porque as pessoas não gostam de mim. Quando eu apareço, fecham logo a cara e começam a fazer tudo para me mandar embora. Ou me calar. (*Pausa em silêncio*)

PIÁ (*Pensa*) — Eu não vou fazer isso. Não vou mandar você calar a boca. Nem sair daqui.

TRISTEZA (*Anima-se a falar*) — Quando eu apareço, tem gente que me pega e me tranca num lugar escuro. Ou me cobre com um pano, que é pra ninguém me ver. A maioria finge que não me vê, finge que eu nem estou ali. Como se eu não existisse...

PIÁ — Eu também estou me sentindo assim... Sozinho, rejeitado, sem ninguém. E sei que dói, mesmo.

Pausa. Vendo que ele se cala, pensativo, a Tristeza recua um pouco, indecisa.

Mas ele lhe estende a mão:

PIÁ — Eu fico com você, Tristeza.

Saem caminhando juntos.

TRISTEZA (*pegando seu pulso*) — Olha! Você nem viu que os ponteiros de seu relógio saíram correndo um atrás do outro, brincando de pegar...

É aí que se ouve, ao longe, um canto de galo e logo em seguida...

POETA (*Surgindo*) — Piá! Por que você está aqui, tão longe e sozinho, assim?

PIÁ — Sei lá, eu... me deu vontade...

O Poeta se aproxima da Tristeza e passa-lhe a mão nos ombros, como se abraçasse uma velha amiga.

POETA — E você, minha amiga, sabe por que ele está assim?

TRISTEZA — Sei. E vou mostrar pra vocês. Que ele precisa de amigos...

Estende a mão para o alto:

TRISTEZA — É só pegar um dos raios do Sol e...

Entra no É, que ressurgiu ao fundo, envolto em luz brilhante:

TRISTEZA (*Sumindo dentro dele*) — ... e iluminar aqui, bem dentro, pra vocês verem.

Do É sai agora uma fumaça branca (o velho truque do gelo seco...) que sobe e se espalha em torno. Clima de sonho/ fantasia/ imaginação. Quando se dissipa um

pouco, dentro dele se percebe uma figura (Se a produção tiver grana e condições esta cena se realiza em projeção animada, assim: um homem, caminhando, tocando violão e cantando. Súbito, ergue seu violão e este vira um barco que cresce, cresce, e dele saem grandes velas bancas. O homem entra no barco que levanta vôo, sumindo. Do outro lado surgiu um pequeno pássaro que voa até o barco, agarra com o bico uma corda da popa e fica tentando puxá-lo de volta, sem conseguir, até que, sem forças, desiste, pára e fica vendo o barco sumir no horizonte). Se nada disso puder acontecer, algo mais prosaico apenas: homem de sobretudo, chapéu e grande mala de viagem na mão.

PIÁ (Grito da cá) — Pai!...

Piá e ele se olham por longo instante, em silêncio. De repente, Piá corre para ele e abraçam-se longa e comovidamente, sem nada dizer. O Pai põe súbito o chapéu e sai apressado.

PIÁ — (vendo-o afastar-se) — Pai...

Piá deixa-se cair sentado, a cabeça nos joelhos e começa a chorar. Alinde e Luís são agora visíveis, junto ao Poeta, assistindo. Entreolham-se, aflitos, sem saber o que fazer ou dizer. O Poeta se aproxima de Piá, devagar:

POETA — Seus pais se separaram, não é verdade?

Piá faz que sim com a cabeça, sem conseguir falar. Os garotos esboçam gestos, indecisos. Até que Alinde vai também até ele:

ALINDE — Olha, Piá, eu sei o que você está sentindo. Aconteceu comigo também. No começo é muito ruim mesmo. Demorou um pouco até eu entender que meu pai não morava mais na mesma casa, mas que eu não tinha perdido meu pai. Só vi quando eu falei.

PIÁ (Ergue a cabeça) — Quando falou...? Falou o quê?

ALINDE — Eu... eu estava com aquilo engasgado na garganta, que nem você. Aí, um dia eu cheguei pra meu pai e disse: "Olha, pai, eu não gosto de ficar longe de você. Ou de só ver você em dia marcado, como se fosse obrigação. É... é como se eu não fosse mais sua filha. E eu fico... fico muito chateada com isso. Se você não vai morar conosco, então... eu quero telefonar, e poder passar no seu escritório, e ver você, falar com você quando me der vontade. Até almoçarmos juntos, só nós dois, tá?"

PIÁ — E ele topou?

ALINDE — No ato! E inda ficou muito contente. A gente se vê sempre. E eu sempre digo a ele tudo que estou sentindo e pensando. É muito legal!

PIÁ — Meu pai... Eu também posso passar na loja dele... É pertinho da escola. Passo lá e... vejo me pai quando quiser!

POETA — Claro. Por que não?

PIÁ — Puxa, muito obrigado, eu... Ué, cadê ela?

POETA — A Tristeza...? Foi se desmanchando, se desmanchando... até virar esta Alegria!

Puxa da manga ou bolso uma flor vermelha que entrega a Piá.

PIÁ — Uma Alegria... Mas a Alegria é assim, essa florzinha vermelha, tão simples, solta, balançando com o vento?

POETA — Pode ser. Pegue esta Alegria-em-flor, coloque em seu peito e vai ver que se sentirá muito melhor...

PIÁ — Já estou até imaginando: amanhã mesmo procuro meu pai, conto pra ele que tive muito medo, que estou com muita saudade, e quero me encontrar com ele sempre, sempre.

GAROTOS (*Juntos*) — VIVAAAAA!

No mesmo instante soa, em fundo, o canto anunciador de Livingstone (invisível, claro, já que seu ator está encarnado em outro personagem...)

ALINDE — O que será que ele está anunciando?

POETA — Ele também não sabe direito. Mas viu que algo de novo está acontecendo aqui...

Corte de luz.

Reabre sobre o É, agora bem ao centro.

DR. PASTINHA (*Passa apressado; ligeira parada; olha o É*) — Coisa estranha... Agora criou raiz. Está com raízes cada vez mais fundas... Mas, por que, se ninguém nem liga mais pra ele, aqui...? Ah deixa pra lá!

Sai, apressado, como sempre.

LUÍS (*Surge de dentro do É*) — Quem disse que ninguém não liga...? A gente vem sempre aqui, pra brincar nele!

POETA (*De outro ponto*) — É nele que eu me deito para trabalhar...

PIÁ (*Também de dentro*) — E eu, quando estou muito triste, ou muito alegre, também me meto aqui, dentro do É!

GAROTOS (*Ao Poeta*) — Nós é que sabemos aproveitar e curtir esse É, não acha, Poeta?

Canto-anunciador de LIVINGSTONE.

GAROTOS — Escutem! É o Livingstone, anunciando algo... O que será?

Saem correndo pra ver. O Poeta se dirige à platéia:

POETA — Se vocês quiserem, venham conosco ver ou saber o que é, já que agora sabem que o que Livingstone anuncia são as coisas novas que estão nascendo a cada dia, todos os dias — e que esses adultos bobos, por aí, nem vêm...

Diz e sai — ou melhor entra por dentro do É... sobre o qual desce a luz em resistência.

O-QUE-SE-MOSTRA
E
O-QUE-SE-ESCONDE

Literatura jovem

Publicado pela Cia. Editora Nacional /SP, na Coleção Passe Livre - 1986

**Adaptação para teatro feita por grupo de Pesquisa Teatral da Universidade de
Campinas/ SP, em 1992.**

Recado ao leitor

(Posfácio do livro publicado, que vale também para a peça)

Sabe como esse livro nasceu?

Uma coisa que me dava muita raiva é quando as pessoas se viravam pra mim e diziam: “Isto é assim” ou “*tem que ser assim*”. Eu ficava pensando: *tem que ser* por quê? E se eu quiser algo diferente? E se quiser mudar, ou ver mudarem, as coisas? Será que não é assim que tudo começa: quando se sente que “o caminho que é o caminho não é o caminho” (Lao-Tse) e se começa a querer algo diferente, a sonhar, a imaginar o que poderia acontecer, ou a ver como as coisas poderiam ser...

Aí aquelas pessoas, que chamavam a si mesmas de “adultos” (como são bobos às vezes, Deus meu!), ao ouvir isso tomavam um ar engravatado e solene e diziam que sonho, fantasia, imaginação, utopia, tudo isso era “bobagem”, que o importante era a “realidade”...

Hoje, eu rio deles... Porque aprendi que o sonho, a fantasia, a utopia fazem parte – e parte muito importante – da tal “realidade”. E descobri isso exatamente quando aprendi o jogo dos contrários e comecei a jogar com tudo que via e ouvia.

Daí que, apesar de todas aquelas aventuras, alegrias e tristezas e trapalhadas de todo tipo em que me meti, acho que valeu, e muito, aquela aprendizagem. E por isso alguma coisa dentro de mim não sossegaria enquanto não contasse tudo a você e mostrasse como é o jogo, não só para divertir você, como para dividir com você minhas descobertas.

Será que consegui? Depois você me conta.

Pai, mãe e filha. Ele, um olho no jornal, outro na TV. Mãe, zanzado, na arrumação.

MENINA (*de seu lugar*) — Mãe, por que é que a gente sonha?

Ela não responde.

MENINA — Mãe, sabe, eu estou sempre cheia de porquês. Minha cabeça parece um novelo cheio de porquês enrolados, que quando eu desenrolo um aparece logo outro embaixo. Mas esse tá desenrolando tanto e tanto que acho que o novelo vai virar novela e...
Mãe!

MÃE (*sem se deter, distraída*) — Hum...?

MENINA — Todo mundo sonha, hein? Ontem, eu contei para a tia que quando eu durmo parece que estou viajando, vejo uma porção de gente diferente, umas coisas e lugares que eu nem sei. A tia disse que é porque eu fico sonhando. Mas de onde é que o sonho vem? Às vezes eu não estou nem dormindo mesmo, estou só naquele quaaaase apagando e começo a escutar vozes e ver coisas que de olho aberto não... MÃE!! Me escuta!

MÃE — Não amola, menina! Não vê que estou ocupada? Vai perguntar a seu pai.

MENINA — Ocupada!... Por que é que mãe nunca tem tempo de conversar com o filho?
Meu pai também está ali com a cara metida o jornal e o olho na TV. Não vai nem ter olho pra mim.

Apesar disso vai tentar, aproximando-se dele:

MENINA — PAI!!

PAI — Hum? Que foi?

MENINA — O sonho é o que?

PAI — Hein?!

MENINA — O que que é o sonho? Como é que a gente sonha?

PAI — Bem, o sonho... É difícil de explicar de modo que você entenda. O sonho é uma coisa que... que vem de muito fundo, de um lugar dentro de nós, chamado *inconsciente*.

MENINA — E como é que a gente vai lá?

PAI — Bom, ir lá... só dormindo. O sonho vem quando a gente dorme. Que aí o inconsciente...

MENINA — Mas pai, às vezes eu não estou dormindo e sonho!

MÃE — É que tem gente que também sonha acordado. Seu pai é um, vive no mundo da Lua!

MENINA (*Para si*) — Pronto! Agora vem de lá dar palpite. E aí vão começar a discutir e eu...

PAI — *Eu*, vivo no mundo da Lua? Sei!

MÃE — Como é que não? Você vive num mundo de fantasias!

MENINA — Mundo de fantasias, pai? Que nem no Carnaval?

PAI — Não, filha. Fantasia é uma forma de sonho.

MENINA — Então no Carnaval está todo mundo sonhando?

PAI — Não! Quer dizer, talvez até esteja. Fantasiar é... sonhar acordado.

MENINA — Mas você não disse que a gente só sonha quando dorme?

PAI — Bem... fantasia é... é uma espécie de sonho. Você solta a imaginação, dá asas a seus pensamentos e...

MÃE — E esquece a realidade! Que nem seu pai! Não vê que quando eu falo nas contas que temos que pagar, nas coisas da casa para consertar, fico falando, falando... Falando sozinha, que o olho dele está longe, longe...

PAI — Eu trabalho o dia inteiro, em casa tenho que descansar, desligar a cabeça!

MÃE — Desligar a cabeça? Mas você já é desligado por natureza! Aliás, acho que sua filha tem a quem sair!

PAI — Não é a mim!

MÃE — Não? Pois todo mundo acha que ela é igualzinha a você!

PAI — Antes fosse! Melhor que ser como você, que só se preocupa com bobagens, em vez de...

MENINA (*Para si*) — Pronto! Começaram... Por que será que eles discutem tanto? Porque complicam tudo? Sonhar não é tão complicado assim... O pai disse que o sonho vem de dentro de nós. Mas... aqueles lugares, aquela gente toda, como é que vão parar dentro de mim? Tem gente e coisas que eu vi, que eu escutei e de que me lembro. Que também está dentro de mim, na minha cabeça. Mas aí é coisa que existe mesmo. Mas o sonho, ou a fantasia, não é coisa lembrada. Ou é? Não, acho que é diferente. É *o que*, então? Não sei. Só sei que é fácil, fácil... Não tem que fazer nada... Eu paro, fecho os olhos, assim, e vou mergulhando, mergulhando, mergulhando, devagar... Vai parando tudo em volta, ficando tudo quieto... E de repente, começa a acontecer...

VOZ (*Off*) — E qual é a diferença?

Ela, respondendo quase sem sentir.

MENINA — Aí é que está. Qual é a diferença?

VOZ — Pode ser uma só. Podem ser muitas. Ou pode também não ser nenhuma.

No alto, em um trapézio, surge um sujeito engraçado tipo um Carlitos, de Charlie Chaplin. Pupila do olho pra-lá-pra-cá, olhando muito, olhando tudo, ele todo não

pára: mesmo quando o corpo fica quieto, ele parece, estar se mexendo por dentro.

MENINA — Hei! Você já estava aí? Não tinha visto você.

ELE — Cheguei agora. Ou talvez já estivesse aqui há muito tempo e você que não me via.

MENINA — Mas... você não veio por lá, nem por cá... De repente, apareceu!

ELE — E daí?

MENINA — Daí que... você existe, e verdade?

ELE — Se não existo, como é que você está aqui, conversando comigo?

MENINA — E de onde é que você veio? Como é que chegou até aqui?

ELE — Saltando.

MENINA — Saltando?!

ELE — É. Procurando. E saltando. Procurando espaço e saltando, cada vez mais longe. Não vê que eu estou no trapézio?

MENINA — Ah!... E foi ele que trouxe você até aqui?

ELE — Ele, não: o movimento que ele dá.

MENINA — O movimento... Eu também gosto do movimento. Só que, quando vai muito alto, eu tenho medo.

ELE — Medo de que?

MENINA — De cair.

ELE — É uma questão de hábito. Ou de treino. Depois de algum tempo fica fácil. Tão natural que não se consegue mais parar, nem andar de outro jeito. A gente começa aprendendo com o corpo: a deixar o corpo bem solto... a não ter medo do impulso...a gostar do movimento... a deixar-se embalar... balançar... dançar...

Enquanto fala, seu corpo vai também pegando embalo, balançando, dançando.

ELE — E assim vai indo, cada vez mais alto... mais alto ...e mais, até que o movimento leva bem longe e aí... *um salto!*

MENINA — Cuidado!

ELE — Pronto. Aqui estou. A seu lado. Assim pode ver que existo mesmo.

MENINA — Você podia ter caído!

ELE — Mas também posso *não* cair. Então por que não saltar?

MENINA — Bom, isto é, mas...

ELE — Mas...? Os astros todos se movem no espaço. Tudo que está vivo se move: a terra, o mar, o fogo, o ar... Então por que parar? Por que não seguir este impulso e movimento?

MENINA — O impulso e o movimento... Mas pra onde você está indo? Não sei seu nome, nem de onde veio, nem para onde vai...

ELE — Você faz questão de um nome?

MENINA — Claro. Eu sou Tutzi.

ELE — Tutzi? Pois bem, então, hoje, aqui... pode me chamar de Tivo.

TUTZI — Hoje, aqui?

TIVO — Para quem se movimenta e salta, o nome não é tudo. Que no salto a gente não muda só de lugar. Muda de rosto, de nome. Às vezes muda tanto, que os nomes não dizem mais nada.

TUTZI — Você é engraçado... Você faz o que?

TIVO — Sou construtor.

TUTZI — De casas?

TIVO — Também. Mas gosto mais de inventar pontes.

TUTZI — Pontes? Para ligar lugares e pessoas?

TIVO — Para ligar. Aproximar. Unir. Que tudo tem ligação. Ou pode ter. É só questão de saber ver. Ou, quando não existe, de inventar.

TUTZI — Inventar... Eu gosto! Eu gosto muito de inventar coisas, de descobrir, de...

TIVO — Eu também. Foi por isso que me apaixonei por ela.

TUTZI — Se apaixonou por ela? Por ela, quem?

TIVO — Por ela...

Olha para o lado, como se fosse mostrar alguém e, vendo que não há ninguém ali, seus olhos se arregalam de susto:

TIVO — Epa! Mas onde é que ela está?

TUTZI — De quem você está falando?

Ele parece agora muito aflito e preocupado.

TIVO — Deve estar escondida em algum canto!

TUTZI — Quem é *ela*?

TIVO — Quem... Como é que vou dizer quem *ela* é? Só conhecendo você pode saber.

TUTZI — Ela veio com você?

TIVO — Ou eu que vim com ela. Você não perguntou por que vim parar aqui? Eu vim por causa dela.

TUTZI — Por causa dela? Não entendo!

Mesmo falando, não tinha parado de procurar e de olhar por toda parte.

TIVO — É. Não está mesmo. Eu tenho que ir ver aonde foi!

TUTZI — Espera! Me diz...

TIVO — Depois! Tchau!

TUTZI — Um instante só!

TIVO — Eu volto! Até mais!

TUTZI — Por que é que você não fica? Espera! Você não pode ir embora assim, sem mais nem menos... Espera!

Ele sai. Ela vai correndo atrás, mas estaca, súbito, com algo que vê: clima da cena muda, para jogo de luzes e sons com algo mágico, e surge uma mulher pequenininha, se mexendo, rodando, rodopiando que nem louca. Tutzi parece não acreditar no que vê, mas não consegue parar de olhar aquela mulher dançando, dançando, solta no espaço, e fica a olhá-la, por instantes parada, fascinada, a respiração presa para não fazer o menor barulho. Súbito a mulher entra em um cone de sombra, e ao sair, seus cabelos são agora longos e louros. Dança mais lenta.

TUTZI — Quem...? Outra?... Não, o rosto... o rosto e a dança... são iguais!

Tudo em volta muda também: o som é agora é um flauteado, fino e distante...

Súbito, cena muda para um amarelo vivo e o som se torna estranho, forte e batido. A mulher some por segundos e reaparece, cabelos pretos, curtos, e crespos, mas ainda e sempre dançando. Nova troca e...

MITZI — Mudou... Não! É ela mesma... Parece ter mil formas, mil rostos diferentes... Ora é quase uma menina... ora parece mulher feita, sedutora e sensual...

Luz desce em resistência sobre o dançar da mulher e o espanto de Mitzi, a olhar.

Breve corte de Luz. Reabre com Tutzi contando algo a Tivo.

TIVO — Desculpe, Tutzi, eu não devia ter saído assim sem uma explicação. Mas agora que a viu, pode entender...

TUTZI — Era essa que estava com você e sumiu, fazendo você sair correndo atrás? Mas se ela muda tanto, como sabe que é ela?

TIVO — Não sei como, mas sei. Acho que é porque, quando ela aparece, tudo em volta muda também. É assim que sei quando ela chega: ou é uma luz suave e um som manso, como se estivéssemos soltos no ar, ou um tum-tum-tum surdo, estranho e forte, que parece vir do fundo da terra...

TUTZI — Isso mesmo!...

TIVO — ... ou um amarelo que cresce, cresce, incendiando tudo em volta com seu fogo...

TUTZI — É assim que ela vem, sempre?

TIVO — Sempre: algo de água, ou de terra, ou de fogo, ou de ar, e um som e movimento...

TUTZI — Aquele dançar... dançar...

TIVO — Desde que a vi me apaixonei por ela. Foi com ela que aprendi a dança, o movimento, o salto. Por causa dela me tornei um inventor de pontes...

TUTZI — Mas... de onde é que ela vem? Como é que você faz para falar com ela? É só você que a vê, ela não aparece para mais ninguém?

TIVO — Não! Quando as pessoas se juntam, como em um jogo, ou festa, ou brincadeira, e, ficam alegres, soltos, e começam a cantar e a dançar, ela aparece também no meio deles. Vem invisível, sem ninguém notar. E as pessoas começam a dizer coisas que não dizem todo dia, a contar uma a outra seus desejos, a soltar seu impulso de deixar o corpo dançar, dançar... E eu vejo que quem que traz essa alegria dançarina e espalha no meio de todos... *é ela!*

TUTZI — Mas você está triste. O que é que está acontecendo? Que está acontecendo alguma coisa, dá pra sentir, pra ver, neste seu olho, assim... Diz!

TIVO — É que... Não estou conseguindo encontrá-la. E estou com medo que lhe aconteça aqui algo de ruim.

TUTZI — Pois então, vamos! Temos que descobrir onde ela está!

TIVO — Vamos...?

TUTZI — Por que não? Quero ir com você! Não vai dizer: “Você é ainda uma menina!” — que nem os mais velhos têm mania de dizer!

TIVO — Não. Mas para encontrá-la, Tutzi, às vezes é preciso ir bem alto, a um lugar de onde se possa ver toda a paisagem. Ou muito fundo, como um mergulhador no mar. E estar muito atento, que às vezes ela passa invisível no ar...

TUTZI — Mas eu vou reconhecer se ela passar por mim! Sei que vou!

TIVO — Não basta querer, Tutzi. Vontade eu sei que você tem. E a vontade é importante. Mas é preciso saber também.

TUTZI — Saber o que?

TIVO — Saber ainda algumas coisas mais.

TUTZI — Eu aprendo!

TIVO — Não é tão fácil, não.

TUTZI — O que é que eu tenho que saber?

TIVO — Saber jogar o jogo do contrário.

TUTZI — Jogo do contrário...?! Eu sei jogar uma porção de jogos. Mas desse nunca ouvi falar. Como é?

TIVO — Quer mesmo saber?

Pausa. Ela o encara:

TUTZI — Quero!

TIVO — Mas aviso desde já: depois que você aprender a jogar este jogo, você não será mais a mesma. Vai mudar.

TUTZI — Mudar, como?

TIVO — Vai ver as coisas de maneira diferente. Para você, nada mais será igual ao que era antes.

TUTZI — Puxa, você está me deixando cada vez mais curiosa!

TIVO — Então, vem cá.

Sentam-se em outro ponto.

TUTZI — Qual é a regra do jogo?

TIVO — A regra... é não haver regras.

TUTZI — Mas então...

TIVO — Calma. Comece... olhando em volta de você. Olhando com carinho. Olhando com vontade de ver, de ouvir, de perceber tudo. Olhando as coisas e as pessoas, devagar, sentindo, reparando em cada coisinha de tudo que você vê e ouve...

TUTZI — Hum... Estou olhando. E daí? Não vejo nada de extraordinário.

TIVO — Daí que, de repente, uma coisa com que você já estava habituada, vai parecer estranha, diferente. Uma pessoa que você sempre viu de um jeito, vai ser vista de outro modo, diferente também. Você já *ouviu* uma palavra dessas que você diz todos os dias? *Bolo*, por exemplo. É um som esquisito, não acha? Bolo... bolo...

TUTZI — Bolo, bolo, bolo... (*Desata a rir*) Bolo... É um som esquisito mesmo.

TIVO — Já parou pra ver o que as pessoas querem, o que procuram?

TUTZI — O que as pessoas procuram? Ah, eu acho que não procuram nada. Que estão sempre fazendo as mesmas coisas, dizendo as mesmas coisas, repetindo tudo igual: uma mesmice que é uma chatura!

TIVO — No meio dessa mesmice existe algo mais. Não acredite só nas aparências: às vezes o que parece, pode não ser, e o que não parece é que pode ser. Que o hoje também já é amanhã. E quando eu estou dizendo *não* também estou dizendo *sim*.

Pausa. Ela o olha; ele tem um jeito meio gozador, um riso disfarçado no rosto.

TUTZI — Olha, eu... eu não entendi nada do que você disse. Pode explicar outra vez?

TIVO — Vamos ver um exemplo? Esta carta de baralho...

Levanta o braço e agarra qualquer coisa no ar. E o olho dela se regala de espanto vendo brotar em sua mão uma carta, como se fosse mágica.

TIVO — Está vendo? Estou mostrando a você esta carta, não?

TUTZI — Claro. E eu estou vendo: rei de copas. É ou não é?

TIVO — É. E atrás?

TUTZI — Atrás... Atrás, assim, não dá pra ver.

TIVO — Mostrando a carta, o lado claro de sua figura, eu escondi suas costas, seu outro lado, o lado escuro.

TUTZI — Lógico!

TIVO — Muitas vezes o que se mostra também esconde; o que revela, também encobre.

TUTZI — Mas no jogo é o contrário: a gente mostra as costas e não deixa ver a carta.

TIVO — Mas sempre mostra e esconde, ao mesmo tempo. Que em tudo há sempre mais de um lado. Há sempre lados diferentes. Ou contrários.

TUTZI — Ah! Estou entendendo: tenho que conseguir ver o que o-que-se-mostra e também o-que-se-esconde?

TIVO — Começa por aí. Que tudo fala. Todas as coisas falam. Se eu estou vestido de branco ou de preto, que diferença faz? Se uma cadeira tem encosto e um banco não tem, que diferença faz?

TUTZI — As diferenças... Eu vejo as diferenças. Mas pra que é que serve ver essas diferenças?

TIVO — Pra ver quando um gato está escondido... mas tem o rabo de fora. O jogo do contrário não se aprende de uma vez. Aprende-se é na prática, experimentando com cada coisa que se vê. Mas, se você conseguir perceber as diferenças... já pode vir comigo. Quer mesmo vir?

TUTZI — Claro que quero!

TIVO — Sabe que pode estar se metendo numa aventura?

TUTZI — Não importa. Quero ir assim mesmo!

TIVO — Então vou pedir ao Tempo que nos empreste seus patins, que assim podemos andar mais rápido. E no caminho iremos jogando o jogo com as coisas que formos encontrando. Volto já.

Corte de luz rápido. Reabre com os dois patinando com os patins do Tempo e ele perguntando uma porção de coisas.

TIVO — Por que o rio é diferente de quando eu rio?

TIVO — Se eu digo *brisa, vento e ventania*, é tudo a mesma coisa: o ar em movimento. Ou não é?

TIVO — Quando é que o frio pode ser quente? Ou quando é que o escuro pode ser claro?

TUTZI — Ah, essa... Não consigo, mesmo!

TIVO (*Mostrando*) — Se você põe uma coisa cinza dentro de outra branca, ela será escura; mas se puser uma coisa cinza dentro de outra preta, você não vai achar que ela é clara?

TUTZI (*Olhando, encantada*) — Olha! É mesmo! Incrível!

TIVO — Vamos parar aqui por um instante. Você vai ter que passar por uma prova.

TUTZI — Uma prova...?

TIVO — Sim. Com esses patins do Tempo você se movimentou e andou mais rápido do que se andasse com seus próprios pés. Agora tenho que ver se já está preparada.

TUTZI — Se estou preparada? Para que?

TIVO — Para um salto maior. Que nossa busca vai exigir muito de nós. Espere aqui. Com olhos e ouvidos bem atentos. Depois vai me contar o que foi que você viu, o que ouviu, o que sentiu. Tudo que se passou.

TUTZI — Mas... o que é que vai acontecer?

TIVO — Espere. Você vai ver. Sobe aqui no trapézio comigo.

Ele vai se afastando sem que ela, em expectativa, o perceba, pois sua atenção é atraída para um som fino, distante, que vai crescendo pouco a pouco, devagar; aquela cantiga de roda: “Pai Francisco entrou na roda, tocando seu violão... tararão, dandão... tararão, dandão....

E aparece um casal vestido de modo esquisito, que mostra uma certa preocupação em exibir elegância. De repente, vêem Tutzi e se encaminham, quase correndo, para ela, exclamando:

ELE — Ah! Ela está aqui!

ELA — Você some sem dar explicação!

TUTZI (*Recua, espantada*) — Quem, eu? Estão me procurando?

ELA — Claro! Temos que ver onde é que se meteu!

TUTZI — Eu não sumi. Estava aqui, conversando com ele.

ELE — Ahnn? Ele...?

ELA — Ele, quem?

TUTZI — Ahn?... Desapareceu de novo! Pronto! E agora, como é que eu vou fazer?

ELE — Está sonhando de novo?

TUTZI — Não! Ele estava aqui, tenho certeza! Ele e o trapézio!

ELA — Tem que parar com isso, menina! Não vá ser uma sonhadora, que nem seu pai!
Sonhos e fantasias são bobagens! São coisas que não existem!

TUTZI — Como é que não existem? Agora mesmo, eu estava aqui, com ele! Jogando o jogo do contrário!

ELE — Isso já é exagero! Não deve deixar-se levar longe demais por uma fantasia.

TUTZI — E daí? O senhor nunca teve, uma fantasia?

ELE — Ter ...?

TUTZI — — É. Se nunca teve, azar seu...

ELE — — Ora, *ter* é claro que eu *tenho*!

TUTZI — — Tem...?! Ué, o senhor nunca me disse que...

Pára, de repente, susto enorme: atrás dele surge aquela luzinha, aquele som... e uma figura de mulher rodando, rodopiando, passa dançando devagar. Mas eles não param de falar:

ELE — Ter fantasias é claro que eu tenho! Não fosse eu quem sou!

ELA — Não fosse ele quem é!

TUTZI (*Para si*) — Será que... será que é *ela* passando por aqui?

ELE (*Desanda a falar*) — Tenho milhões de fantasias: de rei, de príncipe, de toureiro, de japonês, de ... de imperador alemão! Também já me fantasiei de modo muito original: de prego, de tomada, de parafuso, de escada-rolante! E de máquina... E de cofre? Eu, fantasiado de cofre, fui um sucesso!

ELA — Prêmio de originalidade!

ELE — Depois ficou comum... Mas lancei moda: hoje tem um montão de gente fantasiada de cofre por aí.

Luz e figura atrás somem.

ELE — E minha máquina de lavar? Incrível!

ELA — Incrível! Eu que mandei fazer!

Tutzi começa a reparar melhor nos dois.

TUTZI — Ahn...?

ELE — Minha máquina de lavar era um grande cilindro metálico que girava, ta-cha-ta-cha-ta-cha-ta-cha... No ano passado, você não se lembra? Saiu em todos os jornais e revistas! **E eu também já** ganhei o primeiríssimo prêmio com minha fantasia de "imperador das máquinas de calcular"!

ELA — Imperador das máquinas de calcular!

TUTZ — Não é nada disso que nós estávamos falando, não. Nosso jogo...

ELE (*Corta*) — Nós... Nós, quem?

ELA (*Sem ouvir o que dizem*) — Ah, já sei: o que você quer é uma fantasia nova, com uma máscara bem bonitinha...

TUTZI — Máscara? Eu detesto máscaras!

ELE — Uma fantasia nova... Eu também adoro fantasias novas!

TUTZI — Nossa! Não é isto que eu estou dizendo! Parece até que nós falamos *línguas diferentes!*

ELA — Diferente? Ah, você quer algo diferente! Então vamos ver... Ah! Posso fantasiar você de cabide! As meninas sempre ficam muito bem de cabide!

ELE — Muito bem! Muito bem, mesmo!

TUTZI — Cabide, eu?! É reto, duro... Não gosto, não!

ELA (*Desapontada*) — Não gosta, não? Como, não gosta! Eu estou dizendo que...

TUTZI — Olhem, desculpe, mas é que essas fantasias não são... não servem pra mim, não ... Espera! A não ser que eu pudesse *brincar* com elas! Aí até que poderia ser divertido: ter cada dia uma cara nova, diferente! Acordar de manhã e escolher: hoje vou ser... astronauta! E pimba! Virar astronauta e passar o dia todo rodando pelo espaço!... No outro dia, acordar outra pessoa, diferente! Ser um bando de gente numa só!

ELE — Ahnn?! Ser *diferente*?

ELA — Mais de uma...?

ELE — Passar o dia no espaço?...

ELA — Está maluca! Acho que botando a fantasia vira astronauta?

TUTZI — Se não vira, então essa fantasia não tem graça!

ELE — Como é que não? Você fica parecendo uma astronauta!

TUTZI — Eu não quero *parecer*! Eu quero *ser*!

ELA — Deixe de bobagem: nós é que sabemos o que é melhor pra você!

ELE — O que é melhor para você: nós sabemos!

ELA — Eu vou já, já, buscar sua fantasia e sua máscara!

ELE — Nós vamos buscar!

Vão saindo, apressados.

TUTZI (*Alto*) — Vão buscar... pra que? Pra que, se não é isso que eu quero! Não é isso! Não é nada disso!

Ela sozinha, ar agora triste.

TUTZI — Parecem malucos!... Mas Tivo disse pra não ir pelas aparências!... Coitados... Estavam até preocupados comigo, querendo me dar alguma coisa, que eles achavam que

eu ia gostar. Ou que seria o melhor para mim. Mesmo ela sendo mandona que nem minha mãe. E ele... ele até se parecia com meu pai. Não. Acho que não, meu pai não era assim, tão velho. Nem tinha esses olhos tristes. Porque ele tinha olhos tristes. Isso eu vi bem! Ou será que meu pai também tinha olhos tristes e eu é que não tinha reparado antes?

Tivo retorna.

TIVO — Então, como está se sentindo?

TUTZI — Não sei... Esquisito. Tá me dando uma espécie de saudade... de não-sei-quê... ou não-sei-quem ... Saudade... de meu pai... Como se eu estivesse vendo um pai... diferente.

TIVO — Também dói perceber que as coisas são diferentes. Isso às vezes faz a gente se sentir sozinho.

TUTZI — Sozinha. É isso. De repente me sinto sozinha.

TIVO — Não quer o que eles querem? O que é que você quer, então?

TUTZI — Não sei ainda. Só sei que está faltando alguma coisa. E o que falta... me faz falta. *Falta*, entende? Acho que o que eu quero... o que eu quero é o lado de trás, o que não me é mostrado. Não sei por que, mas acho que é aí que tudo começa!

TIVO — É aí que tudo começa, sim. É sempre o começo de tudo que surge. Vamos, então, à nossa busca?

TUTZI — Vamos! Só que, pra dizer a verdade, estou meio perdida. Você sabe por onde começar?

TIVO — Talvez... Quer subir aqui comigo?

Mostra o trapézio, de novo balançando no ar.

TUTZI — — É prá já!

TIVO — Então venha. Assim... devagar... Agora, deixe o corpo bem solto... não tenha medo do alto...aprenda a ir seguindo o movimento... Assim...

TUTZI — — O movimento. Eu gosto desse movimento, mas...

TIVO — Não tenha medo. Devagar... Solte o corpo... Mais, deixe o corpo dançar... Assim... Mais alto... mais alto... Dê mais impulso, vamos! Siga o movimento! O movimento! Mais... mais... mais... Agora... O SALTO! Vamos!

Corte de luz. Grito dela no escuro:

TUTZI — Onde vamos parar?

Lugar quase todo em sombras, luz bem fraca, como se estivessem no fundo de um poço, ou até mesmo debaixo da terra, em uma mina de ouro ou de carvão.

TUTZI — Esquisito, esse lugar... Acho que não deveríamos ter dado um salto assim, no escuro.

TIVO — Todo salto é um salto no escuro: nem sempre se sabe o que vai acontecer depois.

TUTZI — Você está certo de que é por aqui?

TIVO — Aqui só uma coisa é certa: que nada é certo, mas tudo é possível.

TUTZI — Tudo é possível? Acho que é isso que assusta um pouco.

TIVO — Mas também dá vontade de ver, de sentir, de descobrir o que vem adiante.

TUTZI — Isso é certo! Olha lá! Parece uma sombra... Ou é apenas uma árvore?

Música suave: alguém cantando uma melodia triste, muito triste: "Naquele alto rochedo que ninguém pode alcançar, alcançar, alcançar..." Continua à boca fechada.

TUTZI — Escuta só, Tivo, parece alguém triste... Voz de choro. Acho que... parece que vem da terra...

TIVO — Não. Acho que vem pelo ar. Cresce com o vento. E esse barulho, mais longe... Será que há águas aqui perto?

TUTZI — Essa voz... Mas não estou vendo ninguém!

TIVO — Aumentou... Agora parece estar em todos os lugares: no ar... vindo das águas... dessas sombras.. da terra!

TUTZI — — E tão bonita, essa voz!

TIVO — Mas tem um tom de lamento, de queixa...

TUTZI — De onde é que está vindo? E de lá? Ou de cá? Temos que esperar ficar um pouco mais claro. Estou ficando zozza... Acho que nos perdemos...

TIVO — Essa voz... é ELA!

TUTZI — Onde? Não estou vendo nada neste escuro!

TIVO — Olha! Aquela dançarina! E está presa aqui!

Vulto ou sombra mostrada vai sumindo. Música cessa.

TUTZI — Presa?!

TIVO — Eu sabia! Sabia que se ela aparecesse aqui seria presa.

TUTZI — Presa...? Mas presa por que, se ela não faz mal a ninguém?

TIVO — Como é que não? Ela representa uma ameaça enorme para muitos.

TUTZI — Ameaça...? Ameaça de que? Se ela traz a dança, a alegria!

TIVO — Sim, mas é também com ela que aprendemos o movimento e o salto. Ela faz as pessoas e as coisas se moverem...

TUTZI — E daí?

TIVO — Com isso ela traz *a mudança*. Que quando se movem, as coisas mudam de lugar e posição. E podem mudar tanto que criam um outro arranjo, uma outra forma. E há muita gente que tem medo disso.

TUTZI — Mas... se for pra melhor, por que não?

TIVO — Melhor, pra quem? Um rei não quer deixar de ser rei. O dono não quer deixar de ser dono, perder o que tem.

TUTZI — Perder o que tem... É, tem gente que acho que ficaria maluca se perdesse o que tem.

TIVO — Pra eles, o "melhor" é as coisas ficarem como estão, nada mover, nada mudar, nada se transformar. É por isso que *ela* é pra eles uma ameaça. Com ela presa, eles impedem, ou pelo menos acham que controlam sua dança e movimento.

TUTZI — Controlar... Hum, acho que estou entendendo. E tenho é raiva desse negócio de *controle*. Todas as vezes que me dizem "você tem que se controlar!" estão é querendo que eu deixe de fazer coisas, de dizer coisas que me dá vontade de dizer e fazer e que não têm nada de mal. Na minha cabeça, nesse tal de "controle" de que eles falam, a gente sempre sai perdendo alguma coisa.

TIVO — Ela *não pode* ficar presa! Tenho que descobrir um jeito de soltá-la!

TUTZI — Mas não suma! Aonde vamos? O que vamos fazer?

TIVO — Vamos falar com os lavradores. Eles são meus amigos.

TUTZI — Os lavradores? Pra que?

TIVO — Os lavradores a conhecem. Gostam dela. Muitas vezes, quando acabam seu trabalho, ela vai dançar no meio deles...E contam histórias, histórias de um tempo que ainda vai chegar, trazendo o pão e o vinho, e a paz e a alegria para todos. Eles podem ajudar a soltá-la! Vamos!

TUTZI — Mas... enquanto vamos e voltamos, ela vai ficar presa? Fechada aqui, ela não pode adoecer, ou até morrer?

TIVO — Temos que correr o risco. Que risco e recompensa andam sempre juntos.

TUTZI — Por que?

TIVO — Porque não há recompensa sem risco. Venha!

Súbito, luz, uma luz forte, de sol de meio-dia e diante deles surgem dois guardas, as armas apontadas para eles.

1º GUARDA — Quem são vocês?

TIVO não responde.

2º GUARDA — Não sabem que é *proibido* vir até aqui?

1º G. — E quem se aventura a fazer o que é proibido é preso e encaminhado a julgamento?
Como ousam desafiar a lei?

TIVO continua quieto e mudo. Tutzi também.

1º G. — Ah, não respondem? Pois bem: não respondem aqui, vão responder ao Rei.

2º G. — Vamos levá-los?

1º G. — **Vamos!**

Quando vão saindo Tutzi atrasa o passo e lhe pergunta, às escondidas:

TUTZI — Tivo, como é que nos vamos sair dessa? O que será que vai acontecer?

Palácio do rei. Guardas de um lado e do outro, e no meio, os tronos do rei e da rainha. Alguém anuncia:

— Sua Majestade, o Rei!

Eles entram. Espanto de Tutzi:

TUTZI — (para Tivo) Ué, e a Rainha, não é anunciada? Por que?

Seu espanto cresce ao ver que é aquele mesmo casal que queria fantasiá-la de cabide e outras coisas mais. Exclama em voz alta seu espanto:

TUTZI — Ih! São eles, de novo!

REI (*Furioso*) — Silêncio!

RAINHA (*Em eco*) — Silêncio!

Para surpresa de Tutzi, agora ela vai sempre apenas repetir o que ele diz, como se fosse mesmo um eco seu.

REI — Em presença do Rei não se fala!

RAINHA — Não se fala!...

Ele se senta no trono, toma uma pose bem real e começa.

REI — Como é seu nome?

TIVO (*Calmo*) — Eu sou Martí.

Novo espanto de Tutzi. Mas se cala.

REI — Como ousam desobedecer ao Rei? Ir **aonde** não podem? Fazer o que não devem? O que é proibido?

RAINHA — O que é proibido!

REI — Ahn? Respondam!

RAINHA — Respondam!

TIVO-MARTÍ (*Adiantando-se*) — Majestade, não houve essa intenção. É que, um dia, passou por nós uma sombra, um vulto... que nos atraiu. Começamos a segui-lo e caminhando, caminhando, nos afastamos dos caminhos já abertos. Parecia que, para nos

aproximarmos daquela criatura, era preciso ir mais longe, buscar novos rumos. Que o caminho que é o caminho não é o caminho...

REI — Hum...? “O caminho não é o caminho”... Fale claro!

RAINHA — Fale claro!

REI — Suspeito, esse seu jeito de falar!

RAINHA — Suspeito!

MARTÍ — Eu explico: é que, ao caminhar, ouvimos vozes no ar e cantos que vinham do fundo da terra... Vozes e cantos que feriam nossos ouvidos e se tornavam um imã para nossos passos. Parecia alguém preso — talvez aquela mesma pessoa que nós estávamos procurando...

REI (*Impaciente*) — Ih! Quanta bobagem! Pra que sair procurando coisas por aí? Quem pode dar tudo que vocês querem sou eu! Eu e apenas EU!

MARTÍ — *Dar*, Majestade?

REI — Bem, *dar*, não digo: mas posso vender, trocar, comprar. Em alguns casos — muito raros! — chego até a emprestar! Desde que você me empreste alguma coisa em troca, é claro!

MARTÍ — Mas o que nos queremos... Vossa Majestade não tem.

REI — Hein?! Eu *não tenho*?!

RAINHA — Como é que ele não tem?!

REI — Eu tenho tudo! Tudo que você possa imaginar!

RAINHA — Tem tudo! Ele tem !

MARTÍ — Desculpem, Majestades, mas... não acredito.

REI — Ousa desafiar meu poder?

RAINHA — Desafiar o poder do Rei! E você menina, andando com ele!

TUTZI (*De lado*) — Milagre! A Rainha conseguiu dizer alguma coisa que não é um eco!

REI — Diga o que quer! Vamos! Diga e verá se eu não tenho!

MARTÍ — Uma coisa bem simples... Vejamos: um espelho de águas.

REI (*Engasga*) — Hein!...

RAINHA — Hein?!

REI — Como é, um espelho de águas?

MARTÍ — É o mais simples de todos. O mais antigo. Feito pela mão da Natureza.

REI (*Baixo, para a rainha*) — Natureza...? Conhece essa senhora, Rainha?

RAINHA — Hum... Natureza?... Ele chamou só pelo nome, já se vê que não é nenhuma duquesa, nem condessa, não é nem *Dona* Natureza. Não deve ser uma pessoa importante!

MARTÍ — Nunca se olharam num espelho de águas?

REI — Ora... Eu tenho espelhos de todos os tipos... Espelhos de mão, espelhos de bolso, espelhos de parede, espelhos de armário... Tenho até um bisotê, finíssimo, coisa rara, cristal do século XV! E um japonês, do tempo do príncipe... do príncipe... como era mesmo o nome dele?... Ora, sabe que mais: acho que você quer é nos enganar! Esse espelho de que você fala... *não existe!*

RAINHA — Isso! Esse espelho não existe!

MARTÍ — Como é que não existe? Pois foi se olhando num espelho de águas que Narciso ficou famoso.

REI — Hum...? Narciso? Que Narciso?

MARTÍ — Não conhecem a história de Narciso? Narciso era um rapaz muito bonito. Um dia se olhou no espelho das águas e ficou apaixonado pela própria beleza...

REI — Histórias! Não disse?

RAINHA — Venha cá, menina!

TUTZI — Por que?

RAINHA — Porque ele é maluco!

TUTZI — Maluco? Não acho! Maluco por que?

RAINHA — Porque sim! Ele não é como nós! É maluco, maluco!

TUTZI — Maluco só porque é diferente de vocês... Ora! Pelo jogo do contrário, todas as coisas são *diferentes!*

Ela pára, olha Tutzi de cima a baixo, como se também ela estivesse com a mesma "doença" de Martí, e volta para seu lugar sem dizer uma palavra. Fica de lá, olhando-a enviezado.

REI — Mas esse tal de Narciso... também não existe!

MARTÍ — Essa não, Majestade. Pois se é conhecido no mundo todo.

REI — Impossível! Se *nós* não conhecemos!

MARTÍ — Mas ele é famoso. Há mais de 2.000 anos. E por causa de uma coisa muito simples: porque um dia... ele se olhou no espelho.

REI — Isto são histórias! Você mesmo disse! Eu não perco meu tempo com "histórias".

MARTÍ — Majestade, isto não são histórias. Isto faz parte da História, de nossa história, da história de todos!

REI — Ora, história... Sabe que mais? Você já está me incomodando! Sua presença não me agrada! Guardas, levem-no para a prisão!

TUTZI — Não! Esperem!

MARTÍ — Deixe, Tutzi. Posso fazer só um pedido, Majestade?

REI — Hum... Fazer, pode. Se será atendido é o que vou ver!

MARTÍ — Se tenho que ficar preso... gostaria de ficar no mesmo lugar em que os guardas me acharam.

REI — Hein? Ficar no mesmo lugar em que foi preso?

MARTÍ — Exato.

REI — Mas... por que?

MARTÍ — Porque, naquele lugar, mesmo estando preso, eu estarei livre.

REI — Hum...

Vira-se mais uma vez para a Rainha e pergunta, baixo:

REI — Como é que ele pode estar preso e livre ao mesmo tempo?

RAINHA — Sei lá! Ele fala de um jeito que ninguém entende!

REI (*Para Martí*) — Pois olha, para você ver o quanto eu sou generoso... consinto! Guardas, levem-no para aquele mesmo lugar. Mas que ele fique sob controle! Bem vigiado, sempre!... Quanto a você, menina, ficará aqui no palácio. Terá de tudo...

TUTZI — De tudo o que?

REI — De tudo. Mas não pode mais sair.

RAINHA — Vai ficar vigiada também pra não andar mais com sujeitinhos como este!

MARTÍ sai, levado pelos guardas. Os outros saem também. Tutzi, sozinha, faz força para não chorar.

TUTZI — Será que eu não vou tornar a vê-lo? Será que ele vai conseguir chegar até *ela*? E eu? Como é que vou sair daqui? Se não sair agora, depois não vou conseguir mais. Vou é seguir Martí e os guardas!

Mas, mal sai correndo, para ver se conseguia ainda pegar Martí e os guardas, esbarra com alguém que entra: é uma figura esquisita, uma espécie de vassoura vestida, de óculos, espetada e dura. Que a segura pelos ombros.

TUTZI — Me solta, por favor, que eu tenho que ir falar com Martí antes que ele esteja longe demais.

ALQUILA — Agora não! Eu sou D. Alquila y Alquila, sua nova professora. E agora é hora de nossa aula!

TUTZI — Aula...?!

ALQUILA — Onde é que já se viu uma menina sem escola?

TUTZI — Desculpe, mas eu agora não posso. Eu tenho que...

ALQUILA — Sente-se! Já disse que é hora de aprender!

TUTZI — Mas... aprender o que?

ALQUILA — Tudo que uma princesinha precisa saber para se tornar uma digna Rainha.
Como sua mãe. Exatamente como sua mãe.

TUTZI — Mas a Rainha não é minha mãe!

ALQUILA — A Rainha é mãe de todos. E ela quer que você aprenda como sentar-se, como andar, como falar, como agir, como pensar... Comportamentos, atitudes, valores, o que é bom e o que é mau, o que é certo e o que é errado!

TUTZI — No lugar onde nós fomos nada é só certo ou errado: tudo é possível!

ALQUILA — Que insensatez! O certo é certo, o errado é errado!

TUTZI — Quem diz? Fazendo o jogo do contrário, o certo de repente pode ser errado!

ALQUILA — Jogo...? Mas aqui não se trata de jogo! Não estamos brincando! As coisas são o que são!

TUTZI — E por que é que não podem ser diferentes?

ALQUILA — Porque não! Por exemplo: eu falo com a boca. Isto é minha boca. A palavra *boca* serve para designar esta parte do corpo que...

TUTZI — Palavra...? Para mim, *boca* é um som... Um som engraçado: bo-ca... bo-ca... Faz um barulhinho gozado, olha só: bo-ca...

ALQUILA — É um som e uma coisa.

TUTZI — Ou é uma coisa com som?

ALQUILA — A palavra *boca* é um conjunto de sons e designa a coisa que serve para falar!

TUTZI — E se eu não quiser falar? A boca pode só fazer espanto: OH!... Ou fazer um susto: IH!... Ou mostrar quando eu estou com medo: AHN!...

ALQUILA — Pare, menina e ouça o que eu digo!

TUTZI — Estou ouvindo. Eu só queria é entender se *boca* é uma palavra, um som ou uma coisa.

ALQUILA — É uma palavra! Tanto que pode compor, com outras palavras, novas expressões. Por exemplo: dizem à *boca pequena* que...

TUTZI — ... que o que?

ALQUILA — Qualquer coisa! Dizer à *boca pequena* é cochichar, fazer um segredo ser conhecido por todos.

TUTZI — Se fica conhecido é porque abriram muito a boca: não devia ser mais *boca pequena!*

ALQUILA — Não me interrompa! E ouça o que eu digo!

TUTZI se aquieta, desanimada.

TUTZI (*Para si*) — A essa altura já estão longe... (*Olha D. Alquila*) E se eu fizer com ela o jogo do contrário? **Pode ser** divertido...

ALQUILA — A palavra *boca*...

TUTZI — Mas boca não é também uma coisa? Esta coisa que serve pra beijar, pra comer, pra respirar dentro d'água, assim, aahn!

ALQUILA — Já vi que você vai me deixar louca!

TUTZI — Boca, louca... Bo-ca, lou-ca... são parecidos... O som mudou só um bocadinho, não foi? Veja só: bo-ca... lo(u)ca... Mas são coisas diferentes ... Quem foi que inventou, *boca e louca?*

ALQUILA — Ora, quem inventou!... Alguém, um dia, inventou! Tomou estes sons, formou uma palavra e...

TUTZI — E de onde é que tirou esse som? E por que é que usou este som e não outros? Eu podia chamar a *boca* de *louca*? E a louca de boca? No jogo do contrário...

ALQUILA (*Zonza, interrompe*) — Podia... Quer dizer, não!... Que são coisas diferentes.

TUTZI — Diferentes!... **Ah! Agora** é a senhora que está fazendo o jogo!

ALQUILA — Não estou fazendo jogo nenhum!

TUTZI — Como é que não? No jogo do contrário...

ALQUILA — Você é que está ficando louca! Louca varrida! Sabe que mais? Seus porquês me cansam! E esse seu “jogo do contrário” também! Você é rebelde e isto não me agrada! Vou dizer à Rainha que...

TUTZI — Espere! Eu só quero saber! Eu preciso, pro meu jogo, saber mais!

ALQUILA — Não é este o assunto de minha aula! Não vim aqui pra isso! Passe bem!

Sai, pisando duro.

TUTZI — É pena. Afinal, ela sabe uma porção de coisas, sabe muito mais que eu. Deve saber coisas que eu também queria saber. Que mal há em perguntar? As pessoas são mesmo diferentes... Tivo gostava que eu fizesse perguntas, vivia me provocando para eu perguntar coisas. E ele mesmo perguntava muito, pra me ver querendo descobrir, saber mais... Tivo-Martí... Como é que vou chegar onde ele está? Se eu seguir por este corredor talvez eu...Ih! Olha ali o Rei e a Rainha!

Detém-se, indecisa, entre ir a eles ou não. Mas aí passa a ouvir o que dizem.

RAINHA — Deve ser uma peça fina, esse espelho de águas. Ninguém tem no reino. Seremos os primeiros.

REI — Vamos mandar comprar!

RAINHA — Isso! Mandamos comprar! Mas, é uma antiguidade: tem mais de dois mil anos.

REI — Deve ser peça rara. Talvez seja um problema achar...

RAINHA — Um problema... Ih! Mas isso vai dar é outro problema terrível, seríssimo!

REI — Um problema seríssimo? O que?

RAINHA — Esqueceu que nossos 520 armários já estão superlotados? Não cabe mais nada! Nada! Onde vamos guardar esse espelho?

REI — Mando fazer, urgente, um novo armário! Com... 50 metros... Não, 80 metros...

RAINHA — É pouco! Com 150 metros de comprimento! Mande providenciar, rápido!

REI — É, mas... Já pensou...O problema é maior do que pensou: um armário *deste* tamanho ..só para guardar um espelho?

RAINHA — Claro que não! Diga rápido: o que mais você quer ?

REI — Eu... neste momento não sei...Só quero saber...

RAINHA — Nem me fale! Não posso perder um minuto! Já vi que vou ficar uma semana, um mês, um ano ocupadíssima! Tenho que comprar mil coisas para por no armário novo! Mil coisas! 150 metros !...E o pior, sabe o que é? É que nós já temos tudo! Tudo! Onde é que vou encontrar coisas novas? Eu *preciso* comprar mil coisas novas! Tenho um armário inteiro, um armário de 150 metros para encher!

TUTZI (*De seu lugar*) — Não entendi! Para ter um espelho – de que não precisam – têm que ter um armário, que faz ter mais espaço, que obriga a ter mais coisas, que vão acabar obrigando a ter de novo mais espaço para encher! Um *ter-ter-ter* que não acaba nunca! E eu é que sou louca varrida? Qual! Eu tenho é que sair aqui!

Súbito olha para o alto e dá com o trapézio, em movimento, a sua frente.

TUTZI — O trapézio! Como é que eu entrei nesta história? Na história a gente nunca está sozinha. Eu entrei quando... quando vi este trapézio em movimento.O movimento! É pelo movimento que se vai adiante. Que se vai mais longe, até o salto!... Tenho que dar um novo salto, desta vez maior... (*Hesita*) Se cair? Não, tenho que arriscar! Tenho que saltar... que saltar... tenho que...

Segura o trapézio, detendo seu balanço e sobe nele, decidida, enquanto luz desce, em resistência.

De novo aquele lugar estranho e escuro. Parecia o mesmo de antes. Mas tinha já alguma coisa diferente. Sons — sons misteriosos, que não se sabe bem de onde

vinham... Tutzi olhando, olhando... mas, nada. Sozinha, sozinha, dando voltas e mais voltas. De repente, sem ela notar, surge atrás dela uma figura: um saci, dançando, pulando, ou fazendo "estrela" — aquela de mãos no chão e o corpo girando no ar. Súbito ela se volta e dá de cara com ele:

TUTZI — Ahn!... Quem é você?

A resposta vem em sons guturais, que não dá pra entender.

TUTZI — Que quer de mim?

Nada de resposta.

TUTZI — Onde é que nós estamos?

Nada, só a mesma pulação, sem parar.

TUTZ — Para! Por que é que você não para? Pára e fala comigo! Não sabe falar?

Ele pára de repente e fala, de um jeito meio-canto-meio-fala:

SACI — Um é um, um é um,
não é dois e nem três,
um é um,
não é dois nem três!

TUTZI — Hein?

SACI — *(Sempre aos pulos, cantando, com a música de “Eu sou pobre, pobre, pobre... de marré de si”)*

Se o inteiro é dividido

ele vale só metade...

Se o inteiro é dividido,

vale só metade...

TUTZI — Por que você não para de pular e dizer essas coisas que eu não entendo? Parece louco!

SACI — *(com música e “Samba Lelê tá doente...”)*

Vermelho não é azul

Verde não é amarelo

Como pode achar o branco

quem procura o caramelo?

TUTZI — Você fala por charadas, é?... Que é que você quer? Tenho que decifrar? Você diz coisas com sentido... misturadas com outras que não querem dizer nada! Como é que vou saber? *(Pausa)* Sabe, você não é maluco nada! Acho até que podemos conversar!

SACI — *(Pára mais uma vez e agora fala, encarando-a)*

O que ainda não ê, não é,
porém pode vir a ser...
O sol, quando diz bom-dia,
nem sempre é amanhecer:
se o sol brilhasse de noite,
o que você ia fazer?

Solta uma gargalhada e se afasta, pulando. Ela corre atrás.

TUTZI — Espera! Não entendi nada! Me diz pelo menos uma coisa: viu por aqui alguém chamado Martí? Ou os lavradores?

Ele pára de sopetão, chega bem perto e aponta:

SACI — Lá!

TUTZI — Lá?... Mas lá me parece tão sombrio, tão morto ... E se é por lá, por que é que seu pé aponta para cá, aponta ao contrário? Ahn? Por que seu pé aponta para cá?

Ele pára, olha o próprio pé e a encara de novo, fixamente:

SACI — Porque o caminho... você já não sabia? O caminho que é o caminho não é o caminho...O caminho *é o contrário!*

Solta uma gargalhada e explode, desaparecendo em uma nuvem de fumaça.

Tutzi, perdida. A cada hora um pontinho de luz pisca num canto, ora pra lá, ora pra cá, deixando-a tonta. E continuam sons e batidas, como que vindas do fundo da terra, parecendo uma fala confusa, diferente.

TUTZI (*Medo*) — E agora, que é que eu faço? Pra onde eu vou? Que é que eu posso fazer?

Corte de luz.

Reabre sobre Tutzi, ainda em semi-obscuridade, zanzando de um lado para o outro e falando alto, sozinha:

TUTZI — Que é isto? Um som?... Não, é o vento nas árvores... E se eu gritar? Bobagem, ninguém vai me ouvir... Aquela árvore... Nossa! De repente aquela árvore parecia ter o rosto de minha mãe!

Seu andar e postura vão ficando mais lentos, demonstrando um cansaço enorme, uma tentação de parar... É quando ouve, bem claro:

VOZ — Está com fome?

TUTZI — Ahn? Quem falou?

Aí vê quem fala: perto dela, uma árvore imensa. E no oco da árvore, uma figura de mulher, de longos cabelos, corpo e braço se confundindo com o próprio tronco

e os galhos, suas raízes aparecendo a superfície, como se fossem seus pés, fincados na terra.

TUTZI (*Aliviada*) — Ah, quero sim, estou morta de fome!

VOZ (*off*)— Então olhe para a terra. Olhe para a terra junto de mim e encontrará raízes.

TUTZI — Raízes...?

VOZ — Sim. Coma dessas raízes. E terá forças para caminhar muito, ir bem longe...

TUTZI — Comer dessas raízes...?

VOZ — Sim. As raízes vão longe, cavam e trazem consigo o segredo escondido no fundo da terra... É dessas raízes que vem a força de tudo que está vivo aqui !

TUTZI (*Para si*) — Força-vivo-Tivo... Tivo, inventor de pontes que virou Martí guerreiro com a força de fazer coisas... Então, o caminho é *por aqui!*

VOZ — É por aqui...

TUTZI — Essas raízes ficam meio escondidas na terra... que nem os lavradores que eu estou procurando. Sabe onde estão?

VOZ — Os lavradores...? Os lavradores pegam essas raízes, comem parte e plantam o resto, para nascerem outras novas. Coma também e siga caminho, que os encontrará.

TUTZI — Eu... eu acho que em você posso confiar. Naquele Saci eu não podia. Quase me perdi.

VOZ — Você estava sozinha. E só falou em encontrar caminho, sem olhar em volta, sem ver nada, sem perguntar por ninguém mais. Muitos morrem assim: vêm buscar seu caminho sozinhos, sem dizer nada a ninguém... Ninguém sabe onde querem chegar: levam tudo que é seu trancado em um cofre, que carregam no peito, escondido de todos... Em certo ponto do caminho se perdem, não acham o rumo, enlouquecem e morrem assim.

TUTZI — Que horror, coitados!

VOZ — É por isso que, às vezes, quando alguém passa devagar por esses caminhos, descobre de repente um pequeno cofre destes, perdido, abandonado no chão... E a gente fica com pena daquele que tentou caminhar assim, sozinho, e guardou consigo, tão trancado, aquele pequeno cofre que poderia ter sido um tesouro para muitos...

TUTZI — Mas por que não dão o cofre a ninguém? E por que não continuam?

VOZ — Têm medo. E por causa do medo, param no meio do caminho. E se perdem. E morrem.

TUTZI — Parar no meio do caminho... Pois eu não vou parar no meio do caminho! Eu... eu vou encontrar forças para continuar!

VOZ — Então tome: lhe dou meus frutos e estas raízes. Coma e verá que vai acontecer!

TUTZI — Ahn? O que vai acontecer?

VOZ — Coma, para ver!

TUTZI — Não sei o que vai acontecer, mas... vou comer!

À medida que começa a comer, devagar, bem devagar, tudo vai ficando mais claro em volta dela.

VOZ — Agora que você está com novas forças, para ir adiante, pergunte!

TUTZI — Perguntar? Perguntar o que? A quem?

VOZ — A tudo que estiver em torno de você. Verá que *tudo fala*.

TUTZI — Tudo fala: isso também já aprendi no meu jogo. Mas esta parte ainda não tinha experimentado...

VOZ — Tudo fala. E sua fala é que pode lhe apontar o caminho. O caminho por onde outros já passaram. O caminho que vai fazer você encontrar o que quer.

A árvore se cala. Tutzi continua comendo, olhos atentos em torno.

Aos poucos, uma claridade muito mansa vai iluminando tudo. Ela para, à espera: é a Lua.

TUTZI — A Lua! Que

LUA — Alguém passou por aqui...

TUTZI — Fui eu.

LUA — Ah! E quem é você?

TUTZI — Eu sou Tutzi.

LUA — Tutzi... Nomezinho engraçado. E o que é que você quer aqui?

TUTZI — Quero encontrar Martí. E os lavradores.

LUA — Martí? Não conheço. Mas os lavradores... Eu gosto dos lavradores. Mas não me encontro com eles. Que eu só ando de noite: quando eles começam a trabalhar, eu já estou indo embora. Quando eu chego, são eles que já estão indo descansar...

TUTZI — Mas não viu nem um? Não sabe aonde foram? Onde então?

LUA (*Emocionada*) — Outro dia eu vi um... Mas nem gosto de lembrar. Era um menino ainda novo, corpo magro, pequenino... Estranhei que estivesse ali, de noite, dormindo assim pelo chão... Em volta dele, espalhadas, laranja, lima e limão... Cheguei mais perto pra ver: fiquei branca de tristeza e quase sumi do céu... O menino estava morto... com uma lima ainda na mão...

TUTZI — Morto! Mas, de que é que ele morreu?

LUA — A mãe, quando o encontrou, chorava de fazer dó ... Ele saiu pro trabalho ainda com febre e dor... Mas não podia parar: tinha ainda que colher todo aquele laranjal — era a

ordem do patrão... Sobe e desce, sobe e desce, sobe e desce sem parar... O corpo não aguentou e também desceu ao chão, que nem a fruta madura que ele tirava do pé... Só que morreu verde e novo, não chegou a madurar... Seu corpo vai ser raiz de uma nova plantação.

TUTZI — No lugar de onde eu vim, as crianças não trabalham...

LUA — Aqui trabalham. E muito. Pergunte ao Sol. Ele sabe. Ele deve estar chegando. Quando eu saio, ele está vindo...

TUTZI — Obrigada, D. Lua. Gostei muito da senhora!

Um raio de luz forte se estende a seu rosto.

LUA — Tchau...! Voltaremos a nos ver...

Um clarão surge do outro lado e vai crescendo, crescendo, ficando tão forte que Tutzi quase não consegue abrir os olhos para ver. De dentro dela sai uma voz:

SOL (*Voz off*) — Alguém passou por aqui...

TUTZI — O que... Ai meus olhos!

SOL — Quem esta aí?

TUTZI — Sou eu.

VOZ — Eu, quem?

TUTZI (*Tapando os olhos um pouco com a mão para poder olhar*) — Eu sou Tutzi, vim procurar Martí e os lavradores. A Lua disse que você é que sabe da vida deles...

VOZ — A vida deles... Sei da vida deles, sim. Acompanho o dia inteiro. Levantam-se assim que eu chego. Só quando vou embora é que descansam.

TUTZI — Eu queria saber como encontrá-los.

SOL — Quer saber onde é que moram? Onde vir casas pequenas: barro, mais barro e capim. Como vivem? Tentando sobreviver, indo e vindo do trabalho, que sua vida é trabalhar.

TUTZI — E onde é que eles trabalham?

SOL — Nas terras de seu patrão, que é dono de seu trabalho, de sua vida e de seu chão. Não tendo nada de seu, a não ser esse trabalho e a força de sua mão.

TUTZI — No lugar de onde eu vim, as pessoas têm tanto que nem sabem onde por...**E ainda** querem sempre mais!

SOL — Pois aqui, o que eles têm é essa força na mão que faz crescer as raízes que vão ficando na terra. E um trabalho que é dobrado quando a terra fica seca, quando vai embora a chuva e o verde da plantação.

TUTZI — E eles não podem viver de outro modo?

SOL — Isto eu não sei. Talvez possam. Mas só eles podem dizer. Pergunte ao Vento. Ele anda por todo o lado. E sabe o que se passa por aí.

TUTZI — E onde é que eu acho o Vento?

SOL — Já vai passar por aqui: eu pedi que ele viesse, porque há dias não chove. O Vento refresca o ar. E alivia o suor dos lavradores. Que o trabalho no campo não é fácil. Eu vejo e sei. Olha, ele vem vindo. Adeus! Boa sorte!

Um assovio forte anuncia o Vento. Tutzi finca com força os pés no chão e grita:

TUTZI — Cuidado, Snr. Vento! Assim vai me carregar!

VENTO — Ahn?... Ah, desculpe, menina, é que estou com muita pressa.

TUTZI — Obrigada. Assim está bem. Não quero atrasar o senhor, que sei que vai ajudar os lavradores. Só queria saber se posso ir junto. Eu também quero ir lá, mas não sei o caminho.

VENTO — O caminho ? Mas meu caminho não pode ser o seu. Eu posso lhe trazer notícias deles... Posso levar a eles as coisas que vi e ouvi em outros lados... Posso guardar vozes e sons que vêm de muito longe e meu amigo, o Tempo, me manda trazer e espalhar por aí... Você pode escutar essas vozes e sons, que elas falam de caminhos... Mas você tem que andar com os pés na terra.

TUTZI — Os pés na terra...

VENTO — Olha, aqui perto há um riacho. É por ele que os viajantes caminham. Veja o movimento das águas..

TUTZI — O movimento...

VENTO — ... e siga esta corrente!

TUTZI — Seguir o movimento... Como antes, no trapézio!

VENTO — Exato. Veja para onde vão as águas... que elas levam aonde você quer. É o que fazem todos os viajantes.

TUTZI — Obrigada, Snr. Vento!

VENTO — Se você se perder, me chame. E ouvido atento, sempre, que lhe direi por onde ir. Até **mais!**

Sai ventando. Tutzi recomeça também a caminhada até que ruído, a princípio distante, depois cada vez mais forte, de cachoeira:

TUTZI — O rio... Ele disse pra seguir o movimento das águas, ir na corrente...

Surgem figuras com panejamentos soltos em vários tons de azul

TUTZI — Vou mergulhar nessas águas... Deixar a água rolar sobre meu corpo... Limpar meu cansaço, meu desânimo, meu medo, tudo que pode me fazer parar...

Enquanto fala, se envolve na dança das águas, que permanece até a descida da luz, em resistência.

Ao reabrir a luz, Tutzi caminha, novamente só. Súbito pára:

TUTZI — Essas marcas no chão... Marcas de pés, de pés bem fincados, afundando na terra. Alguém passou por aqui... (*continua a olhar em torno*) Quantos! Deve haver mais gente, caminhando, como eu, um bando de gente em movimento! Se eu andar mais rápido...

Apressa o passo. E logo vê surgir a sua frente uma figura, enxada ao ombro, caminhando. Apressa mais o passo para falar com ele, e nota, pouco mais adiante, um outro, também com seus instrumentos de trabalho. Aproxima-se deles:

TUTZI — Vocês são lavradores?

— Sim.

— Somos.

TUTZI — Ah! Que bom!... Eu estava procurando ... Vocês conhecem um rapaz chamado Martí?

— Não. Não conhecemos.

— Por que?

TUTZI — É que... é meu companheiro. Veio pra cá, mas não sei onde está. E vocês, onde é que estão indo?

— Para nossa reunião.

TUTZI — Reunião...? E pra é que estão levando as pás, enxadas, e essas coisas todas de trabalho?

— É que estamos trabalhando.

TUTZI — Trabalhando? Fazendo o que?

— Abrindo espaço.

TUTZI — Espaço?... Abrindo espaço, como?.. Para que?

— Venha ver.

Saem juntos.

Cenas às escuras. Exceto em um espaço não muito grande, que reproduz uma espécie de clareira no meio de uma mata fechada. Dentro dessa clareira um grupo de pessoas sentadas, formando uma roda em torno de uma grande fogueira canta uma música. É uma cantiga de roda muito antiga: “Capelinha de melão/ É

de São João/É de cravo, é de rosa/É de manjeriço...” Só que cantam com uma letra diferente:

Tenho fome e tenho frio
quero espaço e chão
pra plantar minha semente
e ver nascer meu grão.
Nosso sonho é pequenino
mas com a união
vai crescer, vai crescer
vai brotar do chão!

Tutzi e os caminheiros, chegando, se sentam e começam a cantar junto. O coro sobe com força. Súbito um deles ergue o corpo, levanta a mão, com a picareta que trazia e começa, agora sozinho, uma fala-canto:

Trago minha picareta
e a força da minha mão,
trago o amarelo maduro
da laranja e do limão,
pra fazer nosso arco-íris,
que é ponte de ligação.

À medida que ele fala-canta, surge uma luz amarela, deixando atrás um facho luminoso. O coro volta a crescer, todos juntos:

... quero espaço e chão,
pra plantar minha semente
e ver nascer meu grão!...

Um outro se levanta e ergue bem alto uma foice e uma enxada, começando seu canto-fala:

Trago foice e trago enxada
e a força da minha mão
e o vermelho do meu sangue
que é **vida**, dor e emoção
pra juntar nesse arco-íris,
que é ponte de ligação.

Atrás, junto ao outro, surge um facho vermelho. Coro retorna:

Nosso sonho é pequenino

mas com essa união
vai crescer, vai crescer
vai brotar do chão!

Ergue-se o seguinte, para soltar seu canto:

Trago formão e martelo
e a força da minha mão,
trago o azul e o anil,
cores do céu de verão,
pra botar nesse arco-íris,
que é ponte de ligação.

Azul manso, começando a aparecer junto às demais; formando pouco a pouco o arco-íris de que fala a música. O que se levantou agora é mais velho e a luz do fogo, batendo em seu rosto, mostra um mapa de rugas bem fundas. Sua fala diz também dessa tristeza:

Trago pá, trago o ancinho
e a força da minha mão,
trago o roxo da tristeza
que já vi por onde andei,
pra fazer nosso arco-íris
com as cores de onde passei.

E o roxo, crescendo bem lento, bota um triste no arco-íris. Mas, como no jogo do contrário, falou de tristeza, parece que a alegria faz questão de se mostrar também. Coro entra com uma força enorme e o próximo vem dizer seu canto:

Trago comigo o machado
e a força da minha mão,
trago o verde que ilumina
o capim e a plantação,
quando a seca vai embora
e a chuva chega com força
fazendo florir o chão.

O verde completa o jogo de cores que agora ilumina a todos os rostos. Tutzi se volta para o vizinho:

TUTZI — O espaço está crescendo? Ou é o arco-íris que faz ver tudo melhor? Parece até que já está amanhecendo, já dá pra ver melhor os rostos... Ou é a noite que está virando

aurora? E eu...eu não tenho ferramenta. O que eu vou poder dar? Minha força é pouca, meus recursos...

Detém-se, súbito, vendo alguém que levantou e canta:

Trago o que aprendi na vida
e a força de um coração,
de cor, trago o alaranjado
que é mistura de outras mais,
pra botar neste arco-íris,
que é um pouco de todos nós.

TUTZI (*Grita*) — Martí!...

Salto, corrida e aquele abraço!

ELE — Que bom que você conseguiu chegar!

TUTZI — Não foi fácil. Quase me perco no caminho.

ELE — Você mudou, está tão diferente! Eu conheci uma menina, perguntadeira, inquieta, sonhadora... Agora, estou vendo uma mulher.

TUTZI — Uma mulher que é ainda inquieta e sonhadora... Mas continuo sendo Tutzi. E você, quem é agora? Foi Tivo, foi Martí e agora, quem é?

ELE — Agora sou Pedro.

TUTZI — Pedro?

ELE — Pedro, pedra, fazendo base para a construção.

TUTZI — A construção...?

ELE — Sim. Que aqui, nesse grupo, se junta a lavradores e construtores. Os lavradores, plantando as sementes de um novo tempo que já está com raízes no fundo da terra. Os construtores, trabalhando para **fazer surgir** uma cidade nova e diferente, que seja espaço e morada de todos.

TUTZI — E este arco-íris... é ponte de ligação para que? Para onde?

ELE — Venha cá. Repare bem: até onde vai sua outra ponta?

De dentro do arco-íris vem subindo, devagar, uma figura de mulher uma figura movente, dançante, movendo-se, dançando sempre...

TUTZI — Mas... É *ela*!

PEDRO — VITA! **Vita Vita, Vita, a nossa dançarina-guia, sempre nova, imprevista e imprevisível, que nos apaixona e nos leva a segui-la, encantados!** Uma ponta do arco-íris está aqui, a outra batendo onde ela está. Quando houver aqui bastante espaço aberto

e nossa construção erguida, ela poderá trazer para cá sua morada, fazer reinar entre nós seu movimento, sua dança, sua alegria...

TUTZI — Que diferença, Pedro!

PEDRO — Diferença...?

TUTZI — Entre o que eles diziam e o que as coisas são. Entre o chão daquele palácio e esta terra em que estamos pisando. Entre eles e estes, que estão aqui, trabalhando e brincando!

PEDRO — Para aqueles, a terra é apenas o chão, a parte sólida da superfície. Ficam também na superfície das coisas, no-que-se-mostra apenas e eles chamam de “realidade”. Não deixam lugar para o-que-se-esconde no mais fundo, para o sonho, a imaginação, a fantasia, o mistério...

TUTZI — O sonho... Pedro-lavrador-de-sonhos, construtor-de-pontes ... E quais são os *seus* sonhos, agora?

PEDRO — São os sonhos do meu povo. Que estão aí, para quem quiser ver, que nem gato escondido... com rabo de fora.

O grupo tinha desmanchado a roda e agora se reúne, próximo à ponta do arco-íris que fincava na terra. E entre eles e “Ela” começa um diálogo. Mais uma vez a música “Onde mora bela condessa, filha de França”... brinquedo sério de roda, nossa velha conhecida. Os lavradores cantando e chamando a dançarina Vita para dançar com eles:

Venha a nós, senhora da terra,

filha dos ares, onde nasceu...

Venha a nós, senhora do fogo,

filha das águas, onde apareceu...

Um deles se adianta e canta:

Dai-nos força pra buscar

tudo que aqui nos falta...

E ela canta e dança em resposta:

Eu *lhes* trago leite e mel,

que é melhor que ouro e prata,

eu lhes trago vinho e pão,

que é pra viverem em paz e união...

Outro lavrador:

Tão tristonho que eu vinha,

tão risonho vou voltar...

E Ela:

Venham cá, meus companheiros

Seu desejo realizar..

PEDRO — E você, Tutzi, o que é que você sonha? O que é que está buscando?

TUTZI — Eu...? (*Levanta os olhos para ele e diz, devagar*) Pedro...Seu rosto, seus olhos... É o fogo da fogueira que ficou guardado neles? Ou é a luz do amanhecer que agora põe neles esse brilho? O que eu quero? O que eu quero agora é só poder ter seu rosto perto do meu. E ver sempre em seus olhos essa luz e esse fogo...

PEDRO — Vem!

Abraço, olhos nos olhos, agora dançando juntos.

A bailarina Vita se aproxima e vem dançar em torno deles.

ELA — E para onde vocês vão?

TUTZI — Para aqui, para lá, acolá, para todos os lugares...

PEDRO — Para onde o sonho dos homens estiver buscando caminhos... E construtores e lavradores ajudando a abrir espaços até lá.

Grupo, saindo, retorna ao coro:

Tenho fome e tenho frio
quero espaço e chão
pra brotar minha semente
e ver nascer meu grão...

ELA (*de novo no arco-íris e sob a música ainda*) — E quando ela brotar e crescer... eu virei morar para sempre com vocês!

Música e coro crescem marcando o

FIM

DE HISTÓRIAS E LENDAS

**Prêmio no Concurso de Peças Radiofônicas
da Fundação Konrad Adenauer - 1980**

**Em razão da premiação, foi gravada e veiculada em 1980/ 1981 na Alemanha pelas redes
de rádio da Westdeutscherundfunk e da Deutschewelle.**

E no Brasil pela Rádio MEC com Direção de Alan Lima.

LOCUTOR — No programa temos hoje

Entra um motivo de pastoreio, em flauta rústica e ritmo surdo de milonga
pampeana.

CANTADOR — Era uma vez...

Toda história começa "Era uma vez..."
sem ver ou sem explicar
que essas vezes, repetidas,
são tantas e tantas vezes

que por isso nossa história
não se pára de contar;
que a história que hoje se conta
em certo tempo e lugar
continua outras histórias
que hão também de continuar.
Nós, contadores de histórias...

Mudança de andamento sobre o mesmo ritmo anterior (a 2 ou 3 vezes)

CORO — ...somos as vozes que ouvimos,

Somos as cenas que vemos,
as falas de amor e dor
que fazem a vida do homem
procurando seu caminho
de vida e de liberdade.
Caminho que são caminhos...
Por isso que toda história
começa "Era uma vez..."

Volta ao tempo de milonga pampeana.

CANTADOR (*Fala ritmada*) —

Em tempo que ninguém diz
se é próximo ou distante,
vivia em pagos do sul
estancieiro muito rico,
um dono de muitas terras,
grande senhor do lugar.
Como senhor se isolava,
cavava altura e distância,
a poucos abria a porta,
menos ainda amizade.
Só três viventes podiam
olhar bem nos olhos dele:
o filho, que era o herdeiro,
dono futuro de tudo;
o seu baio Sete-Léguas,

parlheiro de confiança;
e um escravo menino
que cuidava do cavalo.
Como escravo não tem nome ()
era chamado Negrinho ... (bis

Música introduz o tema do Negrinho — motivo de flauta, agora com vozes femininas.

CORO — Negrinho...

Negrinho sem nome, Negrinho menino
Negrinho – só cor.

VOZES NO SONO DO MENINO —

Uma só — Acorda menino...
Outras — Acorda menino,
acorda menino, menino, menino...

VOZ MASC. — Pro galope! Anda!

NEGRINHO (Sonolento) — Tá frio... Tô com frio...

CORO (Masculin) —

Acorda, menino...
Lá fora inda é noite
e o frio galopa nas costas do
vento...
Acorda, menino, me-ni-no...

VOZ — Acorda !

NEGRINHO — Ahn... Ai! Espera, já vou, estou indo!

VOZ — Se o patrão te pega dormindo essa hora...

OUTRA VOZ — Coitado do menino...

VOZ — Mas é ele que tem que galopar o parlheiro baio do patrão. O patrão quer.

OUTRA VOZ — O patrão quer...

CORO (VOZES) — Vem dia, sai dia,

vem dia, sai dia...
No escuro da noite, toda madrugada,
Negrinho galopa sua fome e seu frio...

Fala do coro surgida de ritmo de percussão que marca o galope.

Negrinho galopa,

galopa, galopa,

Negrinho galopa sua fome e seu frio...

UMA VOZ — Porque o patrão disse que é assim que ele quer!

A percussão corta gradativamente com o coro e o galope continua, sumindo...

Funde com risada alegre de criança.

GAROTO — Papai! Olha! Galopa, Negrinho! Pai! Olha eu aqui, montado no Negrinho!

Anda, upa! Salta, meu cavalo!

PATRÃO — Cuidado, você cai...!

GAROTO — Me empresta o chicote, pai! Me dá teu chicote!

NEGRINHO — Chicote, não... Chicote dói, patrãozinho... Ai!

GAROTO — Salta, molenga! Upa, salta, Negrinho-cavalo!

NEGRINHO — Ai...

PATRÃO — Cuidado! Se ele cair, você vai ver...!

Ruídos e vozerio surgem e crescem, em fundo, como de gente se aproximando.

GAROTO — Que é isso, pai? Que é isso lá fora?

PATRÃO — Hoje é dia de festa, meu filho. Festa de santo grande.

GAROTO — Eu quero ver! Vamos lá ver!

Ruídos e vozeiro sobem e com eles, em fundo, música típica — sanfona e viola.

Em meio à música e ruídos, uma conversa à parte.

PATRÃO — Como é, Compadre João, não queres saber se teu mouro é ou não é um bom cavalo? Estou com mil moedas de ouro aqui. E querendo fazer duas mil...

COMPADRE — Qu' é isso, compadre! Meu mouro é bom, que eu sei, mas não é páreo pro teu baio.

PATRÃO — (Ri) Faz promessa pro teu santo... quem sabe isso ajuda um pouco?

COMPADRE — Se acreditasse em milagre... Mas ainda assim eu não arrisco... se não me der vantagem.

PATRÃO — Vantagem...?! Vantagem é coisa que não dou nem pra irmão, compadre! Aposto é aposta: correr trinta quadras, tanto o baio quanto o mouro! Olha, estão aqui as mil moedas: é pegar ou largar. Sem perder tempo em prosa, que tempo também é dinheiro.

COMPADRE — Tá bom, compadre. Aceito teu desafio: meu mouro é aguentador... e capaz de te dar susto!

PATRÃO — Ah!... Susto, com meu baio Sete-Léguas? Inda não vi páreo pra ele!

COMPADRE — Pois vamos ver!

PATRÃO — Oia! Atenção, peonada! Acertei uma carreira com o compadre João Cardoso!
Podem fazer as apostas! Mil moedas de ouro que meu baio Sete-Léguas é o cavalo mais corredor da região!

Gritaria de saudação da gauchada reunida:

CORO — Oooooopa!

Vozerio cresce de novo. Nele se destacam frases esparsas:

— O baio é bom! Ligeiro que nem vento!

— Nada, che! O mouro é mais parlheiro!

— Na largada o baio ganha!

— Na cancha o mouro é que aguenta!

— Ele tem fogo nos cascos!

— E o mouro fogo nas ventas!

— Trezentas pra mim no baio !

— Pra mim, quinhentas no mouro!

— Cem prá mim!

— Eu dobro a tua! Duzentos!

O ritmo da música também foi crescendo com a batida de mãos e pés acompanhando agora a sanfona.

VOZ — Patrão! Quem monta o baio ?

PATRÃO — O Negrinho! Tu que vais montar, Negrinho!

NEGRINHO — Ahn...? Eu...? EU, montar...?...

Som sumindo em silêncio marca o mergulho do menino em si:

VOZ — (*Sussurro, voz interna*) Você vai montar... E se o baio perde? (*crescendo*) E se o baio perde ?...

Vozes crescendo com o retorno da música, cujo ritmo e tom sobem, sobem, mais e mais: efeitos instrumentais sublinham as falas...

VOZES — E se o baio perde?

Se você perder?

Se você perder?

Se você perder?

...Até virar um "galope" alucinado da viola, mãos e pés que são o próprio pânico e tensão do menino, murmurando:

NEGRINHO — — E se eu perder... ? Nossa Senhora, minha mãe! Me ajuda, mãe, me ajuda, minha mãe! Mãe...! Mãe...

VOZ — Eu aposto no baio do patrão!

OUTRA VOZ — E eu! Que o patrão não joga pra perder!

VOZ — (*Sussurro*) E se o baio perde, Negrinho?

GRITO — Tá na hora da largada!

Alarido geral introduz acordes suspensivos e com eles o cantador. Galope faz fundo.

CANTADOR (*Música*) —

Parelheiros! tão na cancha,
tá na hora da largada
o baio tá retouçando
e o mouro pedindo quadra...
Parelheiros tão na cancha
tá na hora da largada
vai baixar o lenço branco...
Largaram na carreirada!

Retorna ritmo vivo anterior:

Largam juntos,
de arrancada,
em parelha
coleirada!

CORO (*No ritmo*) —

Vamos, baio!
Vamos, mouro
A carreira vale ouro!

CANTADOR — Vão gemendo

vão zunindo
galopeando
quadra a quadra

CORO — Vamos, baio!

Vamos, mouro!
A carreira vale ouro!

CANTADOR — Batem cascos

Geme o vento
Baio é estouro

Mouro é raio!

CORO (*Cresce*) — Vamos, baio!

Vamos, mouro!

A carreira vale ouro!

CANTADOR — A parelha

cola a cola

disparando na poeirada,

a gauchada

na agonia

mais aumenta

a barulhada:

CORO — Vamos, baio!

Vamos, mouro!

A carreira vale ouro!

CANTADOR — De repente...

o que é que houve?

O silêncio cobre a quadra:

o baio de supetão

empinou meio à carreira

o mouro passou ligeiro

o baio retoma o chão

mas o mouro pegou frente...

cruza o laço de chegada!

Ritmo desce. Gritaria, vozerio.

CANTADOR (*Fala*) — Perde o baio,

ganha o mouro...

E a carreira vale ouro!

VOZES — São mil moedas de ouro! Mil moedas... Duas mil... (*Eco*) Mil... mil...

COMPADRE JOÃO — Tá ali meu poncho, compadre, estendido no teu chão!

Pode jogar em cima dele as mil moedas de ouro!

PATRÃO — Não foi jogo limpo!

O vozerio cessa súbito:

COMPADRE — Não foi...? Quem disse que não?

PATRÃO — Eu mesmo que estou dizendo!

COMPADRE — Se foi à vista dos homens!

PATRÃO — E eles lá sabem o que vêem!...

COMPADRE — Como é que não? Todos viram! Estavam todos aqui!

A pausa marca a tensão.

PATRÃO — Vá lá! Não brigo por pouco! Toma as tuas mil moedas!

Som do dinheiro. Alarido saúda o gesto, e vai descendo pouco a pouco marcando a transição para tom de lamento que muda a cena:

PATRÃO (*Para si*) — A culpa foi do Negrinho! A culpa foi desse negro! Ah, negro sujo, safado! Hás de me pagar por isso! Onde está esse Negrinho?

Música retornando ao motivo do Negrinho, em flauta.

NEGRINHO — Minha mãe, o que é que eu faço? O que é que eu posso fazer? O que é que eu posso fazer?...

PATRÃO — Ah! Estás aí? Vem comigo!

CORO — Negrinho menino

Negrinho sem nome

Negrinho — só cor

Menino nascido com sina de escravo...

UMA VOZ — E ser escravo é *sina*? Ou é *condição*?

CORO — Mesmo *condição*, triste *condição*... Como sair dela, como...

Quebra-se súbito o coro com estalar de chicotes.

NEGRINHO — Ai! Perdão, patrão!

PATRÃO — Ahn! Ainda queres perdão?...

NEGRINHO — Tem pena... Ai!

PATRÃO — Espero que assim aprendas! Mas não penses que é só isso: surra do relho não basta pra pagar as mil moedas! Passados dois ou três dias, teu corpo esquece o castigo! E eu quero te deixar *marca*, pra que nunca mais repitas!

NEGRINHO — Perdão, patrão, perdão! ... Eu não fiz por querer... Eu não fiz... Eu não... Eu...

PATRÃO — Anda!... Estás vendo aquele sítio? Trinta quadras tinha a cancha da carreira que perdeste. Pois bem: trinta dias ficarás sem sair dali, de estaca, pastoreando minha tropilha de trinta tordilhos negros! Ai de ti, se saís dali por um minuto que seja! Sol e chuva, noite e dia, não podes sair de lá!

Cena fecha sobre os gemidos do menino e o pisar das botas se afastando.

Vozes dissonantes (masculinas), graves, iniciam coro:

CORO — Menino, escravo menino

escravo sem voz nem vez
que só sabe o preço e a paga
do que não viu e não fez,
joguete nas mãos dos outros,
sua vida é esperança
que vai minguando no tempo...

MENINO — *(num sussurro)*

Baio Sete-Léguas,
fica aqui comigo...

CANTADOR — E a noite veio chegando

primeiro mansa e calada
cobrindo também de negro
toda a pele das lombadas,
depois cheia de ameaças,
de fantasmas povoada...

*Efeitos de vozes e instrumentos. Ecos distantes sublinham a fala do coro que
repete motivo inicial do canto:*

NEGRINHO — Minha mãe, madrinha

que olhos são esses
brilhando no escuro
em volta de mim ?

CORO — Vento, vento frio

voraz e veloz
navalha no ventre
do escravo sem veste...

NEGRINHO — Vento que me corta

que vozes são essas
gemendo no escuro
em volta de mim?...
Fica aqui comigo,
meu cavalo baio...

CORO — Chuva, chuva fina,

chibata na face,
chamando a saudade

de teto e calor...

NEGRINHO — Minha mãe, madrinha

não vejo mais nada,

não sei onde estou...

Por que tanta noite,

por que tanto frio,

por que tanto escuro

em volta de mim?..

Fica aqui comigo... *(bis)*

Motivo inicial repetido

CORO — Menino, escravo menino,

escravo sem voz nem vez...

que só sabe o preço e a paga

do que não viu e não fez...

Coro sustenta, a boca fechada, o som, embalando o menino e seu lamento:

NEGRINHO — Baio Sete-Léguas

fica aqui comigo,

juntando bem junto

minha pele e seu pelo

ponho fora o frio,

passa meu pavor...

Fica aqui comigo,

meu cavalo baio,

põe assim bem junto

minha pele e teu pelo,

tua pele e meu pelo,

bem juntos... assim,

meu pelo e teu pelo,

teu pelo... assim...

meu pelo... teu pelo... assim...

Zum-zum subindo em fundo, sobrepondo-se aos ruídos, cresce até vozes:

VOZES — Fugiu, Sete-Léguas!

— Cortaram as amarras!

— Quem pode ter sido?

— Negrinho perdeu todo o pastoreio!

— Perdido até ele! Se o patrão souber...

GAROTO — Pai! Pai, seu baio fugiu!

PATRÃO — Ahn?.. Fugiu, como?

GAROTO — Fugiu o Sete-Léguas! E a tropilha toda!

PATRÃO — Mas... fugiram como? Negrinho, onde está?

GAROTO — Negrinho estava dormindo...

PATRÃO — Vamos lá agora!

NEGRINHO — Fugiram... Sete-Léguas, tu fugiste... Fugiste... E eu, Sete-Léguas? Agora o patrão me mata... Me mata... Vai me matar!... Tu fugiste... E eu? Fugir...? Fugir para onde?

CORO — Menino, escravo menino,

Sua vida é esperança

Que vai minguando no tempo

Sendo a presença da morte

ameaça companheira.

PATRÃO — Onde está esse Negrinho?

Silêncio súbito e geral.

PATRÃO — Não te disse, negro moleque, para olhar os meus cavalos? Achas pouco teu castigo? Ahn? Ainda achas pouco?

Chicote estalando.

NEGRINHO — Ai!...

PATRÃO — Não sei porque é que não te arrevento de uma vez! Que minha vontade é te quebrar em pedaços!

NEGRINHO — Aai!...

PATRÃO — Mas não vou cansar meu braço! Só não acabo contigo porque ainda me debes. E o que me debes... tua vida não paga! Antes de findar o dia, quero aqui os meus cavalos! Ouviste? Os trinta tordilhos negros e mais meu cavalo baio! Antes de findar o dia! Vai já atrás deles! Anda!

VOZ — Mas ainda é quase noite! A cerração tapa tudo, até a barra do dia!

PATRÃO — Que me importa!... Pra fugirem foi bastante! (*Afastando-se*) Vai procurar o perdido, anda! Até a noite, não esqueças! Quero aqui os meus cavalos! Se não...

NEGRINHO — Mas não sei pra onde foram... Estou perdido... perdido...

CORO (Duas vozes, uma masc. e uma fem.)

— Aqui lenda e história
viram uma coisa só,
misturando fato e fado,
o real acontecido e
o destino imaginado
VOZ FEM. — vivendo na fantasia
o que o real não deixou,
VOZ MASC. — sonhando valor e glória
que a vida não permitiu.

CORO (Duas vozes) —

Aqui, o fato e a lenda
juntam vozes pra contar.

HOMEM — Calma, Negrinho, me escuta, que eu sou a voz da história. Teu caso não é perdido... Pra tudo há solução.

MULHER — (*Corta*) A Virgem vai te ajudar!

HOMEM — Presta atenção ao que digo: não é a primeira vez que um cavalo foge assim...

MULHER — Eu te ensino a oração pra Senhora dos Aflitos!

HOMEM — A experiência dos outros pode mostrar as saídas... Outros passaram por isto...
Atenta pra experiência. Vê o que os outros fizeram...

MULHER — Pede à Virgem, nossa Mãe, que ilumine teu caminho!

HOMEM — Pensa só nisso: *o rastro*. Pensa de cabeça fria: que a terra guarda a marca dos
que nela passam! Segue o rastro, devagar, que hás de encontrar a tropilha!

MULHER — Toma esse coto de vela que tirei do altar da Virgem! Que a luz de sua vela te
mostrará o caminho!

CORO MASCULINO — Segue o rastro que há na terra!

CORO FEMININO — Pede à Virgem que te guie!

CORO MASCULINO —

Vai, Negrinho,
segue a voz da experiência,
que te dá a solução!

CORO FEMININO — Vai, Negrinho,

tua mãe segue contigo
e ilumina teu caminho!

CORO GERAL (*Vozes se fundem*) —

Vai, menino, negro e escravo,
mas não vás sem esperança:
olha a terra onde pisas,
que essa terra guarda marcas;
ouve a voz que trazes dentro,
que é a voz de tua mãe.

CORO (*Ritmo passando a música*) —

Olha, ouve, e busca, atento
que hás de encontrar o caminho
Busca, busca, busca,
que hás de encontrar o caminho!

FEM. — Busca, mesmo quando vejas
que a cerração é fechada,
Busca, mesmo que a cobrança
deslize por tuas costas
como faca carneadeira,
Olha, ouve e busca! Busca!
Que hás de encontrar o caminho!

HOMEM — Olhem! Aumentou a claridade!

MULHER — É a vela que ele leva e vai pingando no chão! Cada pingo é uma luz nova,
nascida da anterior. E essas luzes todas, juntas, filhas da que ele carrega, clarearam o
campo todo!

HOMEM — A luz dele e a luz do sol surgindo vão iluminar seu chão. E o rastro que marca a
terra vai lhe mostrar o caminho!

*Música faz a transição, primeiro só com variações sobre o tema anterior ("ouve,
busca..."), que se dilui devagar para o tema do "Negrinho, escravo menino", em
flauta e violão, fazendo fundo para:*

NEGRINHO — Baio Sete-Léguas! Vem cá, seu fujão! Então, pensou que não te via? Pensou
que eu não ia achar teu rastro? Mas eu vi! Eu vi o teu rastro e vim te buscar! Eu sabia
que te achava! Eu sabia! E os outros todos contigo... Agora posso voltar...

CANTADOR (*Fala*) —

Nos campos da terra,
tornada caminho,

ele passou;
passou seu passado,
montando o futuro,
ora aberto
para o montador
que conduz a tropa,
achada,
para onde quer...

Música sublinha pausa.

A noite ora vela
teu sono tranquilo,
cavaleiro;
teu sono e teu sonho,
menino, teu sonho
menineiro...

Música – um canto de ninar - sublinha clima onírico e mantém-se em fundo.

NEGRINHO — Minha Mãe, Nossa Senhora! Que faz, parada no ar?

MÃE — Vim te cobrir com meu manto e velar pelo teu sono... Então não sou tua mãe?

NEGRINHO — Mãe...? Eu nunca pensei de ter u'a mãe tão branca... Nunca pensei de ter u'a mãe senhora...

MÃE — Deita a cabeça em meu seio... E descansa teu cansaço...

NEGRINHO — Com tua mão no meu rosto eu fico tão leve... leve... parece que sou de vento... É tão bom estar contigo... Contigo não tenho medo... Mãezinha... Minha mãe...

Grito súbito corta o clima:

VOZ — (*Grito*) Não! Não faz isso!

Risada de criança:

GAROTO — 'bora, cavalo! Chô!... 'bora, vai!

Tropel de corrida. Gritos: pega! Cerca! Segura!

VOZ — Não faz isso, menino maleva!

GAROTO — Vou dizer pra meu pai que Negrinho dormiu e os cavalos fugiram! (*Afastando-se*) Pai!... Os cavalos fugiram de novo...

NEGRINHO — Os cavalos...! Não!...

VOZ — Fugiram!

OUTRA — O diabinho enxotou e saíram campo afora!

VOZ — Sinto muito, Negrinho... Tens que ir buscar de novo.

OUTRA — E se ele não conseguir?

VOZ — Cala essa boca, idiota!

NEGRINHO — De novo! De novo... Começar tudo, outra vez?

VOZ — Recomeçar é mais fácil! Já sabes o que fazer.

NEGRINHO — É difícil... Tô quebrado... Passei ontem o dia andando... Num tô aguentando mais...

VOZ — Um de nós irá contigo! Não desista! Não desista!

Música, ritmo acelerado, marca a transição.

PATRÃO — Onde está esse moleque? Ah, ainda parado aí? Eu avisei, não avisei? Pois vais ver o que é bom! Pra começo de conversa, vais apanhar de chicote até não ter no teu corpo um pedaço só sem risco! Justino, pega esse negro e amarra no palanque! Pra surrar quero dois homens: quando um cansar, o outro pega!

VOZ — Ele não vai aguentar...

PATRÃO — Perguntei alguma coisa? Pedi tua opinião?

VOZ — É que ele inda é menino! E já não aguenta mais!

PATRÃO — E o que é que tens com isso?

VOZ — É que a culpa não é dele! Foi seu filho, o patrãozinho, que soltou os cavalos todos!

PATRÃO — Se não estivesse dormindo não deixava acontecer! Risco-lhe o corpo a chicote que ele assim não dorme mais!

VOZ — Ele não vai aguentar...

Zum-zum repetindo a frase: Não vai aguentar... não vai aguentar...

PATRÃO — E daí, se ele não aguenta? Dez negrinhos como esse compro na feira, barato, a hora que eu quiser!

VOZ FEM. — (*Sussurro*) Chama por tua madrinha!

NEGRINHO — (*Sussurro*) Minha mãe, me protege, minha mãe...

PATRÃO — Justino, leva esse negro!...

CORO — Menino, escravo menino

escravo sem voz nem vez

que só sabe o preço e a paga

do que não viu e não fez,

parece que vê chegada

sua hora derradeira

vida — esperança perdida,

morte — presença certa...

Permanece em fundo, a boca fechada, como lento canto fúnebre sobre o qual vai soar a fala:

VOZ — Patrão!... O menino... Negrinho... Negrinho está morrendo, patrão... Nós bem que dissemos... ele não ia aguentar... A gente sabia que ele não aguentava... Acho que agora, mesmo que pare o castigo, ele não escapa mais!

PATRÃO — Teve castigo porque mereceu! Vai fazer menos falta que meu baio, que trabalho de menino rende pouco!

VOZ — Se ele morrer... pode pegar madeira no depósito pra fazer o caixão?

PATRÃO — Caixão para negro escravo? Ainda nem acharam meus cavalos, não quero ninguém perdendo tempo em fazer caixão! Tira ele do palanque e amarra na boca do formigueiro! Aquelas formigas vermelhas dão cabo dele de vez!

VOZ — Na boca... do formigueiro?!...

PATRÃO — E pára de me olhar com essa cara de espanto! Anda, vai! Daqui a pouco vou lá ver se fizeram o serviço direito! E se ouvir sinal dos homens me avisa! Quero é ver se acharam meu baio e mais os tordilhos!

Canto fúnebre prossegue e funde com violão que entra, em acordes nervosos; sublinhados por flauta e percussão:

CANTADOR — Gemendo e chorando

chorando e sofrendo
sofrendo e gemendo
gemendo e chorando
chorando chorando
gemendo gemendo
sofrendo sofrendo
sofrendo de dor!

Som agudo, prolongado em eco, vai retornando à batida anterior.

Gemendo e chorando
chorando e sofrendo
sofrendo e gemendo
gemendo de dor...

Som agudo prolonga de novo a voz em eco. Música se mantém, sublinhando fundo.

VOZ — Gemendo e chorando,

o escravo caminha
caminha, caminha,
sem rumo, sem norte,
sua vida, sua morte
marcados de cima
pelo seu senhor.

CANTADOR — Dói, dói, dói, dor seu viver!

Ai!... Dor... Dói... Dor... seu viver...

HOMEM — Negrinho... está morto.

Pausa. Do silêncio surge, lento, o coro:

CORO — (*Falado*) Mais um que morre

escravo.

Escravo, trabalha-dor,

escravo da dor que trabalha

seu corpo, seu norte,

sua vida, sua morte

que crava em seu rumo

a voz do senhor.

Batida súbita. Suspensiva. Retornam as vozes da lenda e da história:

MULHER — Eu vi!

HOMEM — Foi sonho...

MULHER — Não foi sonho, não! Eu. vi!

HOMEM — Sonho, mulher... Negrinho tá morto.

MULHER — Mas eu vi! Eu vi o menino correndo nos campos com toda a tropilha de tordilhos negros! Corria, corria, galope cerrado, a crina do baio subindo no vento!

Quando olhei de novo... subia no céu, no rumo das nuvens!

2º HOMEM — Era manhãzinha, cerração fechada... mas eu também vi!

HOMEM — Sonho, Mateus...

MULHER — Sonho ou não, vou rezar pra ele! Pedir proteção pra nós que ficamos! Que ele nos proteja!...

Tema acima em fundo para reintroduzir o cantador:

CANTADOR (*Fala ritmada*) —

Pedir proteção...

Pedir proteção?

Quem protege o homem
contra a fome e o frio,
quem protege o escravo
das mãos do senhor,
quem protege a vida
de ficar perdida,
quem protege o homem
na luta e na dor?

CORO FEMININO — (*canta*) ...gemendo e chorando
chorando e sofrendo
sofrendo e gemendo
gemendo de dor!

HOMEM — Protege quem sabe da luta da vida,
protege quem sabe de morte e de dor,
protege quem deixa na história do homem
um rastro marcado, um risco enfrentado,
um rosto vincado de luta e suor...

VOZES (MISTAS) — Vou pedir a ele que me ajude e guie!
— Vou pedir a ele sua proteção!
— Vou pedir a ele que ache o que perdi!
— Que ele ensina o caminho...
— Que ele sabe os caminhos!

HOMEM — Na História, no mito,
na lenda, no canto,
vão ficando as marcas,
os rasgos, os riscos,
os rastros, os rostos,
os rostos marcados de luta e suor... (bis)

CANTADOR — Até que alguém, algum dia,
vem contar: "Era uma vez..."

Retorna ao início, com o cantador:

CANTADOR (*canta*) — Era uma vez...
Toda historia começa "era uma vez..."
sem ver ou sem explicar

que essas vezes, repetidas,
são tantas e tantas vezes
que por isso nossa história
não se pára de contar;
que a história que hoje se conta
em certo tempo e lugar
continua outras histórias
que hão também de continuar...

versos finais repetidos, em eco, descendo, descendo até o

Fim.

